

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica

Angústia e tempo na obra freudiana.

Thais Klein

2016



Angústia e tempo na teoria freudiana.

Thais Klein

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.
Orientadora: Regina Herzog

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Angústia e tempo na teoria freudiana

Thais Klein

Orientadora: Regina Herzog

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Prof. Dra. Regina Herzog, UFRJ (orientadora)

Prof. Dra. Josáfa Gondar, UNIRIO

Prof. Dr. Julio Verztman, UFRJ.

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Klein, Thais.

Tempo e angústia na obra freudiana.

Klein, T. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2016.

116 f.; 27,2 cm

Orientadora: Regina Herzog

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2016.

Referências Bibliográficas: f. 116.

1. angústia 2. Tempo 3. Psicanálise 4. Dissertação (Mestrado). I. Herzog, Regina. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto de Psicologia / Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Dedicatória

Para Tais, minha vó, que me deu o nome, a música e tudo mais.

Agradecimentos

Ao longo do doloroso processo de escrita, me deparei inúmeras vezes pensando naqueles que gostaria de explicitar minha gratidão. Não imaginava, todavia, que seria tão difícil colocar afetos em palavras. Em primeiro lugar, agradeço à Regina Herzog pela confiança e principalmente pela importância na minha formação. Com ela, aprendi a escrever e a pensar sozinha. Este êxito é consequência da sua orientação sempre na medida certa: entre cobrança e liberdade, entre crítica e incentivo, entre mestria e amizade. Aos amigos queridos de todos os dias, em especial Julita, Bel e Rômulo, agradeço por serem meus pilares, por me sustentarem quando me permito fraquejar e me lembrarem de que a angústia me cai bem apenas quando mal acompanhada – quando com vocês, ela se transforma em cumplicidade. À minha querida companheira de vida, Viviane, agradeço por ser meu espelho, por não saber quem eu fui ou quem serei sem tê-la por perto. A minha empreitada de escrita e vida de pós-graduanda dupla seria impossível sem a sua presença – não apenas pela inspiração, incentivo ou trocas intelectuais nos jantares dionisíacos, mas simplesmente porque minha vida caminha sempre com a sua. Seria impossível não explicitar também a minha eterna gratidão ao Ebert. Aquele que me ensinou o que é o amor, me ensinou também que o exercício intelectual pode ser feito a dois e que a escrita da vida será sempre mais bela a quatro mãos. À minha mãe e amiga Luciane, por estar sempre por perto e ao meu pai, Julio Cesar, por ter me exigido pensar desde cedo. Agradeço aos meus queridos companheiros de dança, em especial minha mestra Gleu, William, Elaine, Silvia e Cia Bamboyá por me fazerem transformar a angústia em movimento, por me lembrarem de que a vida está para além da academia e que o meu corpo, ainda vivo e potente, pode também escrever. Às queridas psicólogas, Fernanda, Iaci, Luciana, Ana Paula, Alice e Carla, agradeço por estarem sempre de ouvidos atentos, conselhos acolhedores na ponta da língua e dispostas a apontar para a realidade banal, e talvez mais importante, que procuro esconder atrás dos livros. Por fim, mas não menos importante, aos queridos colegas e amigos de profissão que agradeço pela parceria, pela confiança, incentivo e admiração. Em especial, Aluisio Menezes, aquele que me escuta e ao mesmo tempo me ensina a pensar *autrement* (*autre-ment*). Aos meus colegas do mestrado (tanto da UFRJ, quanto da UERJ) que mostraram que angústia pode ser vivida em conjunto, aos amigos do NEPECC sempre dispostos a ajudar e a trocar, aos professores do PPGTP que incentivaram e ajudaram a construir este escrito e ao CNPq pelo financiamento.

Resumo

KLEIN, Thais. *Angústia e tempo na obra freudiana*. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente escrito consiste em uma revisão das teorias sobre a angústia presentes na obra freudiana, articulando-as com a temporalidade.

No primeiro capítulo, apresentamos como Freud descreve em sua obra duas dimensões da angústia. Uma dimensão mais elaborada articulada às psiconeuroses, ou, como são chamadas posteriormente, às neuroses de transferência, e ao mecanismo de recalque; e outra, menos elaborada e de cunho traumático, que aparece, principalmente nos primeiros escritos freudianos, relacionada à questão das neuroses atuais. Esta descrição sofre, em 1926, uma mudança quando estas duas dimensões passam a se configurar como indissociáveis através das designações de angústia automática e angústia sinal; a primeira correlata à dimensão traumática deste afeto e a segunda à dimensão mais elaborada.

No segundo capítulo, vamos explorar a dimensão mais elaborada deste afeto articulando-a ao tempo do *a posteriori*.

No terceiro capítulo, o enfoque recai na angústia de cunho traumático e sua relação com a temporalidade calcada no vazio temporal.

Por fim, procuramos reafirmar um ponto de vista que se manteve ao longo de toda a dissertação, a saber: não se trata de patologizar a experiência traumática de angústia e positivar uma outra dimensão deste afeto, mas de poder enxergar a potência que este afeto comporta.

Palavras-chave: Angústia; Tempo; Psicanálise;

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Abstract

KLEIN, Thais. *Anguish and time in Freud's work*. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

These writings consist on a review of the theories on anguish present in Freud's work, articulating them with temporality.

In the first chapter we introduce how Freud describes two dimensions of this affect in his work. A more elaborate one related to psychoneurosis, or, as they would be called subsequently, transfer neuroses, and to the mechanism of repression; and another, less elaborate and of a traumatic nature, that appears, especially in the first Freudian writings, related to the issue of actual neuroses. In 1926 – through the designations of automatic anguish and signal anguish – this description suffered a change, where these two dimensions would be considered as indissociable.

In the second chapter we explore the more elaborate dimension of this affect linking it to the temporal notion of *a posteriori*.

In the third chapter the focus is on the traumatic nature of anguish and its relation with a temporality characterized by a temporal void.

Finally, we seek to reaffirm a point of view which was kept throughout the dissertation, namely: it's not about pathologizing the traumatic experience of anguish while elevating another dimension of this affect, but being able to see the potency that this affect holds.

Keywords: Anguish; Time; Psychoanalysis;

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Sumário

Introdução	p. 11
Capítulo I – As duas dimensões da angústia na obra freudiana	p. 18
I.1 – A dimensão mais elaborada da angústia	p. 20
• A vivência de satisfação no Projeto: da angústia ao desejo.....	p.21
• A imaturação biológica e a angústia: o caso Emma.....	p.24
• A angústia e a transformação da libido: o caso Hans.....	p.26
• A angústia nos textos metapsicológicos.....	p.30
• A 25ª Conferência: um texto ponte.....	p.31
I.2 – A angústia traumática	p.33
• A vivência de dor no Projeto: angústia e falência do aparato psíquico.....	p.33
• A angústia e as neuroses atuais.....	p.35
• O narcisismo e as questões colocadas à teoria da angústia.....	p.39
• As duas faces do estranho: do retorno do recalcado ao aspecto demoníaco....	p.42
• A virada conceitual de 1920 e as consequências para a teoria da angústia.....	p.45
I.3 –As dimensões da angústia a partir de 1926: as duas faces da mesma moeda.....	p.48
• A angústia e o trauma do nascimento.....	p.50
• A angústia automática e o aspecto intensivo: da vivência de dor às neuroses traumáticas.....	p.52
• A angústia e as neuroses de transferência: uma dimensão mais elaborada.....	p.54
• Da angústia automática à angústia sinal.....	p.54
• A angústia de castração.....	p.57
Capítulo II – A angústia e o <i>a posteriori</i>	p.61
• <i>Nachträglichkeit</i> : ação retardada ou <i>a posteriori</i> ?.....	p.62
• A angústia e o tempo em dois tempos: o caso Emma.....	p.65
• A angústia e tempo no caso do pequeno Hans.....	p.70
• Angústia e temporalidade no caso do Homem dos lobos: o <i>a posteriori</i> e a construção da cena originária.....	p.73
• Da angústia traumática à angústia de castração: restituição e repetição.....	p.77
• O tempo e a angústia de castração.....	p.79

Capítulo III – A angústia e o tempo sem tempo.....	p.84
• Entre o tempo e o espaço.....	p.84
• Angústia e tempo nas neuroses atuais: os sentidos do “atual”	p.87
• Angústia e tempo na hipocondria a partir do filme “Sinédoque, New York”	p.88
• A angústia e as neuroses traumáticas: o eterno retorno do mesmo.....	p.94
• A angústia automática: do tempo vazio ao presente absoluto.....	p.97
Considerações Finais.....	p.101
Referências bibliográficas	p.107

O Relógio.

Relógio! deus sinistro, hediondo, indiferente,
 Que nos aponta o dedo em riste e diz: “*Recorda!*
 A Dor vibrante que a alma em pânico te acorda
 Como num alvo há de encravar-se brevemente;

Vaporoso, o Prazer fugirá no horizonte
 Como uma sílfide por trás dos bastidores;
 Cada instante devora os melhores sabores
 Que todo homem degusta antes que a morte o afronte

Três mil e seiscentas vezes por hora, o Segundo
 Te murmura: *Recorda!* – E logo, sem demora,
 Com voz de inseto, o Agora diz: Eu sou o Outrora,
 E te seguei a vida com o meu bulbo imundo!

Remember! Souviens-toi! Esto memor! (Eu falo
 Qualquer idioma em minha goela de metal)
 Cada minuto é como uma ganga, ó mortal,
 E há que extrair todo o outro até purificá-lo!

Recorda: o Tempo é sempre um jogador atento
 Que ganha, sem furtar, cada jogada! É a lei.
 O dia vai, a noite vem; *recordar-te-ei!*
 Esgota-se a clepsidra; o abismo está sedento.

Virá a hora em que o Acaso, onde quer que te aguarde,
 Em que a augusta Virtude, esposa ainda intocada,
 E até mesmo o Remorso (oh, a última pousada!)
 Te dirão: Vais morrer, velho medroso! É tarde!”

(Charles Baudelaire, *As flores do mal*, 1985)

- **Introdução:**

*“Pain has an element of blank
It cannot recollect
When it began, or if there were
A Day when it was not,*

*It has no future but itself,
Its infinite realms contain
Its past, enlightened to perceive
New periods of pain.”*

Emilie Dickson (1896/1998, p.142)

Aquilo que serviu de mola propulsora aparece, infelizmente, apenas de maneira tímida nas entrelinhas deste escrito. É preciso, portanto, refazer este caminho para que os leitores compreendam o que está como pano de fundo desta pesquisa e que, em última instância, foi sua condição de possibilidade. Poderia dizer que este aspecto consiste “na *minha* experiência clínica”, no entanto, esta expressão possui uma conotação eminentemente não clínica, na medida em que a clínica não se faz sozinho, mas, ao menos, a dois. Isto porque, embora a angústia comporte um aspecto solitário, é justamente na relação transferencial que se pode, de certa forma, experienciar este afeto. Seja na nossa angústia, como analistas, de nos depararmos como limite do nosso saber e com o abismo intransponível que há entre nós e o sofrimento do outro; seja, na possibilidade de nos abirmos à escuta de tal forma que nos permitimos “sentir com”¹ o sofrimento narrado pelo outro. Nesse sentido, mais do que o adjetivo “minha”, prefiro utilizar a palavra “relação” e afirmar que o que me motivou a escrever sobre a questão da angústia e do tempo é a relação com aqueles que confiam a mim a escuta de seus sofrimentos; com aqueles que me obrigam a pensar e repensar o meu ínfimo aparato teórico que, muitas vezes, só é suficiente para tentar aplacar minha própria angústia.

Foi justamente neste contexto, que meu aparato teórico se fez falho, deixando entrever a angústia que aflora quando nos deparamos com sofrimentos que fogem à regra, exigindo um constante trabalho de pensamento. A expressão “regra”, neste caso, está referida à questão neurótica, bastante trabalhada por Freud, isto é, ao *pathos* vinculado a

¹ Expressão utilizada por Ferenczi (1928/1992) para defender uma certa postura do analista na relação transferencial.

um conflito entre desejo e interdição. Quando afirmo que certas situações fogem à regra, refiro-me, mais especificamente, ao encontro clínico com sujeitos invadidos por um sofrimento avassalador, indicando que a noção de angústia sinal não é suficiente para entendê-lo. Isto porque, a angústia sinal diz respeito a uma preparação frente ao perigo, a um trabalho do pensamento realizado para impedir que um sofrimento de cunho traumático invada o sujeito. O que se observa nesses casos, todavia, é uma ausência desta preparação – com inspiração na metáfora nietzscheana², não há um tempo entre o olhar direcionado para o abismo e aquele que este devolve: a visão do abismo é concomitante à vertigem da queda. A angústia não se localiza na história do sujeito, não remete a um passado ou a um presente, trata-se de um vazio, de uma queda sem fim, como o buraco da Alice sem o país das maravilhas.

A partir destas questões teórico-clínicas, algumas perguntas me ocuparam tornando-se inevitável investigá-las: de que tipo de afeto se trata em certos sofrimentos avassaladores não associados, por aquele que sofre, a algum conteúdo, a alguma narrativa, sofrimentos que segundo eles “vêm do nada” (sic)? Haveria nesses casos um sinal de angústia? Seria este afeto correspondente à angústia de castração ou mesmo, conforme esta foi interpretada, à uma falta inerente à condição de humano, inserido na linguagem? E, a pergunta na qual minha hipótese se apoiava: seria possível concebermos um afeto mais arcaico que a angústia de castração? Parecia-me que era justamente algo desta ordem que estava implicado nestes casos. Seria importante, nesse sentido, poder circunscrever melhor este tipo de afeto, pois, até então, a única forma que havia encontrado de defini-lo era pelo negativo, através da ausência de preparação, da ausência de articulação com uma narrativa, de seu cunho traumático. No entanto, não se poderia dizer tratar-se de uma forma diferente de se experienciar este afeto? Não haveria também nele alguma positividade não restrita necessariamente a uma funcionalidade, como o sinal? É preciso estar atento às armadilhas da normatização e à tentação de valorarmos negativamente aquilo que sai de nossos padrões: lembrando Caetano, narciso acha feio aquilo que não é espelho.

Para minha surpresa, ao iniciar a investigação teórica, me deparei no próprio Freud com a discussão de uma dimensão de angústia mais arcaica, menos elaborada do que a

² A metáfora usada por Nietzsche (1886/2001) é “se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (p.99)

angústia sinal, apontando para um caminho interessante no sentido de uma aproximação da experiência afetiva descrita acima. Não foi sem titubear que optamos por utilizar a expressão dimensão – digo no plural, uma vez que esta temática se tornou uma discussão frequente nas reuniões de orientação. De outra perspectiva, conforme veremos ao longo do trabalho, autores como Rocha (2000) e Andre (2001) procuram fornecer nomenclaturas diferentes para o que chamamos de dimensões da angústia. Andre (2001), por exemplo, propõe uma distinção entre angústia e desamparo. A opção em denominar ambos os afetos de angústia, sendo uma mais elaborada e outra de cunho traumático, se fez no sentido de uma lealdade à obra freudiana, na medida em que ao longo desta, ambos os aspectos são referidos pelo termo “*Angst*”, conforme as expressões “angústia automática” (*automatisch Angst*) e “angústia sinal” (*Signalangst*) atestam. Ademais, faz-se importante salientar que na versão consultada das obras freudianas, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, a palavra alemã *Angst* é traduzida por ansiedade. Hanns (1996) indica que o significado desta palavra alemã se aproxima mais da noção de “medo”, no entanto, sua etimologia coincide com a da palavra angústia. “*Angst*” deriva da raiz indoeuropeia *angh* que significa “apertar”, “pressionar”. Ao longo do texto, exceto nas citações literais, escolhi utilizar a palavra “angústia”, pois acredito que esta, devido a sua ligação com a tradição filosófica, se distancia de certo aspecto funcionalista que a palavra ansiedade pode conter – este aspecto coincide, de certa forma, apenas com a ideia de angústia sinal. Logo, no presente trabalho a expressão “dimensões da angústia” é encontrada com bastante frequência. Seria “dimensão” uma palavra adequada? Confesso que não me dou por satisfeita, no entanto, foi a expressão mais apropriada na nossa língua que encontrei para designar o que pretendia dizer, a saber: o mesmo afeto que se apresenta e é experienciado de maneira distinta. Sendo assim, tracei como primeiro objetivo da presente pesquisa detalhar o mais cuidadosamente possível aquilo que chamei de duas dimensões da angústia em Freud.

O primeiro capítulo é o resultado de uma espécie de trabalho braçal sobre a obra freudiana na direção de contemplar este primeiro objetivo: trata-se de uma revisão das teorias sobre a angústia expostas por Freud ao longo dos anos. Este trabalho não comporta por si só qualquer mérito, pois já foi feito por vários autores renomados, dentre eles Lacan (1963/2005), Laplanche (1980) e Rocha (2000). No entanto, é evidente que cada um destes

acaba por realizar uma leitura enviesada da obra freudiana, isto é, que destaca e até mesmo reconstrói certos aspectos que lhes interessam. Nesse mesmo sentido, o que talvez indique que nosso esforço não seja apenas mais um exercício teórico repetitivo, apontando para a leitura particular deste escrito, diz respeito à divisão entre duas dimensões da angústia. Na primeira parte do capítulo 1, uma dimensão mais elaborada deste afeto é explorada. Esta atravessa a obra freudiana relacionada principalmente às psiconeuroses e ao recalque. Já na segunda parte, fazemos o mesmo percurso delineando a dimensão mais arcaica, ou mesmo traumática deste afeto. Na terceira parte, contudo, sustentaremos a hipótese de que a partir de 1926, com o texto “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, 1926/1976), estas duas dimensões tornam-se indissociáveis. Isto porque, a partir das exigências trazidas pelas mudanças do artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1976), que culminaram na segunda tópica, a teoria da angústia foi reformulada e sistematizada por Freud. A partir de então, as duas dimensões da angústia passaram a ser compreendidas como os dois lados da mesma moeda: a angústia sinal é a elaboração de uma angústia mais arcaica. Trata-se da repetição atenuada de uma vivência traumática deste afeto.

Nos capítulos que se seguem, prossigo reforçando esta distinção apresentada previamente. Todavia, procurei responder a outro problema que a pesquisa suscitou, a saber: qual a temporalidade articulada a estes aspectos distintos da angústia? Tal questão também foi levantada pela articulação de indagações teóricas diante da escuta clínica. Os sujeitos que apresentam um sofrimento remetendo a uma dimensão traumática da angústia pareciam estar presos em um eterno presente, uma vez que este afeto não continha, ainda que imaginariamente, uma causa no passado e, muito menos se abria para uma possibilidade de ressignificação no futuro. Diante disto, passei a me perguntar sobre este modo temporal e, articulando-o à questões teóricas, constatei que cada uma das dimensões da angústia apresentadas no primeiro capítulo exige pensar o tempo de maneira distinta.

Discutir o tempo consiste em um trabalho árduo, posto que nos obriga a fazer um exercício de deslocamento da ideia de tempo a que estamos habituados. Conforme aponta Santo Agostinho no século III, o tempo é uma daquelas questões que a princípio todos nós temos a sensação de saber sobre o que estamos falando, até que somos questionados: afinal,

o que é o tempo?³ É sempre importante lembrar a famosa frase de John Wheeler, na qual o autor afirma que “o tempo veste um traje diferente para cada papel que desempenha em nosso pensamento”. Nesse sentido, longe de ser um consenso, este conceito vem sendo discutido por diversos pensadores de diferentes campos ao longo da história. Mais do que explorá-los, em um primeiro momento, passei a me perguntar sobre a minha própria noção de tempo. Concluí, assim, que frequentemente no cotidiano o tempo está relacionado ao espaço, correlato à distância percorrida pelo ponteiro do relógio. As horas, os minutos e os segundos não têm qualidade, não possuem diferenças entre um antes e um depois, simplesmente se desenrolam em uma marcha progressiva para o futuro. No entanto, era evidente a necessidade de me deslocar desse modo de conceber a temporalidade para pensar a sua articulação com as dimensões da angústia.

É justamente na eminência de quebrar com aquilo que parece evidente que a obra de arte nos ajuda. A linguagem cinematográfica permite explorar noções temporais distintas, o que me foi útil para uma melhor aproximação da questão do tempo articulado à angústia. Este afeto, quando não se caracteriza como uma vivência traumática, configura uma experiência que marca um antes e um depois. Nesse sentido, o tempo não pode ser concebido como um conjunto homogêneo, sem qualidades, uma vez que esta ruptura entre um antes e um depois aponta justamente para a sua irreversibilidade. Conforme veremos, apoiados no filme “Morangos selvagens”, a experiência da angústia pressupõe o encontro com um relógio sem ponteiros, um vazio de tempo, configurando uma cisão: não se sai ileso desta vivência. É, no entanto, somente depois que podemos falar sobre esta experiência, somente depois que a significamos. A expressão “somente depois” aponta para um modo temporal distinto da linearidade que vai do passado em direção ao futuro. Trata-se da temporalidade relacionada à ideia de *Nachträglichkeit* presente na obra freudiana que afirma, *grosso modo*, ser no presente que o passado se reconfigura, modificando o que está por vir. Esta dimensão da angústia me obrigou, portanto, a articular dois modos temporais distintos: o tempo vazio e a noção de *a posteriori* (*Nachträglichkeit*). Esta articulação será

³ Vale a pena transcrever na íntegra as divagações deste filósofo sobre o tempo: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” (AGOSTINHO, 1984, p. 304)

explorada no segundo capítulo, onde em um primeiro momento, acompanho como a noção de *a posteriori* foi sendo construída por Freud em sua relação com a angústia. Para traçar a relação com a ideia de vazio temporal, busquei subsídios na filosofia, inspirada nas indicações de Gondar (1995). A noção de “tempo vazio” de Hölderlin, aponta justamente para um tempo sem tempo, distante da flecha temporal que vai do passado para o futuro.

Contudo, ao longo do processo de escrita, me deparei com um impasse: assim como as duas dimensões da angústia tornam-se, ao longo da obra freudiana, indissociáveis, era preciso encontrar uma articulação dos modos temporais da angústia. É justamente nesta ideia de um vazio temporal que essa articulação se faz possível. Defenderei, assim, a hipótese de que as duas dimensões da angústia são caracterizadas pelo encontro com o vazio do tempo. No entanto, enquanto na dimensão mais elaborada esta experiência é, em um segundo momento, ressignificada, reconfigurando no presente o passado e o futuro; na experiência traumática, há a permanência neste tempo que não passa, em um eterno presente. Sendo assim, no terceiro capítulo, delinearei a articulação desta noção temporal com a dimensão traumática da angústia na obra freudiana. Mais uma vez a obra cinematográfica me ajudou nesta empreitada: o filme “Sinédoque, New York” aponta justamente para a ideia de um eterno presente. É, portanto, este tempo sem tempo, este vazio temporal que articula as duas dimensões da angústia. Somente depois, observa-se o seu destino: pode-se produzir um outro tempo a partir dele, ou, parafraseando Dickson (1896/1998), permanecer neste branco, neste infinito que não permite distinguir um começo e um fim.

Por fim, a última questão que me assaltou durante o processo de pesquisa remete justamente àquilo que serviu de motor da escrita: o encontro com aqueles que escuto. Passei a me perguntar se a direção do tratamento deveria ser aquela de transformação de uma experiência traumática da angústia em uma vivência mais elaborada deste afeto. Certamente o nosso primeiro impulso se dá nessa direção, a saber: buscar através de nossas ferramentas uma elaboração do traumático. Elaboração, nesse caso, se aproxima da ideia de inscrição da vivência deste afeto na cadeia representacional. Não estaríamos, assim, restringindo a experiência clínica ao campo da representação? Ademais, desta perspectiva, valoriza-se uma certa dimensão da angústia, patologizando sua vertente traumática. É importante, todavia, forjar um caminho que, evocando Canguilhem (1958/1999), não nos

leva à academia de polícia. Trata-se de seguir a direção no sentido de evitar uma patologização e conseqüente normatização de um aspecto deste afeto. Para tal é preciso encarar o abismo e deixar que ele olhe para nós, é preciso escutar o sofrimento daqueles que não veem o tempo passar. Meu esforço é enxergar uma potência no sofrimento e pensar a força traumática da angústia como a outra face de Janus da força que nos impulsiona a viver. Nunca é demais lembrar a tão conhecida citação de Nietzsche (2008): "É preciso ter o caos dentro de si para dar a luz a uma estrela bailarina. Eu vos digo: tendes ainda o caos dentro de vós." (p. 41).

Capítulo 1) As duas dimensões da angústia na obra freudiana:

“Pain, unlike pleasure, wears no mask”
(Wilde, 2002)

Em sua maioria, os autores que discutem a angústia ressaltam uma divisão entre duas teorias na obra freudiana: uma elaborada nos primórdios da psicanálise e desenvolvida no contexto da primeira tópica e outra que ganha a cena em 1926 principalmente no texto “Inibições, sintomas e ansiedade”. Cabe frisar que tal divisão não possui uma demarcação clara, uma vez que alguns elementos da primeira teoria não são descartados na segunda. Ademais, certos textos, entre 1914 e 1926, desenvolvem esta questão sem abandonar as primeiras formulações e discutindo aspectos que serão mais bem desenvolvidos em um segundo momento. No entanto, a divisão entre duas teorias sobre a angústia nos permite organizar de maneira didática as proposições de Freud sobre este conceito. Embora não pretendamos seguir esta classificação a risca, ela estará sempre em nosso horizonte devido a este seu caráter organizador.

Ao sistematizar a primeira teoria sobre a angústia, é tentador reduzi-la à sua ligação com as neuroses atuais devido ao privilégio do aspecto intensivo, o que certamente simplificaria a difícil tarefa de discutir os destinos da angústia neste momento de sua elaboração teórica. No entanto, como veremos ao longo do texto, desde os primeiros escritos é possível observar dois destinos deste afeto: um ligado às neuroses atuais e outro às psiconeuroses de defesa (como era designado aquilo que mais tarde se designou como neuroses de transferência). A esse respeito, Rocha (2000) sugere uma divisão da primeira teoria da angústia em dois tempos: um no qual esse afeto se inscreve somente no corpo, relacionado às neuroses atuais, e outro em que se discute sua inscrição psíquica no contexto das neuroses de transferência. A ligação com o corpo foi elaborada nos manuscritos enviados a Fliess e nos textos sobre as neuroses atuais, já a relação com o psíquico foi desenvolvida ao longo da primeira tópica freudiana, isto é, nos textos escritos entre 1900 e 1920.

No presente capítulo, ressaltaremos uma divisão semelhante. Nosso objetivo é de mostrar que ao longo de toda teoria freudiana duas dimensões da angústia coexistem, uma comportando um destino representacional e outra, mais arcaica, de cunho traumático. Consideramos que nesta última trata-se de um afeto com pouca elaboração psíquica,

enquanto a primeira dimensão está ligada a um nível maior de elaboração. Nesse sentido, acompanhamos a posição de Laplanche (1987) segundo a qual há níveis de elaboração psíquica. Com isso, não queremos dizer que a angústia em sua dimensão menos elaborada – que chamamos de traumática – está relacionada estritamente a um déficit, a uma dificuldade de elaboração. Ressaltaremos tanto o aspecto de impossibilidade de elaboração quanto a dimensão de excesso pulsional. A angústia e a pulsão, seguindo as indicações de Pereira (2008), são conceitos cuja fronteira é bastante tênue. Diante dessas considerações, exploraremos este afeto através de uma dimensão intensiva, mas também em relação à (im) possibilidade de elaboração psíquica, as duas faces de Janus desta questão.

De início, cabe delinear na primeira teoria da angústia a sua relação com a representação, o que Rocha (2000) denominou de angústia inscrita no psiquismo, ou seja, um grau mais elaborado da angústia. Esta dimensão, como veremos, será mais bem desenvolvida no âmbito das psiconeuroses de defesa em articulação com o mecanismo de recalque. Em seguida, ainda no contexto da primeira teoria da angústia, vamos abordar a dimensão menos elaborada deste afeto. Esta, por sua vez, foi melhor desenvolvida no âmbito das neuroses atuais. Por último, destacaremos as mudanças trazidas pela segunda teoria da angústia, sempre destacando as duas dimensões deste afeto. Veremos, no entanto, que a partir de 1926 estas duas dimensões não se apresentam de maneira tão distinta como nos primeiros escritos: as duas faces da angústia tornam-se as duas faces da mesma moeda. Faremos, portanto, uma espécie de mapeamento da questão da angústia na teoria freudiana visando sublinhar estas duas dimensões, que, a nosso ver, estão presentes na obra freudiana desde os primeiros escritos. Seguindo as indicações de Safouan (1986), entendemos que Freud manteve esta posição até o final de sua obra.

A distinção entre duas dimensões da angústia, por sua vez, nos remete a outra divisão feita por Freud desde os primeiros escritos (ROCHA, 2000). Trata-se de uma dupla modalidade de energia psíquica, a energia livre e a energia ligada. A primeira está relacionada aos processos primários e a segunda, aos processos secundários. Cabe ressaltar que a distinção entre uma energia livre e uma energia ligada não é tão simples assim. Segundo Herzog (2003), a noção de *Bindung* discutida por Freud no Projeto (FREUD, 1895 [1950]/ 1977) complexifica esta questão que será retomada novamente em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/1976). Poderíamos conceber através desta noção duas

modalidades possíveis de ligação da energia livre. A primeira no que concerne à topologia, pertence ao inconsciente e possui um aspecto fundante do aparato psíquico a partir do laço social. Já a segunda, diz respeito à energia que está além do psiquismo e que surge como um “risco de uma dissolução subjetiva”, consistindo em uma dimensão destrutiva da energia livre (HERZOG, 2003, p. 49). Nas palavras da autora,

O duplo registro da ligação de uma energia livre aponta para a coexistência de dois modos de ligar, estabelecendo limites que permitam essa singularização; e isto porque na noção de *Bindung* vão coexistir uma vertente destrutiva e outra estruturante, dando ao próprio processo de subjetivação um caráter pontual. (HERZOG, 2003, p. 48).

Consideramos que a dimensão mais elaborada da angústia está referida a modalidade de ligação de energia livre presente no inconsciente, que marca a estruturação do aparato psíquico, já a mais arcaica está relacionada à sua vertente destrutiva. Discutiremos estas duas dimensões ao longo deste capítulo. Esta digressão teórica serve como base para os próximos capítulos que visam discutir as diferentes temporalidades a que estas dimensões da angústia se vinculam, nos exigindo uma reflexão mais acurada sobre a questão. Tal exercício constitui um desafio, uma vez que a questão da angústia atravessa a metapsicologia freudiana, chegando a ser considerada por Freud como “um ponto nodal para o qual convergem as mais diversas e importantes questões (...)” (FREUD, 1917/1976, p.458). Nesse sentido, refazer este caminho é também estar atento as reconfigurações conceituais que Freud se propõe traçar ao longo de seu percurso teórico.

1.1) A dimensão mais elaborada da angústia:

A angústia em sua dimensão mais elaborada psiquicamente foi desenvolvida principalmente a partir do estabelecimento da primeira tópica, ou seja, do texto sobre a interpretação dos sonhos (FREUD, 1900/1972). No entanto, podemos encontrar vestígios deste aspecto nos escritos chamados de pré-psicanalíticos, como no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1985[1950]/1977) e nas cartas a Fliess. A este respeito cabe lembrar que tal dimensão possui uma relação estreita com as chamadas psiconeuroses de defesa e o recalque.

A distinção feita por Freud entre psiconeuroses de defesa e neuroses atuais é importante no que concerne às faces da angústia. Observa-se que esta divisão tinha o intuito de demarcar o campo de atuação da psicanálise, uma vez que as primeiras não seriam

acessíveis ao campo psicanalítico devido à natureza estritamente somática de seu mecanismo. Em contrapartida, as psiconeuroses de defesa eram consideradas o objeto exclusivo da psicanálise, pois sua dinâmica psíquica permite que o fenômeno da transferência, condição da experiência analítica, ocorra. Não obstante a substituição deste termo por neuroses de transferência, a expressão “psiconeuroses de defesa” traz a indicação de um elemento importante na divisão do campo das neuroses: a noção de defesa. Rocha (2000) enfatiza outro aspecto relevante do termo psiconeuroses de defesa, a saber: o sufixo “psico”. Este realça uma distância em relação às neuroses atuais e marca a relação das psiconeuroses com símbolos mnêmicos eminentemente psíquicos. Enquanto as neuroses atuais estão “inteiramente na esfera dos processos somáticos” (FREUD, 1917/1976, p.469), as psiconeuroses de defesa ou as neuroses de transferência estão atreladas à ideia de conflito psíquico gerado por um mecanismo de defesa que mais tarde se caracterizará como recalque.

A diferença entre essas duas categorias pode ser entendida a partir das razões que explicitam o porquê desta energia se encontrar livre, a saber: pode ter sido não elaborada, seja porque teve a via de elaboração psíquica recusada ou por ser uma energia desligada (LAPLANCHE, 1987). O primeiro caso diz respeito ao mecanismo que ocorre na neurose de angústia (uma das neuroses atuais junto com a neurastenia e a hipocondria). Já o segundo, descreve um mecanismo através do qual a ligação da excitação com as suas representações psíquicas foi desfeita, resultando na descarga desta energia em forma de angústia. “Desfazer as ligações” é um mecanismo de defesa que pouco a pouco passou a caracterizar o recalque. Entendida como transformação da libido recalçada, a angústia em sua dimensão mais elaborada aparece nesse momento como a expressão típica de uma série de distúrbios psíquicos relacionados com as psiconeuroses de defesa: a histeria de angústia, a histeria de conversão e as neuroses obsessivas.

- **A vivência de satisfação no Projeto: da angústia ao desejo.**

No “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1985 [1950]/1977), fica evidente a ligação da angústia com o recalque primário e com o recalque secundário. Estes dois aspectos podem ser estudados a partir da experiência de vivência de satisfação e do caso Emma, respectivamente. Também nesse texto, como veremos mais adiante, a

experiência da vivência de dor aponta para um aspecto distinto da angústia.

No contexto da vivência de satisfação, Freud está interessado em discutir a constituição do aparato psíquico frente às intensidades que o acometem e em relação ao *Nebenmensch*, um “homem ao lado”. Na esteira das ideias de David-Ménard (2000), este texto ressalta um aspecto importantíssimo da construção de pensamento de Freud – a saber, que o aparato psíquico sempre diz respeito a um corpo em relação ao prazer, ao desprazer e à angústia. Nesse sentido, o modelo de psiquismo descrito em 1895, está relacionado a um conjunto de ligações feitas frente às excitações que o atravessam. Este modelo salienta a indissociabilidade da dimensão intensiva em relação à elaboração psíquica: para que o aparato psíquico se configure é necessário que se dê um destino para as intensidades que o invadem.

Nesta proposição de aparato psíquico, a dimensão intensiva e, logo, o afeto, diz respeito a uma perturbação a ser reduzida para que se encontre um equilíbrio satisfatório (SCHNEIDER, 1993). A tendência inicial deste aparato é reduzir as excitações à zero, o que acarretaria sua própria extinção. O princípio de inércia, nome dado a Freud a esta tendência, deve ser substituído: a existência do psiquismo exige que uma pequena quantidade de energia seja tolerada para que se realize a mediação da intensidade que o invade. A energia (Q) que deve ser tolerada é apenas aquela necessária para manter um nível constante de investimento, servindo de provisão indispensável para a ação específica que, conforme veremos, será responsável para a estruturação e função do aparato psíquico. Substitui-se assim o princípio de inércia pelo princípio de constância. Esta energia é armazenada em ψ (psi), sistema que está entre a percepção e a consciência, sendo alvo direto das energias endógenas e de maneira indireta, através do sistema perceptivo (ϕ), das energias exógenas. O sistema ψ possui a permeabilidade suficiente para a energia passar por ele, mas também comporta um grau de impermeabilidade, pois permite guardar marcas dos caminhos feitos pela excitação. Além destes dois sistemas, ψ e ϕ , o aparato psíquico também é formado pela consciência (sistema ω) que recebe de ψ o ritmo das intensidades transformando-o em qualidades.

As excitações que chegam ao aparato provêm tanto do mundo externo, quanto do mundo interno, sendo que as primeiras são recebidas primeiramente por ϕ e em seguida caminham pelo sistema ψ . Já a energia endógena, tem como primeiro destino o sistema ψ .

Diferente do primeiro tipo de energia, frente ao qual o aparato pode realizar uma fuga, diante das tensões de fonte endógena, esta fuga é impossível. Estas assolam o aparato como uma força constante, exigindo que se dê algum destino a elas. As excitações endógenas estão ligadas às necessidades corporais, são exigências da vida (*Not des Lebens*). De acordo com Garcia-Roza (2008), Freud denomina *Drang* esse impulso que visa a descarga, mesmo nome que no artigo “Os instintos e suas vicissitudes”, de 1915, será dado para um dos elementos constituintes da pulsão. Esta energia, em um primeiro momento, terá como via a descarga motora – o choro ou a agitação motora do bebê. No entanto, a descarga não será suficiente para que cesse a excitação: o bebê sozinho não tem condições de dar um destino a esta intensidade que o invade, sendo necessário uma “assistência alheia” (FREUD, 1985 [1950]/1977, p.422). Isto é, a presença de um “homem ao lado” que ao realizar uma ação específica, faz com que a tensão seja apaziguada.

Esta primeira satisfação deixa uma marca, uma inscrição que será o início do que se configura como o aparato psíquico. Conforme aponta Garcia-Roza (2008), a vivência de satisfação gera uma facilitação entre duas imagens-lembranças: a do objeto de satisfação (marca) e a da descarga pela ação específica que consiste em uma via de facilitação (*Bahnung*). Uma vez que estas exigências da vida retornam, esta marca tende a ser mais uma vez reanimada. A tendência seria repetir este caminho facilitado, o que corresponderia a uma alucinação. No entanto, através do trabalho de ψ , pode-se realizar uma espécie de teste de realidade e iniciar uma busca de um novo objeto. Cabe frisar que não é porque há uma diferença entre neurônios (em termos de permeabilidade e impermeabilidade de acordo o sistema) que há memória e facilitações (*Bahnungen*). Ao contrário, a *Bahnung* é a responsável pela origem da memória e do próprio aparato psíquico. A memória, nesse sentido, é constituída pelas diferenças nas facilitações existentes entre os neurônios (GARCIA-ROZA, 2008).

Mas, em que ponto exatamente a angústia se articula a esta questão? Para responder a esta pergunta, David-Ménard (2000) destaca a ambiguidade deste “homem ao lado”. Este é ao mesmo tempo fiador da existência do aparato psíquico e ameaçador, pois comporta uma dimensão de estranho. Ou seja, o “homem ao lado”, responsável pela ação específica, é ao mesmo tempo assegurador e estranho, estranho e familiar. É justamente nesta dimensão de estranheza que encontramos a angústia.

Cabe explicitar que o Projeto foi escrito no momento em que este afeto é concebido como uma consequência do recalque. Logo, a angústia em sua relação com a experiência de satisfação é decorrente do recalque primário, consequência do encontro com este outro estranho e familiar. Sendo assim, este afeto pode ser entendido como o resto da experiência de recalque primário. Na esteira do pensamento de David-Ménard (2000), este resto, produzido pela impossibilidade de simbolizar a face estranha do “outro ao lado”, é também o motor de uma procura do objeto perdido. É a partir daí que se enseja uma busca visando reencontrar o objeto simbolizado na primeira vivência de satisfação. Embora o reencontro com este objeto seja impossível, segue-se buscando. David-Ménard (2000) frisa que a razão da busca está na diferença entre esta marca e o objeto que encontramos no mundo. Nas palavras da autora: “a realidade é interessante porque procuramos aí os traços do Outro e porque aceitamos reconhecer, nos detalhes, as diferenças entre ele e nossos objetos de desejo. O lobo é você, ou não é você? Essas duas versões nos dão prazer.” (DAVID-MÉNARD, 2000, p.112). A angústia decorrente do recalque primário tem, portanto, uma estreita ligação como desejo.

Enquanto a vivência de dor no Projeto dará origem aos afetos (*Affekte*), como veremos mais adiante, a vivência de satisfação vai ter como resíduo os estados de desejo (*Wunschzustande*) (GARCIA-ROZA, 2008). Nas palavras de Freud (1895 [1950]/1977, p.424): “é provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela *ativação de desejo*.” Logo, esta busca que se faz na diferença entre o objeto que esperávamos encontrar e aquele que realmente encontramos é o que constitui o desejo. Esta diferença é ao mesmo tempo angustiante e impulsionadora de uma busca: a dimensão de angústia caracterizada como resto da constituição do aparato psíquico e o desejo caminham lado a lado. Conforme veremos mais adiante, na segunda teoria da angústia algumas destas proposições serão recuperadas.

- A imaturação biológica e a angústia: o caso Emma.

Na segunda parte do “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895 [1950]/1977) articula a angústia ao recalque propriamente dito, o recalque secundário, em um caso de histeria: o caso Emma. Duas cenas que Emma protagonizou quando criança são revisitadas em um terceiro momento durante a análise. A primeira, o que não quer dizer a mais antiga, denominada por Freud de Cena I, foi narrada por Emma como justificativa de

sua fobia de entrar em lojas sozinha, tendo ocorrido quando ela tinha doze anos. Emma entra em um estabelecimento para comprar algo e percebe que dois vendedores estão rindo, o que a leva a sair correndo “tomada por uma espécie de susto” (FREUD, 1895[1950]/1977, p. 464). A menina imagina que os homens estariam rindo de suas roupas. De acordo com Freud (1895[1950]/1977), as lembranças evocadas por esta cena não seriam capazes de explicar o caráter compulsivo nem a determinação do sintoma. No decorrer da análise, outra cena, ocorrida quatro anos antes, quando Emma tinha oito anos de idade, vem à tona. Nesta época, ela teria ido duas vezes comprar doces numa confeitaria, sendo que na primeira vez, o proprietário da loja tocou seus genitais por cima de suas roupas. Não obstante o ocorrido, Emma voltou ao estabelecimento “como se com isso tivesse querido provocar o atentado” (FREUD, 1895[1950]/1977, p.465). Alguns vínculos associativos são produzidos entre as duas cenas: o riso dos homens, a vestimenta e o fato da menina se encontrar sozinha na loja. De acordo com Freud, esta segunda cena evocou a lembrança da primeira e, com ela, aquilo que Emma não estaria apta a sentir na ocasião: o prazer sexual.

Freud (1895[1950]/1977) considera que o prazer sexual não pôde ser sentido como tal devido à imaturidade biológica de Emma na época do ocorrido. Em um segundo momento, a impressão deixada pela cena é reinvestida devido aos laços associativos com a segunda cena. No entanto, o prazer ligado à cena torna-se inacessível como tal, pois sua representação foi recalçada. O afeto não pode ser recalçado, sendo justamente neste ponto que surge a angústia como consequência do recalque secundário. Mais especificamente, trata-se da transformação de um prazer sexual que não pôde ser vivido enquanto tal devido à falta de maturação biológica. Já nesse texto, portanto, vislumbra-se a relação da angústia com a libido, que será mais bem trabalhada nos artigos de um período posterior. A angústia, portanto, é decorrência de uma experiência traumática, no caso de sedução por parte de um adulto, que é revivida em um segundo momento devido a associações com uma segunda cena, denominada por Freud de “Cena I”. Este afeto é entendido como uma transformação da libido que ficou livre após a representação ligada a ela ser recalçada.

A relação da angústia com o recalque ganha um novo colorido após o abandono da teoria da sedução e elaboração do conceito de pulsão em 1905 (FREUD, 1905/1976). A partir desta formulação, a pulsão é entendida através de dois aspectos, o representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*) e um componente afetivo (*Affektbetrag des*

Repräsentanz). O conceito de angústia em sua dimensão mais elaborada está diretamente relacionado ao representante afetivo da pulsão. No recalque, segundo Freud (1915/1976), o afeto possui três destinos possíveis. Ao se separar do representante-representação, ele pode ser suprimido, sofrer uma transformação qualitativa ou permanecer desligado. Neste último destino, o afeto é sentido como angústia. Seguindo as indicações de Rocha (2000), foi graças ao lugar de destaque dos destinos da representação e do afeto no contexto da teoria metapsicológica do recalque que Freud pôde ressaltar a dimensão tópico-dinâmica da angústia. Herzog (1994) indica que Freud acabou por se deparar com um problema em relação à tópica e à dinâmica da angústia. Em suas primeiras formulações, a transformação de libido em angústia teria lugar no inconsciente. No entanto, falar de afetos inconscientes é algo problemático, uma vez que o afeto não é passível de recalque. Esta questão retornará até os últimos escritos sobre a angústia.

- A angústia e a transformação da libido: o caso Hans.

As proposições trabalhadas no texto de 1905, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” também são desenvolvidas no relato do caso do pequeno Hans (FREUD, 1909/1977). Pode-se dizer que no texto de 1909, a noção do trauma é atualizada à luz da descoberta da sexualidade infantil. Freud (1909/1977), diversamente do contexto do “Projeto para uma teoria científica” (1985[1950]/1977), discute a questão da angústia levando em conta a realidade psíquica e a sexualidade infantil.

Procurado pelo pai de Hans, Freud teve primeiramente notícia do menino quando ele tinha por volta dos cinco anos. O sintoma apresentado era uma “apreensão bem definida de que um cavalo ia mordê-lo” (FREUD, 1926/1976, p. 123). Ou seja, tratava-se de um sintoma fóbico que tinha como objeto o cavalo. O motivo para o menino estar doente, bem como o ganho secundário da doença, de acordo com Freud, consistia na vontade de ficar com sua mãe. O nascimento da irmã também foi um evento importante na configuração do caso. Três anos e meio mais nova, a irmã, assim como o pai, passaram a ser “objetos” que o colocavam distante da mãe. A hostilidade recalcada em relação ao pai e à irmã caçula deu origem a alguns medos, como o medo de tomar banho por exemplo. Logo depois, sua angústia passou a não ser mais reconversível em anseio, ou medo, a formação da fobia propriamente dita foi precedida por um ataque de angústia. Este ocorreu na rua, de maneira repentina, sem que o menino pudesse se dar conta de que estava com medo: ao sair com sua

babá para passear, teve que retornar para perto de sua mãe devido a uma invasão afetiva que não consistia em medo. Os chamados ataques de angústia, no entanto, persistiam mesmo quando sua mãe o acompanhava, o que leva Freud (1909/1977) a considerar que a angústia surge como uma espécie de *quantum* de energia flutuante como consequência de um desligamento libidinal anterior. Nesse sentido ela é sempre precedida de outros episódios. Os ataques de angústia foram precedidos por um sonho de angústia cujo enredo consistia na imagem de sua mãe indo embora e o deixando sozinho, sem alguém que pudesse afagá-lo. Cabe ressaltar que Freud, neste momento, ainda não havia levantado a possibilidade de o sonho conter algo além de uma realização de desejo. A angústia gerada por este sonho foi, portanto, entendida como decorrente do recalque. Trata-se de um sonho traumático de punição. Logo, a angústia do sonho traumático é entendida em conjunção com uma dimensão da primeira teoria sobre a angústia, sendo concebida como uma transformação da libido diante do recalque. Freud afirma que o sonho se deu quando a criança estava trocando carinhos e dormindo com a sua mãe, mas todo o prazer transformou-se em angústia “e todo o conteúdo ideativo no seu oposto.” (FREUD, 1909/1977, p. 125). Neste caso, o que teria impedido que o sonho realizasse a sua tarefa – proteger o sono – foi o recalque. “A repressão derrotou a finalidade do mecanismo de sonhar” (FREUD, 1909/1977, p.125).

Seguindo as indicações de Freud (1909/1977), uma cena ainda anterior relaciona-se a este episódio do sonho. No verão precedente, Hans tinha experimentado um estado de apreensão semelhante, no entanto, foi-lhe assegurado a “vantagem” de ser levado por sua mãe para dormir com ela. Atravessado pela intensidade desta excitação, Hans procurou seduzi-la, passando também a se masturbar toda a noite. De acordo com Freud, não é possível sabermos como a angústia surgiu, mas o que podemos observar é que a sua excitação sexual foi subitamente substituída pela angústia. No momento em que Hans foi levado para a análise, contudo, a angústia já havia sido ligada ao objeto ‘cavalo’ e transformada em medo de que o cavalo o mordesse. Este surgiu, após o menino ver, na cidade de Gmunden, um pai advertindo a sua filha: “não ponha o dedo no cavalo, se você puser, ele vai morder você” (FREUD, 1909/1977, p.40). As palavras “não ponha o dedo” eram as mesmas que teriam sido usadas como advertência para Hans contra a masturbação.

Freud (1909/1977) conclui que a ameaça de castração feita a ele por sua mãe, cerca

de quinze meses antes, estava agora produzindo efeito. No entanto, a neurose teve seu ponto de partida em um evento ainda anterior, no qual o menino viu do ônibus um cavalo caindo. Este incidente que não carregava nenhuma espécie de “força traumática” (FREUD, 1909/1977, p. 142) adquiriu um papel relevante quando associado ao acontecimento de Gmunden. A partir do momento em que sua mãe ficou grávida, escreve Freud (1909/1977), “o caminho ficou livre para o retorno do reprimido; e este voltou de tal maneira *que o material patogênico foi remodelado e transposto para o complexo do cavalo enquanto os afetos acompanhantes foram uniformemente transformados em ansiedade.*” (p. 142). O trabalho de análise fez o caminho inverso, levando à seguinte sequência: da fantasia de que o cavalo vai morde-lo, deriva-se o episódio de Gmunden que se associou a seus desejos hostis para com seu pai e também remanescentes do aviso que tinha recebido contra a masturbação. Contudo, resta uma indagação diante desta explicação: por que a libido teve que ser retirada do objeto de amor, a mãe? Aqui a análise desloca-se da mãe para o pai. O complexo hostil em relação a seu pai e, logo, em relação ao cavalo, encobria o desejo pela mãe. Há, portanto, a reversão ao contrário, a hostilidade em relação ao pai torna-se medo do pai.

Observa-se aí uma ideia semelhante à noção de trauma em dois tempos apresentada no caso de Emma, pois uma cena ganha sentido e torna-se traumática somente depois de outra cena. No entanto, como destacamos acima, as proposições de 1905 exigem uma distinção em relação a um aspecto importante, a saber: a sexualidade de Hans. Não há uma sedução por parte de um adulto, como ocorreu no caso de Emma. O traumatizante aqui não é uma cena de abuso por parte de um adulto, mas a própria sexualidade infantil e a primeira escolha objetal que não puderam ser experienciadas como tal. Nas palavras de Laplanche (1987): “A verdadeira violência que cria a angústia seria essa violência interna, essa violência recalçada, que a própria excitação sexual do sujeito provoca nele” (p.104). Freud não acredita mais nas suas histéricas. A angústia, nesse caso, não surge da impossibilidade devido à imaturidade biológica de significar uma cena real, mas da libido impossibilitada de se ligar ao objeto por conta de um desejo recalçado. Nas palavras de Freud: “no nosso presente caso de fobia, a ansiedade deve ser explicada como sendo devida à repressão das propensões agressivas de Hans (as propensões hostis contra seu pai e as sádias contra sua mãe).” (FREUD, 1909/1977, p.145). A angústia é, portanto, uma espécie de libido que se

tornou livre. No entanto, esta energia não fica livre por muito tempo, não demora muito para um objeto fóbico ser soldado a este afeto. A sua libido transformada em angústia, portanto, passou a se ligar a um objeto, tornando-se medo. Medo de que um cavalo branco o mordesse. Constitui-se assim um objeto fóbico que serve como um contra-vestimento, protegendo tanto contra a emergência da representação recalcada quanto fazendo semblante de ser o desencadeador da angústia. Trata-se de um mecanismo de defesa que visa localizar o perigo em um objeto exterior, tornando-o mais facilmente evitável, diferente de uma representação inconsciente.

A fobia é um sintoma e não uma neurose específica. No entanto, uma vez que estamos lidando com um sintoma formado pelos mecanismos de condensação e deslocamento, Freud (1909/1977) observa que há uma aproximação da dinâmica histérica, daí o caso Hans ser considerado uma “histeria de angústia”. Há uma importante distinção entre a histeria de conversão e a histeria de angústia: enquanto na primeira a libido libertada do material patogênico pelo recalque desloca-se para uma representação somática, na histeria de angústia, este afeto permanece desligado, se apresentando como angústia. Logo, na primeira, o afeto desloca-se para um representante no corpo, sem que se produza angústia, como nos informa a *belle indifférence* das histéricas. Já na histeria de angústia, o sintoma é precedido por uma espécie de *quantum* de afeto flutuante, sentido como angústia, que será ligado (ou não) posteriormente a uma representação. Freud (1909/1977) indica que a inclinação de uma histeria de angústia é desenvolver-se para uma fobia. Ou seja, a tendência, assim como ocorrido no caso do pequeno Hans, é que esta se acople a algum objeto. Sendo assim, um prognóstico mais provável desta afecção é que “no final, o paciente pode ter-se livrado de toda a sua ansiedade, mas somente ao preço de sujeitar-se a todos os tipos de inibições e restrições.” (FREUD, 1909/1977, p.123). Na histeria de angústia, há um trabalho constante no sentido de ligar psiquicamente a angústia que tinha se liberado. Logo, a angústia aqui também é motor de um trabalho psíquico, isto é, enseja uma busca para ligar este objeto. Este afeto, portanto, surge em um tempo posterior, uma vez que se trata da libido transformada e desligada, mas também gera um tempo produtivo. O ataque de angústia neste caso não é paralisante, pelo contrário, produz uma espécie de trabalho psíquico, uma elaboração.

Laplanche (1987) indica que encontramos no contexto da histeria de angústia

conclusões importantes de Freud sobre a relação da angústia com o recalque. Este afeto é entendido como um produto do recalque uma vez que este tem o efeito de separar a representação do afeto, conferindo-lhe uma independência. Diante deste quadro, a angústia é considerada uma espécie de libido não saciada, uma libido livre devido ao recalque e transformada qualitativamente. A energia que dá origem à angústia é, nesse sentido, uma energia libidinal. Pode-se dizer que uma única origem energética é responsável por toda a formação inconsciente, a angústia e a formação de fobia são apenas um caso particular do aparecimento de todo sintoma. Como aponta Laplanche (1987)

um sintoma, mas também um sonho, um símbolo, mas também tudo o que se pode chamar de formação do inconsciente, só se mantém, só existe e só se sustenta em virtude dessas múltiplas cadeias que interligam e que a amarram de todos os lados a representações e a desejos inconscientes. (LAPANCHE, 1987, p.91)

Logo, para o surgimento e a manutenção do sintoma, a energia sempre provém da libido ou do desejo. Assim, a dimensão da angústia trabalhada neste texto está diretamente relacionada com a libido, ligação que se manterá ao longo de toda a primeira teoria da angústia.

- A angústia nos textos metapsicológicos.

Antes da formulação de uma segunda teoria sobre este afeto, a problemática da angústia em sua dimensão mais elaborada é discutida nos textos metapsicológicos (1915), especialmente em “O inconsciente” e “O recalque”. Em “O inconsciente”, ao revisar o mecanismo da histeria de angústia, Freud retoma a discussão levantada no relato sobre o pequeno Hans afirmando que: “(...) a catexia libidinal inconsciente da ideia rejeitada é descarregada sob forma de ansiedade” (FREUD, 1915a/1974, p. 209). Este artigo traz novidades com respeito ao mecanismo de formação da fobia, apresentado através de três momentos. O primeiro deles, já trabalhado anteriormente, consiste no mecanismo de desligamento da libido de um objeto pelo recalque e na sua transformação em angústia. O segundo diz respeito a uma espécie de soldagem da angústia com o objeto, formando a fobia propriamente dita. Já o terceiro, aprofundado somente em 1915, corresponde a uma série de inibições a qual o sujeito se submete para evitar o contato com qualquer coisa que seja associada ao objeto fóbico. Este mecanismo é realizado, de acordo com Freud (1915a/1974), através de uma pequena quantidade de angústia, liberada como um sinal, que

tem a função de avisar sobre a aproximação desses objetos. Observa-se aqui uma função da angústia que será um melhor desenvolvida na conferência XXV, “A ansiedade” (FREUD, 1917/1976), e consolidada em “Inibições, sintomas e ansiedade” (FREUD, 1926/1976). Trata-se de sua função de sinal. Assim, já em 1915, Freud começa a delinear uma hipótese da segunda teoria da angústia que será consolidada mais adiante: “um ligeiro desenvolvimento da ansiedade (...) passa a ser utilizado como um sinal para inibir, por meio de uma nova fuga da catexia [do Pcs], o progresso posterior do desenvolvimento da ansiedade” (p.210). As proposições características da segunda teoria da angústia sobre a sua função de sinal de alerta são, portanto, esboçadas nos chamados texto-ponte. Todavia, na segunda teoria, conforme veremos adiante, a angústia sinal será reformulada em outro contexto, ganhando novos contornos que a diferenciam de suas primeiras teorizações. Cabe ressaltar que em 1915, a angústia ainda é concebida como uma consequência do recalque o que marca uma diferença importante das considerações apresentadas a partir de 1926. Já nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” podemos entrever algumas mudanças que este conceito vai sofrer. De acordo com Laplanche (1987) a 25ª Conferência, intitulada “A ansiedade” funciona como ponte entre as duas teorias.

- A 25ª Conferência: um texto ponte.

Na conferência “A ansiedade” (1917/1976), Freud sistematiza melhor a função de sinal apresentada em 1915. Nesta, distingue-se terror (*Schreck*), angústia (*Angst*) e medo (*Furcht*), distinção que volta a ser discutida em textos posteriores. Enquanto o medo está direcionado a um objeto definido, a angústia é caracterizada como um afeto sem objeto. Já o terror, ou susto, consiste em uma invasão intensiva frente a qual não se está preparado. É através da angústia que se pode proteger contra o terror. Logo este afeto possui uma função, a de proteger contra um perigo maior.

Freud (1917/1976), para enfatizar as facetas da angústia e sua relação com o perigo, propõe dois aspectos distintos desse afeto. O primeiro está relacionado a um estado de disposição e preparação do ego frente ao perigo real (*Realangst*) e o segundo corresponde a uma espécie de expectativa ansiosa, um estado de apreensão geral sem objeto claro - angústia neurótica. A angústia real diz respeito a uma reação diante da percepção de um perigo externo. Por outro lado, ela também está unida ao reflexo de fuga, consistindo em uma manifestação da pulsão de autoconservação, sendo ao mesmo tempo reação e

preparação diante de um perigo. No entanto, é possível que o grau de intensidade seja tão grande que a angústia-real não possa cumprir sua função de sinal de perigo. Esta dupla possibilidade da angústia real encontra-se na divisão feita por Freud (1917/1976) entre a *Angstbereitschaft* e a *Angstenwicklung*. O primeiro deles diz respeito a uma reação diante do perigo, consistindo precisamente na sua função de sinal que será mais bem definida posteriormente. O outro aspecto entra em cena quando o primeiro falha, provocando o desenvolvimento da angústia (*Angstenwicklung*), ou seja, trata-se de uma invasão frente a qual o ego nada pode fazer. Embora a distinção entre angústia real e angústia neurótica não tenha sido levada mais adiante, a divisão entre dois aspectos da angústia real é de suma importância para a compreensão do texto de 1926.

Uma questão importante, suscitada pela distinção entre angústia real e angústia neurótica se refere à indagação de que modo a angústia real pode ser entendida como uma manifestação das pulsões de autoconservação enquanto a angústia ainda é concebida como proveniente da libido que não pôde se ligar a um objeto. Isto porque quando o desenvolvimento da angústia se alia ao estado de fuga ou defesa, o seu estado de preparação surge a favor da defesa, ou seja, está do lado da pulsão de autoconservação. Herzog (1994) lembra que as proposições elaboradas no texto de 1914 entre libido e interesse buscam dar conta desta questão. Neste texto, Freud indica que a angústia deve ser entendida como proveniente da libido do ego e não do interesse, afastando a angústia da pulsão de autoconservação. As exigências trazidas pelo texto de 1914 também impeliram Freud a revistar outros aspectos da teoria da angústia deixados de lado desde 1900. No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1974) retoma-se a questão das neuroses atuais, destacando uma dimensão da angústia distinta da relacionada às psiconeuroses que vinha sendo privilegiada até então. Trata-se de um aspecto menos elaborado deste afeto, que pode ser entendido como traumático. No próximo tópico, nos deteremos nesta dimensão da angústia menos elaborada, relacionada às neuroses atuais e em seguida às neuroses traumáticas, buscando refazer seu percurso desde os textos prépsicanalíticos; por fim, abordaremos a segunda teoria sobre a angústia.

1.2) A angústia traumática:

- A vivência de dor no Projeto: angústia e falência do aparato psíquico.

No Projeto para uma psicologia científica (1985[1950]/1977) ao lado da experiência de satisfação, somos confrontados com uma outra experiência: a de dor. Freud (1985 [1950]/1977) inicia sua discussão sobre a dor no Projeto com a seguinte frase: “todos os dispositivos de índole biológica têm um limite de eficiência que, uma vez ultrapassado, determina o seu fracasso” (p.408). O dispositivo de índole biológica a que Freud se refere, diz respeito ao aparato psíquico e seu modelo neuronal. A dor, portanto, seria a experiência de falência da função desse aparelho.

Sendo assim, seguindo as indicações de Birman (2012a), o Projeto é fundante do discurso analítico em relação a outros discursos científicos da época. Isto porque ao privilegiar certos aspectos como, por exemplo, a dor como constituinte do psiquismo, distancia-se de uma noção de homeostase correlata a ideia de um homem máquina. Seguindo as indicações de Fortes (2012), a dor psíquica seria a condição de possibilidade para a constituição efetiva do aparato psíquico, de forma que forjar os destinos para a dor se transformou na razão de ser do dito aparelho. Conforme vimos, este tem a função, através do trabalho de pensamento em ψ , de dar um destino para as intensidades que o invadem. Freud (1985 [1950]/1977) conclui que a dor consiste na irrupção de grandes quantidades em ψ , impedindo que se faça o trabalho de represamento desta energia. Esta experiência deixa facilitações permanentes atrás de si, mas facilitações distintas, caminhos que acabam com a resistência das barreiras de contato e estabelecem uma via de condução como as existentes no sistema perceptivo, totalmente permeável. Em outras palavras, na experiência de dor, uma intensidade excessivamente grande pode romper a barreira de proteção, superando as resistências oferecidas pelas barreiras de contato e tornando os neurônios totalmente permeáveis à condução da excitação. Seguindo as indicações de Garcia-Roza (2008), o efeito disto é a falta de diferenciação das *Bahnungen*. Com isso, desaparecem os caminhos diferenciados, passando a existir somente uma via que, de acordo com o autor, não chega a constituir um caminho, é um “não caminho” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 142). Nesse sentido, a dor, experiência de um limite ultrapassado, não permite defesa por parte do aparato, é a sua própria falência. Consideramos que esta experiência de dor é correlata

ao aspecto traumático da angústia, uma dimensão que não produz ligações psíquicas, que não permite a realização do trabalho de pensamento.

No entanto, este não é o único destino possível para a dor. Freud (1985 [1950]/1977) indica que além de gerar um aumento no nível de energia sentido como desprazer por ω , a vivência de dor também gera uma imagem mnêmica do objeto que causou a dor. Assim, quando se reinveste a imagem mnêmica do objeto que causou a dor, surge um estado de desprazer acompanhado de descarga. Este estado não seria a dor propriamente dita, mas o afeto. Trata-se de uma repetição atenuada através da reprodução desta primeira experiência. Desta vez, o objeto que causou a invasão intensiva não está presente, basta uma situação similar para que sua imagem mnêmica seja reinvestida produzindo desprazer. No entanto, de onde provém a energia que será sentida como desprazer? Para explicar a origem desta energia, Freud lança mão da noção de “neurônios chave”, uma espécie de neurônios secretores que produzem um tipo de descarga não tão intensa quanto à primeira, mas suficiente para ser um sinal, uma reprodução atenuada da primeira vivência. Nas palavras de Freud: “a aparição de outro objeto em lugar do hostil, funcionou então como sinal para o fato de que a experiência de dor terminou, e o sistema ψ , aprendendo biologicamente, procura reproduzir o estado em ψ , que assinalou o fim da dor”. O resultado desta experiência é o afeto. Conforme veremos adiante, esta função de sinal também pode ser encontrada na noção de angústia sinal formulada em 1926. A partir da experiência de dor, portanto, podemos vislumbrar, de maneira embrionária e através de uma linguagem biológica, um aspecto que será retomado em “Inibições, sintoma e ansiedade” (FREUD, 1926/1976). A saber – a ligação das duas dimensões da angústia.

Seguindo a temática da dor nos escritos pré-psicanalíticos, é importante sublinhar que no “Rascunho G” sobre a Melancolia (FREUD, 1895a/1977), Freud afirma que um tipo de melancolia surge em combinação com a ansiedade intensa. Trata-se de uma forma mista que reúne neurose de angústia e melancolia. Embora na vivência de dor explorada em 1985, Freud procure enfatizar o seu aspecto físico, na melancolia esta experiência é vivida como dor psíquica. Observa-se que nesse manuscrito a dor e a angústia são tratadas como sinônimos. Esta experiência é descrita como uma “hemorragia interna”, uma retração para dentro que “atua de forma inibidora como uma ferida num modo análogo ao da dor” (FREUD, 1895a [1950]/1977, p. 282). A ideia de uma hemorragia interna está relacionada

àquilo que Freud na famosa carta 52 à Fliess designou como *fueros* (FREUD, 1986 [1950]/1977). Esta noção, *grosso modo*, designa impressões distintas dos traços mnêmicos, pois foram impossibilitadas de se inscrever no psiquismo. Enquanto os traços mnêmicos se relacionam entre si, sendo retranscritos ao longo do tempo, as impressões permanecem isoladas, sem possibilidade de se associar a outras marcas. Embora também o recalque seja caracterizado por uma espécie de isolamento psíquico, a impossibilidade de associação destas impressões indica que estamos mais próximos de outro mecanismo, a clivagem. Seguindo as indicações de Rocha (2011), esta hemorragia interna associada à melancolia, assim como os “*fueros*”, comporta a ideia de uma espécie de buraco no psiquismo que pode ser entendida também através da noção de excesso (*ce trou est un trop*). No entanto, como o próprio autor afirma, no decorrer da teorização sobre a melancolia, fica claro que além da dimensão intensiva, soma-se outra problemática: a perda de objeto. Observam-se, assim, dois aspectos: o intensivo e aquele relacionado à perda do objeto. .

- A angústia e as neuroses atuais:

O aspecto intensivo e a impossibilidade de elaborá-lo psiquicamente foram privilegiados na noção de angústia em relação às neuroses atuais. Observamos uma linha de continuidade entre a angústia descrita nessas afecções e a experiência de dor psíquica, uma vez que ambas falam de um excesso que não pode encontrar um caminho pela via do pensamento. A linguagem biológica, no entanto, é abandonada e a angústia passa a estar estreitamente relacionada com a libido. Como vimos, este afeto nas psiconeuroses também é marcado por uma forte ligação com a libido: ele é a transformação da libido desligada. No entanto, diferente do contexto das psiconeuroses, em que a angústia é considerada uma consequência do recalque, nas neuroses atuais, este afeto não está relacionado com este mecanismo de defesa.

Ainda que uma distinção entre a etiologia das neuroses atuais e as psiconeuroses esteja presente desde os anos 1894-96 e nas correspondências a Fliess desta mesma data, somente em 1898 (FREUD, 1898/1976) encontramos pela primeira vez a expressão neurose atual na obra de Freud (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). A criação da categoria nosográfica das neuroses atuais, em particular a neurose de angústia, surge em consonância com uma demarcação do campo psicopatológico da psicanálise. Não obstante autores como

Laplanche e Pontalis (2001) afirmem que as neuroses atuais têm alguma ligação com o terreno do psíquico ainda que de maneira primária, Freud (1894 [1950]/1977) as situa como preponderantemente da ordem do somático. Nesse sentido, tratar-se-ia de neuroses incompatíveis com o dispositivo clínico, uma vez que, para ele, as causas orgânicas não poderiam ser acessadas pela psicanálise. Talvez essa asserção lance luz ao fato de que a discussão em torno das neuroses atuais tenha praticamente desaparecido do texto freudiano, salvo em raras passagens.

Em um primeiro momento, a distinção entre as neuroses atuais e as psiconeuroses pode ser concebida pela via das diferenças etiológicas e de suas sintomatologias. Embora em ambas se trate de um destino da libido, nas neuroses atuais a libido é impedida de encontrar uma via psíquica, ficando restrita ao corpo. A palavra “atual” deve ser entendida no sentido da atualidade da afecção. Enquanto nas psiconeuroses, trata-se de um conflito infantil que é reorganizado como sintoma *a posteriori*, nas neuroses atuais, o que se passa é presentificado. Isto é, a atualidade é concebida como uma presentificação, contrapondo-se à ideia de um efeito de algo representado em outro tempo. Tal temporalidade marca também uma diferença no mecanismo de formação de sintomas. Como vimos, nas psiconeuroses, a mediação sintomática prossegue por meio de mecanismos como o deslocamento e a condensação, isto é, através do retorno do recalcado e da ligação do afeto a outra representação. Já nas neuroses atuais, a formação de sintoma não está relacionada a um mecanismo de defesa. Mais especificamente em relação à angústia, Freud (1894[1950]/1977) afirma que esta não se desvincula da representação por um processo defensivo, mas decorre de uma excitação somática acumulada de origem sexual. Embora tanto a neurastenia quanto a neurose de angústia sejam descritas a partir de uma etiologia sexual e orgânica, cabe diferenciá-las visando um enfoque maior no nosso objeto, a experiência de angústia descrita na neurose de angústia.

O artigo "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’” (FREUD, 1895b/1977) marca a primeira aparição do termo “neurose de angústia” (*Angstneurose*) em uma publicação – antes só havia sido empregado nas cartas à Fliess. Os principais sintomas indicados por Freud característicos da neurastenia dizem respeito a dores de cabeça e uma espécie de fadiga. Estes teriam sua origem na inadequação da ação de descarga da tensão sexual, devido à substituição do coito

por formas alternativas como a masturbação, por exemplo. A descarga da excitação sexual seria assim sempre insuficiente levando a uma série de descargas sem que houvesse uma satisfação maior. A inserção da problemática sexual no caso da neurastenia provocou uma reviravolta no entendimento dessa patologia em relação à concepção de George Beard que a associa a nervosidade da sociedade moderna. Para Obaid (2012), ao dar destaque à etiologia sexual da neurastenia, Freud não só contribuiu para psicopatologia da sua época, mas também indicou um novo fundamento para a ideia de sofrimento psíquico moderno.

A relação com a energia sexual é concebida de maneira diferente na neurose de angústia: a libido transforma-se de maneira direta em angústia. Segundo Laplanche (1987), enquanto para Freud a neurastenia estaria ligada a um “fenômeno sexual de desvio” (p. 43), ou seja, referida a um problema de desvio em relação à forma de descarga, a neurose de angústia diz respeito a um mecanismo preponderantemente quantitativo. Cabe lembrar que, neste momento, Freud está atento para a etiologia sexual das neuroses e comprometido com o método catártico o que vai ser de grande influência para uma aceção de angústia vinculada à intensidade e à sexualidade. O mecanismo que caracteriza a neurose de angústia diz respeito a uma inadequação entre a excitação no nível somático e sua elaboração no psíquico. O que se destaca não é uma descarga inadequada, mas uma dificuldade de elaboração psíquica. A excitação de origem somática, uma vez que não pôde ser elaborada, permanece no corpo. Ou seja, ela engloba dois aspectos, um intensivo e outro que tem a ver com a possibilidade de elaboração do aparelho. Seu mecanismo está ligado à ideia de excesso, de acúmulo de excitação que não foi suportado, podendo ser entendido na articulação entre uma angústia inscrita no corpo e a insuficiência de elaboração psíquica. De origem somática, a excitação se mantém neste campo, uma vez que não pôde ser elaborada. Desse mecanismo decorrem os acessos de angústia, sendo descritos como desprovidos de conteúdo representativo imediato: o sujeito não consegue vincula-los ao pensamento e muitas vezes há uma ligação estreita com uma sensação somática.

Trata-se de uma angústia descrita como uma energia flutuante que permanece no corpo. Essa mobilidade da energia nos faz lembrar, de imediato, a dinâmica histérica, na qual um afeto é deslocado de uma representação recalcada para outra representação localizada no corpo (histeria de conversão). Freud (1894 [1950]/1977), no entanto, marca uma diferença nítida entre a neurose de angústia e as neuroses de transferência. Enquanto

nestas o afeto referido a uma representação recalçada se liga a outra representação, naquelas, a tensão não pôde se ligar a nenhum representante psíquico e, por isso, se refugia no corpo. Ou seja, a angústia neste caso não é entendida como uma resultante do recalque, uma vez que ele nunca teve seu representante psíquico estabelecido. Nas palavras de Freud:

(...) nessa neurose, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta, atinge o nível do limiar em que consegue despertar afeto psíquico, mas, por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um *afeto sexual* não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em — angústia. (FREUD, 1894 [1950]/1977, p.265)

Logo, se na conversão verifica-se um salto do psíquico para o somático, na neurose de angústia não se chega a alcançar o psíquico. A este respeito Freud (1894 [1950]/1977) afirma que “a neurose de angústia é, realmente, o equivalente somático da histeria” (p. 274). Na mesma direção, Green (1982) aponta como uma diferença importante entre a conversão histérica e o processo ocorrido nas neuroses de angústia o fato de que a conversão exige uma elaboração, enquanto a neurose de angústia diz respeito a uma “perturbação econômica” (p. 75) e não pressupõe uma elaboração psíquica.

As razões para a ausência de elaboração psíquica desta energia, contudo, não são claramente expostas. De acordo com Freud, “não é possível, a princípio, discernir como a ansiedade surge da libido; apenas podemos reconhecer que a libido está ausente e que a ansiedade está em seu lugar.” (FREUD, 1917/1976, p. 470). Seguindo as indicações de Laplanche (1987), um caminho para pensar esse mecanismo seria relacioná-lo a um impedimento ou mesmo uma alienação entre as esferas psíquica e somática. Este impedimento relacionado a uma ausência de elaboração psíquica é um conceito chave na metapsicologia freudiana principalmente nos primeiros escritos. Elaborar psiquicamente significa realizar uma espécie de trabalho, como no sonho ou no luto, tendo como resultante a ligação da energia psíquica a determinados conteúdos representativos. A insuficiência psíquica ressalta a dificuldade de ligação a representações, constituindo-se como um mecanismo mais primário do que o recalque, pois impede a ligação da excitação sexual somática com a cadeia associativa. Esta perspectiva, que busca não restringir a neurose de angústia a uma problemática estritamente somática, concebe a ligação entre afeto e representação em níveis progressivos de elaboração (LAPLANCHE, 1987). A

representação ideativa seria o nível mais elaborado, podendo se relacionar entre si, isto é, permitindo associações. O afeto encontra-se no nível intermediário, pois preserva um componente de descarga somática, mas possui alguma ligação de forma a garantir sua expressão como afeto no psíquico. A angústia, por sua vez, seria um nível menos elaborado do afeto. Nesse caso, entende-se que Laplanche esteja se referindo à angústia em sua face que denominamos traumática, relacionada às neuroses atuais, e não à dimensão discutida no capítulo anterior, esta diz respeito a uma ordem de elaboração mais complexa. Nota-se que o que está em jogo nessa divisão são níveis progressivos de elaboração psíquica e não uma dicotomia entre aquilo que é da ordem do somático e o que é da ordem do psíquico. Logo, através desta perspectiva, a neurose de angústia não precisa ser entendida estritamente como uma afecção somática, mas como algo que se dá em um nível de elaboração primário.

A discussão sobre as neuroses atuais, embora não desapareça totalmente, é pouco trabalhada nos textos escritos de 1900 a 1926. Este período, além de comportar o desenvolvimento de uma dimensão mais elaborada da angústia, é marcado por uma série de textos que ainda não totalmente desprendidos da primeira teoria, já levantam aspectos que serão mais bem trabalhados a partir de 1926. Alguns textos deste período, embora de maneira pouco trabalhada, versam sobre as neuroses atuais e uma dimensão de angústia ligada a elas, tocando em questões que serão importantes para a segunda formulação da angústia.

- O narcisismo e as questões colocadas à teoria da angústia:

O texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (FREUD, 1914/1974) é um marco importante na teoria psicanalítica. De acordo com Herzog (1994), as exigências que se impõem ao pensamento freudiano a partir de 1914 dão ensejo à formulação da segunda teoria sobre a angústia. As proposições apresentadas retomam e exigem um resgate posterior da dimensão de angústia traumática. É também em 1914 que se volta a falar sobre a dor e as neuroses atuais. A hipocondria é evocada como uma terceira neurose atual ao lado da neurose de angústia e da neurastenia. Embora nos manuscritos enviados a Fliess e nos primeiros textos sobre as neuroses atuais, as referências à hipocondria sejam escassas, no Rascunho B (FREUD, 1893[1950]/1977) temos uma definição precisa desta manifestação sintomática inespecífica. Ela é definida como uma “angústia relacionada com o corpo” (FREUD, 1893[1950]/1977, p. 260). De acordo com Fortes (2013), a angústia

hipocondríaca foi concebida como um dos destinos corporais da angústia, sem, no entanto ser mais bem desenvolvida. A justificativa de seu estatuto de neurose atual é claro, uma vez que assim como na neurose de angústia, trata-se de uma problemática atual que se manifesta no somático: a angústia que não pôde ser elaborada psiquicamente tem como alvo o corpo. Não obstante as modificações trazidas pelo texto de 1914, o grupo das neuroses atuais foi mantido. As psiconeuroses, por sua vez, sofreram uma divisão entre as neuroses de transferência, que se caracterizam pelo investimento libidinal objetual (histeria e neurose obsessiva) e as neuroses narcísicas, marcadas pelo retraimento narcísico (parafrenia, paranoia e melancolia). Apesar de destacar o caráter narcísico da hipocondria, Freud a manterá no quadro das neuroses atuais. No entanto, em 1917, o autor traça uma notável relação entre os sintomas das neuroses atuais e das psiconeuroses. As neuroses atuais são consideradas como o primeiro estágio de um sintoma psiconeurótico, trata-se de uma primeira camada sobre a qual vão se construir os sintomas mais elaborados psiquicamente relacionados às psiconeuroses.

Para teorizar a questão das neuroses atuais e através dela versar sobre o narcisismo, Freud aborda primeiro a dor física para em seguida discutir a hipocondria. Segundo sua concepção, o doente retira a libido dos objetos e a redireciona para si mesmo. Na hipocondria, o mecanismo é o mesmo: há uma espécie de retração da libido para o eu. Mas por que esta retração acontece? Retomando a noção de corpo erógeno apresentada em 1905, Freud indica que o que ocorre na hipocondria é uma modificação na erogeneidade do órgão. A parte do corpo dolorida comporta-se como o órgão sexual em estado de excitação, isto é, como uma zona erógena. À medida que há modificação na erogenicidade dos órgãos, verifica-se uma modificação paralela no investimento libidinal no ego. Isto é, a libido desloca-se para o eu. Fortes (2013) aponta que o deslocamento da energia dos objetos em direção a um retorno narcísico para o eu inscreve a angústia hipocondríaca ao lado da libido do eu, enquanto a angústia neurótica se aproxima da libido do objeto.

Na hipocondria, com a regressão da libido para uma zona erógena, experimenta-se o esfacelamento da unidade egóica que, de acordo com Freud (1914/1974), é forjada pelo investimento narcísico dos pais. Segundo Paraboni (2014), as queixas hipocondríacas dão mostras de um eu ameaçado em sua unidade, tentando recompor e sanar suas feridas. O modo de funcionamento autoerótico seria parte de uma tentativa de restituir o narcisismo

esfacelado. Quando esta lógica totalizante falha, ou melhor, quando há quebra da representação totalizada do corpo, dá-se um reinvestimento maciço do corpo fragmentado, investimento eminentemente autoerótico. Não se trata, de um silêncio do corpo, os órgãos falam e denunciam esta falência de uma unidade corpórea forjada. Freud, portanto, relembra o porquê de a hipocondria ser concebida como uma neurose atual: a angústia hipocondríaca é considerada como uma manifestação somática. Esta ocorre devido ao retorno libidinal para o corpo que acontece como uma tentativa de recuperação da unidade egóica despedaçada. Os sintomas hipocondríacos podem ser entendidos como uma tentativa de recuperação da unidade egóica perdida e a angústia uma consequência desta perda.

Pode-se dizer que as revisões de Freud sobre o narcisismo e a hipocondria são propulsoras da elaboração da segunda teoria sobre a angústia. Seguindo as indicações de Paraboni (2014), a angústia relacionada à hipocondria deve ser entendida como um afeto ligado ao desamparo revelado pelo despedaçamento da imagem do eu. Logo, a partir das considerações freudianas sobre a hipocondria neste texto, podemos vislumbrar um aspecto da angústia que se desenvolverá na segunda teoria: a angústia ligada ao desamparo. O narcisismo primário, de acordo com Freud, projeção do narcisismo dos pais, é o resultado de uma nova ação psíquica que assegura uma primeira unidade corporal frente à fragmentação do corpo erógeno. Para Jordão (2009), o narcisismo é a contrapartida do desamparo, ou seja, esta imagem forjada constrói-se como uma possibilidade de fazer frente ao estado de desamparo inicial do bebê. Embora como aponte Pereira (2008), o estado de desamparo, possa ser depreendido a partir de três significados distintos, um aspecto importante está na incapacidade do bebê de dar um destino às excitações que o invadem. Conforme discutimos no âmbito da vivência de satisfação, em um primeiro momento, as excitações são vividas passivamente e possuem um aspecto traumático, pois o bebê é incapaz de lhes dar um destino. O “homem ao lado” (*Nebenmensch*) ao interpretar essas excitações e apazigua-las, também produz uma ação psíquica de modo que o corpo fragmentado se reúne em uma organização, uma unidade egóica. A fragmentação desta unidade leva ao reencontro com o desamparo e justamente aí se localiza a angústia hipocondríaca. A angústia na hipocondríaca vincula-se ao estado de desamparo e de passividade, cuja base residiria numa vivência traumática. Ressalta-se assim a relação da angústia com o conceito de desamparo que será mais bem trabalhado na segunda teoria.

- As duas faces do estranho: do retorno do recalcado ao aspecto demoníaco.

Freud dá continuidade a esta discussão de estranheza em relação ao corpo e à sensação de desamparado no texto *Das Unheimlich* (“O estranho”) de 1919. Somente neste texto podemos entrever a dificuldade enfrentada com o conceito de angústia. Embora em 1914, como vimos, abra-se a possibilidade de aproximar a angústia do desamparo, ainda estamos no primeiro momento de teorização sobre este afeto em que é concebido como consequência do recalque. Como conciliar a teoria de que a angústia é resultado do recalque com a noção de desamparo? O texto de 1919, “O estranho” é marcado por este impasse.

No trecho a seguir, podemos vislumbrar como a questão da angústia é articulada com a noção de estranho:

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertence a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; (FREUD, 1919/197, p.297)

Ora, esta primeira consideração aponta, de saída, para a problemática da relação da angústia com o recalque na primeira teoria da angústia. O estranho é concebido como análogo ao fenômeno do retorno do recalcado e a angústia surgiria como decorrência deste. Neste texto, portanto, a angústia em sua dimensão mais elaborada é formulada da mesma maneira que na primeira teoria sobre este afeto: como uma consequência do recalque. No entanto, podemos observar a oscilação de Freud entre a relação do estranho com uma angústia ligada ao recalque, e a relação deste fenômeno com outra dimensão que se desvincula deste mecanismo. O fenômeno do estranho familiar é discutido a partir de duas vertentes: através da ideia do retorno do recalcado, mas também remetida a

uma ‘compulsão à repetição’ procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas (FREUD, 1919/1976, p. 298).

Em outros termos, o estranho familiar pode também ser resultado de uma dimensão intensiva ligada a uma pulsionalidade para além da representação que se aproximaria da vivência de dor e da noção de terror (*Schreck*) trabalhada em 1917, isto é, de uma dimensão traumática da angústia. Cabe lembrar que “O estranho” (FREUD, 1919/1976) foi publicado na mesma época em que Freud redigia “Mais além do princípio do prazer” de 1920. As ideias discutidas neste artigo trazem, portanto, o cerne daquelas que serão desenvolvidas no texto de 1920.

Para avançarmos na problemática da angústia e do estranho, cabe evocar o significado da palavra *Unheimlich* discutido no início do texto por Freud. Esta expressão, como tantas outras na língua alemã, comporta outras palavras na sua composição, dentre elas está ‘*Heim*’. No alemão corrente atual, a palavra designa casa, abrigo. Freud indica, portanto, que a expressão *Unheimlich* “por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora de vista” (FREUD, 1919/1976, p. 242). Saceanu (2001) afirma que através da discussão semântica pode-se depreender que só há estranheza onde há familiaridade. Nesse sentido, poderíamos pensar o estranho como tributário do narcisismo. A relação do estranho com o narcisismo é indicada por Freud através da discussão sobre o duplo, ou seja, sobre uma imagem que se sobrepõe a outra, como a famosa cena de Freud se olhando no reflexo do trem sem reconhecer a si mesmo. Trata-se do efeito de defrontar-se com a própria imagem, espontânea e inesperadamente. O narcisismo aqui entendido como a constituição de uma imagem corporal, está diretamente relacionado a uma imagem especular do eu. Grosso modo, através da indicação da mãe no espelho de uma imagem unificada é possível forjar uma unidade corporal onde só existia um corpo fragmentado. Trata-se, portanto, de um momento em que através da identificação, camufla-se o estado de desamparo ao se forjar uma unidade calcada na imagem de si especular. O estranhamento entendido como uma vacilação desta imagem de si, só é possível a partir da constituição do eu, ou seja, o narcisismo e o estranho são os dois lados da mesma moeda. O fenômeno do estranho além do retorno do recalado comportaria uma dimensão ligada à regressão a um estágio anterior ao narcisismo e a uma espécie de estranhamento desta imagem especular forjada, assim como aconteceria no fenômeno da hipocondria. A angústia provocada por este fenômeno está, portanto, relacionada a um aspecto mais arcaico e que prescinde do recalque. No entanto, como vimos,

além da relação do duplo com o narcisismo, este também está ligado à questão do retorno do recaiado. Nesse sentido, o fenômeno do estranho seria a consequência do retorno do recaiado. O duplo é esta parte recaiada que não está integrada no eu, causando estranheza embora se trate de algo familiar. Tanto no sentido de despedaçamento da imagem corporal, quanto relacionado ao retorno do recaiado, o fenômeno de se deparar com a familiaridade na estranheza é algo que para Freud tem como consequência a angústia.

Logo, através da noção de estranho, pode-se entrever uma série de questões colocadas em relação à noção de angústia que a segunda teoria terá que responder. A angústia estaria ligada ao recalque ou relacionada ao “caráter demoníaco da mente” (FREUD, 1919/1976, p.297)? Com intuito de responder esta questão através de um refinamento das semelhanças e diferenças entre o estranho, o desamparo e a angústia, Vieira (1999) procura desvincular a angústia e o estranho. De acordo com o autor, o *Unheimlich* estaria mais estreitamente ligado ao recalque do que à angústia. Enquanto o estranho articula-se a uma vacilação da imagem totalizante, remetendo ao recalque, na angústia, o duplo não mais comparece, já que se trata de algo que está para além do recalque, anterior à especularidade. Nesta perspectiva, a estranheza familiar aproxima-se de uma vacilação da própria imagem, engendrando a sensação de despersonalização que lhe é característica. Já na angústia, o duplo desaparece, pois há um desvanecimento da própria imagem. O autor propõe que a dimensão da angústia discutida por Freud em relação ao recalque não deva ser entendida como angústia. A angústia estaria ligada somente à dimensão mais arcaica. Embora possamos depreender estas proposições do texto freudiano, tal divisão não está clara em 1919, a teorização sobre a angústia é confusa e oscila entre estes dois aspectos. Neste artigo, o estranho aparece associado à angústia tanto como consequência do recalque secundário, quanto a um aspecto que está para além deste. No texto de 1926, “Inibições, sintoma e ansiedade”, encontramos justamente esta duas dimensões da angústia denominadas de angústia automática e angústia sinal. Este pode ser entendido como uma tentativa de sistematização das proposições sobre a angústia, uma vez que é nele em que estas duas dimensões tornam-se indissociáveis.

- A virada conceitual de 1920 e as consequências para a teoria da angústia:

Uma peça importante no quebra cabeça para a formulação da segunda teoria sobre a angústia foi discutida no texto “Além do princípio do prazer” de 1920. De acordo com Birman (1996), o que orientou clinicamente Freud a postular algo além do princípio do prazer foi a ideia de que a pulsão desligada é sempre traumática, uma vez que o aparato psíquico não pode fazer frente a esta intensidade. Enquanto excesso, a pulsão estaria sempre aquém da capacidade de simbolização do sujeito, manifestando-se no mecanismo de compulsão à repetição.

Este excesso pulsional, que levou Freud (1920/1976) a postular um além do princípio do prazer, foi observado por ele através de três fenômenos: as brincadeiras infantis, as chamadas “compulsões de destino” e os sonhos traumáticos. Seguindo as indicações de Fortes (2012), embora o exemplo da brincadeira infantil seja algo que remeta a um mais além do princípio de prazer, este caso não é de todo adequado para ilustrá-lo. Isto porque, o menino, que reproduz no jogo do carretel uma situação traumática de separação da mãe, acaba por reviver de maneira ativa uma primeira experiência passiva. Ou seja, produz-se o domínio e a satisfação pulsional prazerosa sobre algo que lhe causou uma intensa impressão quando vivido passivamente. Consideramos que esta experiência comporta algo relacionado ao aspecto traumático da angústia, mas consiste em uma elaboração deste. Ou seja, na repetição desta situação, dá-se a passagem de uma vivência traumática para uma vivência atenuada da angústia.

As chamadas “compulsões de destino” e os sonhos de angústia, apontam para outra experiência deste além do princípio do prazer. Ambas as situações contradizem o princípio do prazer na medida em que consistem na repetição de experiências desprazerosas, remetendo, conforme veremos no último capítulo, a uma espécie de eterno retorno do mesmo. A relação destes com a angústia é melhor compreendida através dos sonhos de angústia ou sonhos de neurose traumática. Estes são narrados por Freud a partir da experiência clínica com pacientes que sofreram acidentes inesperados, uma vez que a ausência de preparação é fundamental para o desencadeamento destes sonhos. Diferente da angústia no sonho discutida por Freud em 1900 que, como vimos, estava associada ao recalque, este afeto no sonho traumático passa a ser entendido como a repetição de uma experiência traumática, ou seja, como algo que está para além do princípio de prazer. Mais

especificamente, a repetição do sonho consiste em uma tentativa de estabelecer uma representação psíquica desta experiência assim como na brincadeira infantil, no entanto, esta tentativa é fracassada.

Para discorrer sobre a questão do traumático, forja-se um novo modelo do aparato psíquico. Freud se utilizará do modelo da vesícula, um organismo vivo que possui uma superfície voltada para o exterior, servindo como receptor de estímulo cuja superfície mais externa é transformada em uma crosta de modo a se proteger das intensidades energéticas provindas do mundo externo. O trauma tem lugar quando uma excitação externa é forte o suficiente para romper esta barreira de proteção, fazendo com que uma grande quantidade de energia invada o aparato. Nota-se claramente a aproximação desta passagem com a experiência de dor do “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1985[1950]/1977). Este fenômeno de rompimento da barreira se articula a ideia de uma invasão pulsional frente a qual há uma impossibilidade de preparo.

A questão pode ser entrevista através da regate em 1920 da divisão feita por Freud na 25ª Conferência entre a angústia e o terror. O autor busca distinguir uma dimensão traumática da angústia, designada como terror, e outro aspecto mais elaborado. Em suas palavras:

(...) atribuímos ainda importância ao elemento de susto. Ele é causado pela falta de qualquer preparação para a ansiedade, inclusive a falta de hipercatexia dos sistemas que seriam os primeiros a receber o estímulo. Devido à sua baixa catexia, esses sistemas não se encontram em boa posição para vincular as quantidades afluentes de excitação, e as consequências da ruptura no escudo defensivo decorrem mais facilmente ainda. Ver-se-á, então que a preparação para a ansiedade e a hipercatexia dos sistemas receptivos constitui a última linha de defesa do escudo contra os estímulos. (FREUD, 1920/1976, p. 47).

Nesta passagem podemos depreender as duas dimensões da angústia que estamos discorrendo: uma contra a qual o aparato psíquico não pôde se defender, e outra de caráter defensivo, a “preparação para a angústia” que se aproxima daquilo que em 1926 será caracterizado como angústia sinal. Laplanche (1987), no entanto, trata a “preparação para a angústia” descrita em 1920, como uma proposição diferente da angústia sinal. De acordo com o autor, a preparação para a angústia diz respeito a uma defesa mais primária e geral do que a angústia sinal de 1926. Os argumentos de Laplanche (1987) mais uma vez estão calcados na ideia de níveis progressivos de elaboração. Enquanto a angústia sinal seria um

nível mais elaborado, a preparação para angústia diz respeito a um nível de elaboração mais primitivo, intermediário entre a angústia traumática e a angústia sinal. Além deste aspecto, a partir das considerações levantadas pela questão da pulsão de morte e da compulsão à repetição, radicaliza-se ainda mais a relação constitutiva do sujeito com a experiência de dor (FORTES, 2012). Isto porque, o registro originário seria o além do princípio do prazer, sendo o princípio do prazer constituído posteriormente, esta perspectiva será articulada com a questão da angústia em 1926.

A angústia em 1920 é, portanto abordada em uma dimensão traumática através do terror (*Schreck*), mas ainda não de maneira originária e fundante do aparato psíquico como em 1926. O terror (*Schreck*) é um fator responsável pelas neuroses traumáticas, principalmente devido ao seu caráter de surpresa. Estas são entendidas, *grosso modo*, “como consequência de uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos” (FREUD, 1920/1976, p. 47). De acordo com Barrois (1998), a neurose traumática diz respeito à vivência de um terror (*Schreck*) indizível, análogo ao aspecto traumático da angústia. Este provocaria um anúncio de uma espécie de perda de si, uma situação de desamparo absoluto causada por esta ruptura dos escudos protetores. Atentos a esta dimensão intensiva, pode-se presumir, com o apoio de alguns autores, que a dinâmica das neuroses atuais teria sido resgatada à luz do conceito de pulsão de morte. Nas palavras de Campos (2004): “(...) eis aqui uma espécie de retranscrição do que tinha sido enunciado como principal característica da neurose de angústia.” Os autores propõem, portanto, uma releitura da dinâmica da neurose de angústia associando-a à pulsão de morte. Ou seja, abandona-se a etiologia sexual, o excesso, antes de cunho libidinal, perde este caráter e passa a ser entendido como um excesso vinculado a uma pura intensidade, uma espécie de “violência instintiva” nos termos de Dejours (1988). O aspecto de presentificação do sofrimento, o caráter atual, é associado ao mecanismo de compulsão à repetição, considerado uma atualização do traumático pulsional ao qual o psíquico não pode dar um destino representacional. Não se trata aí do resultado de um conflito, mas de “um impulso avassalador ao qual sucumbe o sujeito, que passa então a justificá-lo por contingências da atualidade (...)” (GONDAR, 2001, p.28). No entanto, conforme veremos mais adiante, em “Inibição, sintoma e ansiedade” (FREUD, 1976/1926), adiciona-se uma complicação à

questão da angústia. Além de uma intensidade pulsional, a problemática da perda do objeto é também discutida como um fato chave do aparecimento deste afeto.

1.3) As dimensões da angústia a partir de 1926: as duas faces da mesma moeda.

O texto “Inibição, sintoma e ansiedade” de 1926 foi escrito, portanto, no intuito de rever a teoria da angústia a partir das modificações trazidas principalmente pelas formulações de 1914, 1919 e 1920. Além desses, o artigo “O ego e o id” de 1923 também traz novidades importantes que vão incidir diretamente na teoria da angústia. Em 1923, propõe-se uma reconfiguração tópica como consequência da discussão em torno da questão do ego em 1914. Neste texto, Freud começa a se perguntar sobre a possibilidade de uma parte do ego funcionar como uma instância crítica responsável pela repressão, que possui estreita ligação com o inconsciente. A partir daí, algumas questões são levantadas, dentre elas, a de como localizar o ego em um aparato psíquico dividido entre o inconsciente e o consciente. Em 1923, Freud discute esta questão assinalando de maneira clara as raízes inconscientes desta instância psíquica. O ego passa a ser entendido como uma parte do Id que, modificado pelo mundo externo, se diferenciou deste. A tarefa do ego é árdua, uma vez que se trata de uma organização que precisa lidar com as exigências do id, procurando estabelecer uma solução de compromisso também com o mundo externo e com a parte de si que se tornou uma instância crítica. No entanto, no texto de 1926, Freud não concebe o ego como uma instância completamente vulnerável. Ele pode, através de uma posição ativa, domar certos impulsos. Ou seja, há uma espécie de via de mão dupla entre o ego e o id, “de modo que qualquer espécie de comportamento por parte do ego resultará também numa alteração do processo instintual” (FREUD, 1926/1976, p. 170).

Diante destas considerações, Freud (1926/1976) opera uma mudança no que concerne à tópica da angústia. O ego torna-se sua sede principal. Esta instância passa a ser responsável pela liberação de uma pequena quantidade deste afeto frente a representações que causariam uma invasão intensiva insuportável. De acordo com Freud (1933/1976), este trabalho do ego é no fundo idêntico ao pensar normal. Ou seja, assim como vimos no Projeto, a função do pensamento permite que o ego se antecipe e efetue uma reprodução atenuada dos sentimentos desprazerosos. Figueiredo (1999) se utiliza da metáfora da vacina para melhor ilustrar este contexto: injeta-se uma pequena dose do agente nocivo com o objetivo de acionar as defesas do organismo, como o recalque, por exemplo, preparando-o

para um possível ataque futuro. A angústia, portanto, não é mais entendida como decorrente do recalque, mas como sua causa. Ademais nota-se que o interesse de Freud em relação à angústia na segunda teoria deixa de ser sua origem e passa a ser sua função. A função da angústia é a de impedir que esse trauma se repita em toda sua intensidade, logo, uma função de cunho defensivo. Desta perspectiva, o ego passa a ser entendido não só como lugar da angústia, mas como podendo repeti-la por sua própria conta. Esta instância psíquica que experimentou uma invasão traumática passivamente passa agora a repetir ativamente, em versão enfraquecida, “na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso” (FREUD, 1926/1976, p. 192). No entanto, se pensarmos o ego, assim como Freud nos indicou em 1914, como uma instância que não existe desde o princípio, é preciso vislumbrar a existência de uma dimensão da angústia anterior ao ego, responsável em parte pela formação do aparato psíquico tal como observamos na experiência de satisfação no “Projeto para uma psicologia científica” (1895[1950]/1977). Nesse sentido, podemos conceber um aspecto da angústia ligada ao recalque primário. Seguindo as indicações de Safouan (1986) mesmo com as modificações empreendidas, Freud ainda preservaria em 1926 aspectos da primeira teoria sobre a angústia em consonância com a segunda teoria.

Além destas duas mudanças, de caráter tópico e dinâmico há, no que concerne ao aspecto econômico, a consolidação de proposições que vinham sendo feitas principalmente desde a 25ª Conferência de 1917. A angústia passa também a comportar uma versão atenuada, correlata a um sinal que emite desprazer. Observa-se que no texto de 1926, embora Freud ainda esteja referido a duas dimensões da angústia, estas não aparecem de maneira tão dissociada como nos primeiros escritos. A angústia sinal, ainda que seja uma dimensão mais elaborada deste afeto, guarda uma estreita ligação com aquilo que está para além da representação. É nesse sentido que Freud afirma que “a ansiedade, por conseguinte, é, por um lado, um trauma e, por outro lado, uma repetição dele em forma atenuada” (FREUD, 1926/1976, p. 191), apontando para a indissociabilidade das duas dimensões que viemos discutindo ao longo deste capítulo. A angústia deixa de ser entendida como uma transformação da libido para se vincular ao aspecto pulsional além do princípio do prazer.

No entanto, Freud se depara com um problema: uma vez que a angústia não é mais considerada uma transformação da libido recalçada, de onde provém o aumento de energia que causa esta sensação de desprazer? A resposta para esta pergunta não será dada somente

através do ponto de vista econômico, adiciona-se aí um fator histórico. A origem da energia que gera angústia pode ser compreendida quando consideramos que este afeto é a reprodução de um estado afetivo correspondente a uma imagem mnêmica já existente. De acordo com Freud (1926/1976) “os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primeiras, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos.” (p.115). A angústia passa a ser entendida como “a reprodução de alguma experiência que encerrava as condições necessárias para tal aumento de excitações e uma descarga por trilhas específicas” (FREUD, 1926/1976, p. 156).

- A angústia e o trauma do nascimento.

Para discorrer sobre a natureza desta experiência, Freud revisita a hipótese de Otto Rank de que a vivência protótipo da angústia é o nascimento. Na proposição de Rank, este afeto é a consequência do trauma do nascimento e surge como uma tentativa de abreagir esta primeira vivência traumática. Embora Freud (1926/1976) descarte esta hipótese principalmente pela improbabilidade de que uma criança retenha algo além das sensações táteis e gerais no processo do nascimento, ele afirma que o nascimento é o modelo do estado de angústia. Nas suas palavras: “o essencial do nascimento, assim como em toda situação de perigo, é que ele imprime à experiência mental um estado de excitação marcadamente intensa que é sentida como desprazer e que não é possível dominar descarregando-a” (FREUD, 1933/1976, p.117). No entanto, para Freud, a angústia não é uma maneira de abreagir o trauma do nascimento, uma vez que só se pode ter registro desta experiência posteriormente. Para discorrer sobre a articulação da experiência traumática a uma possibilidade de registro, Freud busca observar os medos infantis e percebe que eles estão ligados a um objeto, ou seja, estão associados principalmente ao fato de sentir falta de alguém que é amado. Esta observação pode ser entrevista em um comentário na 25ª Conferência de 1917 quando afirma que as primeiras fobias em crianças são aquelas relativas a situações de escuridão e solidão disparadas quando sentem a ausência de uma pessoa amada. Para ilustrar estes medos Freud conta uma anedota:

Enquanto encontrava-me no aposento ao lado, ouvi uma criança com medo do escuro dizer em voz alta: ‘Mas fala comigo titia. Estou com medo! ‘Por que? De que adianta isso? Tu nem estás me vendo.’ A isto a criança respondeu: ‘Se alguém fala, fica mais claro. (FREUD, 1917/1926, p. 474)

Nesta passagem observa-se que a presença de um outro é capaz de aplacar os medos infantis, fazendo frente ao ao desamparo. O primeiro medo, portanto, consiste no medo de perder esta pessoa, no medo do abandono. Para desenvolver a hipótese da indissociação dos dois aspectos da angústia, Freud evoca um argumento que nos remete ao estado de desamparo articulado à vivência de satisfação apresentada no Projeto de 1895. A criança nada pode fazer frente às exigências da vida, o homem ao lado (*Nebenmensch*), será aquele que acolherá e dará um destino a estas exigências que a acossam. Logo, quando é novamente acometida por esta sensação de anseio, a criança procura reproduzir de maneira alucinatória a imagem mnêmica da pessoa que uma vez pôde dar um destino a estas excitações. A “ansiedade primeva” (FREUD, 1926/1976, p. 161) ocorre por ocasião da ausência da mãe, ou seja, ocorre quando o *infans* não sabe se reencontrará ou não a mãe para dar um destino às exigências da vida que o acossam. De acordo com Freud, a razão de a criança almejar a presença da mãe e temer a sua ausência consiste no fato de que esta pôde satisfazer as suas necessidades, ou seja, de que, como vimos com o Projeto (FREUD, 1895[1950]/1977), ela foi capaz de realizar uma ação específica que faça por um momento cessar as exigências da vida. A situação pela qual a criança deseja ser protegida é “de uma crescente tensão devido à necessidade, contra a qual ela é inerme” (FREUD, 1926/1976, p. 161).

Para Freud, esta situação é análoga à experiência de nascer e o que elas têm em comum é o aumento de excitação que precisa ser eliminado. Ou seja, trata-se de uma perturbação econômica que resulta em angústia. No entanto, a partir do momento em que a criança pode ter a experiência de um objeto externo, tal como a mãe, capaz de dar um destino para a situação de desamparo, desloca-se a questão da situação econômica para a questão da perda de objeto. A primeira experiência traumática pode, assim, ganhar uma inscrição: a angústia deixa de ser sentida em relação ao desamparo e se configura como uma reação frente a uma situação de perigo. Perigo, neste caso, significa “uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo” (FREUD, 1926/1976, p. 191-192). Assim, através da montagem de um circuito representacional, feito através da mediação de um outro, a repetição de uma situação traumática pode tornar-se uma experiência de sinal de angústia, revelando a outra dimensão deste afeto. Esta surge como uma reprodução atenuada do primeiro momento que se foi acossado por estas excitações, antes de haver

uma inscrição da primeira satisfação. A angústia diante de uma situação de perigo diz respeito a um nível mais elaborado, tendo como sede o ego que procura através da emissão deste afeto ensejar uma inibição. Rocha (2000) observa que a angústia sinal é uma energia psíquica passível de ligação, logo, de uma atividade simbólica. A angústia sinal, afeto que surge diante de uma situação de perigo, ganha um colorido distinto ao longo da vida, pois os perigos diante dos quais o sinal de angústia será acionado são mutáveis.

Já o desamparo propriamente dito, é entendido como uma situação “traumática”, frente a qual se é impotente para dar um sinal de angústia. A experiência de angústia traumática, a angústia automática, se configurará como um retorno idêntico deste momento, uma situação análoga ao trauma de nascimento, que repete este mesmo estado de despreparo para uma invasão pulsional, um estado automático. Ou seja, diz respeito a uma situação de invasão pulsional diante da qual o sinal de angústia não foi possível ser elaborado.

Cabe ressaltar que a angústia automática não é o desamparo propriamente dito, mas consiste em uma reação contra ele. Do ponto de vista baseado nos níveis progressivos de elaboração de Laplanche (1987), a angústia automática diferencia-se do desamparo por comportar algum nível de elaboração. Segundo Pereira (2008), a angústia, ainda que em sua dimensão traumática denominada por Freud de angústia automática, sempre comporta algum grau de elaboração, ou seja, se trata de uma reação psíquica frente ao desamparo. Ao discernir níveis de elaboração, não precisamos afirmar que a angústia relacionada ao desamparo é totalmente impossibilitada de ser elaborada psiquicamente, ela seria apenas menos elaborada. Já a angústia sinal diz respeito a um nível de elaboração mais complexo, consistindo em uma reação à situação de perigo.

Os dois aspectos deste afeto também estão, de acordo com Freud, vinculados a duas perturbações psíquicas distintas: enquanto a angústia automática “é atuante na etiologia das neuroses 'atuais'”, a angústia sinal “permanece típico para o das psiconeuroses” (FREUD, 1926/1976, p. 165).

- A angústia automática e o aspecto intensivo: da vivência de dor às neuroses traumáticas.

No texto de 1926, a angústia automática associada às neuroses atuais é entendida como uma invasão pulsional frente a qual o aparato psíquico não pode se defender. Este

aspecto, como vimos, embora tenha sido pouco desenvolvido, já está presente na obra freudiana desde o Projeto de 1895 com a noção de vivência de dor, sendo novamente descrito através da angústia automática. Sem dúvida, estes são conceitos distintos que possuem uma série de particularidades relacionadas ao momento em foram elaborados. No entanto, é inegável que ambos apontam, na trama freudiana, para uma face traumática da angústia na obra freudiana. Este aspecto menos elaborado da angústia, no entanto, não é estrito a uma vivência primária, como assegura Freud (1926/1976):

o ser adulto não oferece qualquer proteção absoluta contra um retorno da situação de ansiedade traumática original. Todo indivíduo tem, com toda probabilidade, um limite além do qual seu aparelho mental falha em sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas (p.172).

Este limite além do qual o aparato psíquico falha consiste no aspecto traumático que diferente da formulação do trauma em dois tempos, relacionado com a problemática da histeria, passa a ser vinculado a uma ligação estreita com a pulsão de morte. De certa forma, podemos dizer que ele recupera um aspecto já discutido no contexto das neuroses atuais. Trata-se da ideia de uma atualização, associada principalmente ao caráter de presentificação temporal que veremos no último capítulo.

Uma das questões, ao lado dos sonhos traumáticos e da compulsão à repetição, que chamou a atenção de Freud na direção da existência de um mais além do princípio do prazer foram às neuroses traumáticas. Barrois (1998) ao discutir os aspectos metapsicológicos articulados às neuroses traumáticas afirma que estas são neuroses decorrentes de fatores traumáticos ligados a momentos de crise no qual a regulação do aparato psíquico e sua imagem de uma totalidade é perturbada. Isto seria acompanhado de uma angústia que, de acordo com o autor, pouco se distingue da noção de terror apresentada por Freud em 1917. Não à toa em 1926, Freud afirmará que as neuroses traumáticas e as neuroses atuais possuem características comuns. Como aponta Cardoso (2011), pode-se traçar entre elas linhas de continuidade e rupturas. Talvez uma das melhores formas de apontar as semelhanças seja através da vinculação de ambas à dimensão mais arcaica da angústia.

- A angústia e as neuroses de transferência: uma dimensão mais elaborada.

A angústia correlacionada tipicamente às neuroses de transferência, por sua vez, diz respeito à dimensão mais elaborada deste afeto que vimos ao longo deste capítulo. Freud (1926/1976) faz uma relação direta entre as neuroses de transferência e a angústia sinal. Neste caso, a angústia é uma manifestação do ego que utiliza este afeto para comandar a realização das operações defensivas, tal como o recalque. Ou seja, a partir da angústia, são criados uma série de contrainvestimentos: o recalque, a formação de um sintoma e/ou um traço de caráter. O recalque é aquilo que nas neuroses de transferência instaura o conflito psíquico entre desejo e proibição, fonte da produção de sintomas que se dão através do deslocamento e condensação. No entanto, as neuroses de transferência não são mais entendidas como totalmente desvinculadas das neuroses atuais. É curioso notar a metáfora utilizada por Freud (1912/1976) ao referir-se às neuroses atuais, elas são “o grão de areia no centro da pérola” (p.313) dos sintomas psiconeuróticos. Ou seja, assim como a pérola é constituída por camadas de madreperla ao redor do grão de areia, a neurose atual seria um núcleo, um estágio mais arcaico, a partir do qual se edificará a neurose de transferência (RITTER, 2013). Observa-se que podemos pensar na questão da angústia da mesma forma: a angústia relacionada às neuroses atuais é um estágio mais arcaico da angústia nas neuroses de transferência. Ou seja, a angústia mais elaborada, bem como o ego, não existe de saída. É preciso que ela seja conquistada.

- Da angústia automática à angústia sinal:

A passagem de uma vivência primitiva da angústia de aspecto traumático para uma vivência atenuada deve ser conquistada através da relação com um objeto. Segundo Freud (1926/1976), no início, o bebê não pode distinguir entre a ausência temporária e a perda permanente; em suas palavras:

Logo que perde a mãe de vista comporta-se como se nunca mais fosse vê-la novamente; e repetidas experiências consoladoras, ao contrário, são necessárias antes que ela aprenda que o desaparecimento da mãe é, em geral, seguido pelo seu reaparecimento. A mãe encoraja esse conhecimento, que é tão vital para a criança, fazendo aquela brincadeira tão conhecida de esconder dela o rosto com as mãos e depois, para a sua alegria, de descobri-lo de novo. Nessas circunstâncias a criança pode, por assim dizer, sentir anseio desacompanhado de desespero. (FREUD 1926/1976, p.195).

O cerne deste pensamento já estava presente desde 1920 quando Freud aponta a relação da tentativa de atenuação traumática com as brincadeiras infantis. Estas marcam a passagem da passividade para a atividade que constitui, de acordo com Freud,

o primeiro grande passo à frente na providência adotada pela criança para a sua autopreservação, representando ao mesmo tempo uma transição do novo aparecimento automático e involuntário da ansiedade para a reprodução intencional da ansiedade como um sinal de perigo (FREUD, 1926/1976, p. 162).

O primeiro momento que configura a transição de uma vivência passiva para uma ativa é marcado pelo despreparo do bebê para dominar psiquicamente as somas de excitação que o alcançam quer de fora, quer de dentro. Logo, nesta fase, a angústia aparece quando a criança não se entende como um objeto separado da mãe. Quando a mãe está ausente por um determinado tempo, o *infans* não tem como representar sua ausência, experimentando a sensação de aniquilamento. No entanto, em um segundo momento, se a mãe volta em um intervalo suportável para o bebê, possibilita-se, através da repetição desta experiência, que a vivência de angústia se torne uma versão mais atenuada, uma preparação contra uma vivência traumática. Esta passagem de uma passividade para uma atividade coincide com a possibilidade de o bebê distinguir um objeto separado dele (mãe) e sua relação com esta. Por este fato, teme-se perder o seu amor. A angústia mais atenuada surge como um medo de perder este amor, trata-se de uma reação frente ao perigo. Em um terceiro momento, quando o pai é considerado um poderoso rival no que concerne ao amor da mãe, aliando-se a um aspecto filogenético relacionado ao medo de ser castrado, a angústia torna-se angústia diante do medo de castração. Em seguida, a angústia de castração é substituída pela angústia do superego, uma espécie de angústia social.

A questão da passagem de uma vivência passiva para uma vivência ativa da angústia indica que este afeto possui um papel importante na própria configuração do aparato psíquico. A angústia pode ser entendida como motor no recalque primário, enquanto que sua versão mais atenuada, uma consequência deste. Observa-se nesse ponto que a questão da angústia está intimamente articulada com uma antiga preocupação de Freud expressa desde o Projeto (1895): a de como se opera a transformação da quantidade (intensidade) para a qualidade (representação), problemática relacionada à própria constituição do aparelho psíquico (HERZOG, 1994a). Do mesmo modo, semelhante ao que discutimos com outros termos no Projeto para uma psicologia científica (FREUD, 1985

[1950]/1977), é o encontro com o outro que permite que o “ego-realidade inicial” viva a experiência de invasão da intensidade, em um segundo momento, de forma ativa, constituindo o “ego-prazer” em conjunto com a mediação do outro. O “ego prazer” busca introjetar tudo que seja prazeroso, assim como projetar o que provoca desprazer para o mundo externo. Tal experiência se caracteriza pela onipotência marcada por uma vivência ativa e que abre espaço para a configuração do “ego-realidade definitivo”. Outra forma de afetação entra em cena, dessa vez, de caráter reflexivo: o afetar-se (HERZOG, 1994a). Os binômios externo e interno são constituídos nesta operação que se caracteriza pela passagem de uma vivência de passividade para uma vivência de atividade e um retorno sobre si. Instaura-se, assim, o recalque primário do aparelho psíquico.

É, portanto, através da mediação de um outro que se pode reviver a experiência de invasão da intensidade de uma forma ativa e prazerosa. Logo, esse outro desejante, que afeta, caracteriza-se como o fiador da constituição psíquica do sujeito. A angústia surge do encontro de uma reivindicação libidinal excessiva no "ego-real inicial" com o grande afluxo de excitação vindo deste outro. Essa excitação, por sua vez, ao encontrar-se com um continente externo, retorna ao corpo, de modo que passa a “auto afetar-se” por esse corpo estranho (HERZOG, 1994a, p. 52). Logo, diante desse quadro, bem como entrevisto na experiência de satisfação, a angústia é uma consequência do recalque primário ou originário. A mudança da passividade para a atividade e o retorno sobre o corpo, deslizando de uma experiência de ser afetado para “auto afetar-se” são mecanismos que caracterizam o recalque originário. De acordo com Garcia-Roza (1987), esta operação é instauradora de uma experiência diferencial não apenas quantitativa, mas também qualitativa: a do prazer-desprazer. Somente aí emerge uma versão mais atenuada da angústia que se apresenta como uma possibilidade de liberar um pequeno desprazer com o intuito de proteger contra uma invasão maior que abalaria o equilíbrio do prazer-desprazer. Esta é condição de possibilidade para o advento do sujeito do inconsciente, iniciando um movimento de busca. Trata-se da “angústia de desejo” intimamente ligada à constituição do aparato psíquico e instauradora de uma busca de sentido (HERZOG, 1994a).

Esta dimensão da angústia, uma versão atenuada deste afeto, conforme vimos, vai ganhando um novo colorido ao longo da vida. Primeiramente, torna-se medo de perder o amor materno. Este é somente o primeiro estado desta dimensão da angústia, uma vez que

“cada situação de perigo corresponde a um período particular de vida ou a uma fase particular de desenvolvimento do aparelho mental e parece ser justificável quanto a ele” (FREUD, 1926/1976, p. 170). A angústia sinal, portanto, se manifestaria, através de diferentes objetos de acordo com uma espécie de ordem lógica até a angústia social. Em todos estes casos ela terá o traço característico de angústia de separação, da perda do objeto de amor. Diante destas considerações, seguindo as indicações de Freud (1926/1976) de que o aparato psíquico jamais está totalmente protegido contra uma invasão traumática deste afeto, consideramos que este circuito de elaboração de uma vivência passiva para uma experiência ativa de angústia está sempre se refazendo. Muito embora seja evidente que uma vez que este circuito se estabeleceu uma primeira vez, isto é, uma vez que através de um outro pôde-se configurar o recalque primário, a presença de um “homem ao lado” não será o fator determinante para que a angústia sinal se estabeleça. Este trabalho poderá ser feito pelo próprio aparato psíquico através do deslocamento entre as impressões mnêmicas, da elaboração psíquica. A angústia sinal que passa a ser entendida como uma reação à situação de perigo mutável ao longo da vida, jamais estará pronta de saída, para se tornar uma versão atenuada é necessário que haja a elaboração da repetição de uma invasão traumática deste afeto. Esta proposição torna, portanto, as duas dimensões que viemos discutindo ao longo do texto indissociáveis: elas são as duas faces da mesma moeda.

- A angústia de castração.

As diferentes modalidades de manifestação da angústia sinal, no entanto, não tem para Freud o mesmo estatuto no inconsciente (PEREIRA, 2008). A castração é privilegiada. Para teoriza-la, Freud retoma os dois casos clínicos, “O pequeno Hans” (FREUD, 1909/1977) e “O homem dos lobos” (FREUD, 1918/1976). No contexto da primeira teorização sobre a angústia, a experiência de angústia vivida por Hans é relatada por Freud como “uma ânsia erótica reprimida. Como toda ansiedade infantil, não tinha objeto: era ainda ansiedade e não medo.” (FREUD, 1909/1977, p.235). Em seguida, essa angústia se liga a um objeto, o cavalo, passando então a se caracterizar como uma fobia. No entanto, no texto de 1926, o caso passa a ser entendido de outra forma. O medo do cavalo deixa de estar relacionado à libido não desenvolvida direcionada à mãe e impedida pelo pai; o foco passa a recair na questão da ambivalência dirigida ao pai. Como sublinha Laplanche (1987), os sentimentos de Hans em relação ao pai são ambivalentes: Hans tem medo *do* pai

e medo *pelo* pai. O medo do pai relaciona-se a hostilidade direcionada a este frente à ameaça de castração e o medo pelo pai surge da ambivalência, do fato de o pai não ser somente odiado, mas também amado. Ao descartar a primeira hipótese, Freud provoca uma cisão entre libido e angústia destacada nas primeiras formulações sobre este afeto. A angústia não consiste mais em uma libido acumulada que nas neuroses atuais não pôde ser elaborada psiquicamente e na histeria solda-se a um objeto. Ela passa a ser considerada como medo de um perigo, o perigo de castração.

Freud (1926/1976) ressalta que a ideação afetiva de Hans obedecia a um colorido edipiano, o que denotava sentimentos ambivalentes em relação ao pai. A fobia surge como uma tentativa de solucionar este conflito. Diferente da primeira descrição do caso, na qual enfatizava-se o desejo de Hans pela mãe, Freud (1926/1976) sublinha que o sintoma surge devido ao recalque do impulso hostil contra o pai, equivalente ao “impulso assassino do complexo de Édipo” (p. 124). O recalque, neste caso, foi produzido pela angústia que surge frente ao perigo de castração. Este mecanismo de defesa tem como resto a agressividade direcionada ao pai que não pode ser recalçada e sofre uma reversão ao seu oposto: ao ser deslocada para o objeto fóbico, torna-se medo. O medo de Hans por cavalos consiste em um sintoma e a sua incapacidade de sair à rua, diz respeito a uma inibição, ou seja, uma restrição que o ego impôs para evitar o surgimento da angústia. Freud (1926/1976) aponta que o medo de que o cavalo o morda pode ser entendido como o medo de que o cavalo, ao mordê-lo, arranque seus genitais. Logo, a angústia de Hans não deve ser concebida como consequência da retirada de libido direcionada a sua mãe devido ao recalque gerado pela proibição paterna. A angústia passa a ser entendida como anterior ao recalque e o motor deste: trata-se do medo de ser castrado pelo pai. Este medo, uma nova configuração da angústia como reação ao perigo, é motor do recalque.

Já em o “Homem dos lobos” (FREUD, 1918/1976), caso também relativo a uma fobia infantil, a angústia de castração é discutida através de um sonho no qual o menino (então com aproximadamente quatro anos) vê pela janela alguns lobos sentados em uma árvore. A partir desse sonho, Freud (1918/1976) discorre sobre a ideia de uma cena originária (*Urszene*) que consiste na visão de um coito entre os pais desencadeando a angústia de castração. Contudo, neste caso, o autor trabalha a noção de um complexo de castração invertido, ou seja, o que se deu foi uma identificação com a posição homossexual.

A angústia de castração foi colocada em cena diante da ameaça de castração devido à possibilidade de uma satisfação homossexual. Este caso será aprofundado adiante, uma vez que ele traz questões importantes quanto à dimensão temporal relacionada à angústia.

No entanto, podemos observar que em ambos, o motor do recalque foi a angústia gerada pelo perigo de castração. Tanto a fobia de ser mordido por um cavalo, quanto a de ser devorado por um lobo, são substitutos do medo de ser castrado pelo pai. Logo “o afeto de ansiedade, que era a essência da fobia, proveio, não do processo de repressão, não das catexias libidinais dos impulsos reprimidos, mas do próprio agente repressor.” (FREUD, 1926/1976, p.131). A angústia, portanto, não tem origem no recalque, mas se trata de um afeto frente a um “medo realístico, o medo de um perigo que era realmente iminente ou que era julgado real.” (FREUD, 1926/1976, p.131) Este afeto, portanto, aparece como propulsor de uma inibição que se refere a um objeto específico, ou seja, a angústia é desencadeadora de um processo que inibe as pulsões e faz frente ao medo de castração. A angústia de castração, como vimos, é uma manifestação da dimensão da angústia ligada à representação e está relacionada à função de defesa egóica, tendo como consequência a formação do sintoma, uma reação substitutiva. Logo, além da fobia, outro mecanismo de defesa mais eficaz é colocado em ação frente à angústia gerada pelo medo de castração: o recalque secundário. Este mecanismo está intimamente relacionado a uma ideia de estruturação do aparato psíquico da neurose. Freud em “O ego e o Id” (FREUD, 1923/1977) afirma que a dissolução do complexo de Édipo no âmbito da neurose consiste no abandono dos investimentos libidinais e em sua substituição por identificações. A identificação com a autoridade paterna resulta na formação do superego que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto. Os investimentos libidinais são, portanto, dessexualizados e sublimados (processo que Freud relaciona à identificação) sendo inibidos em relação ao seu objetivo. O fim desse processo se dá pelo recalque das representações investidas e a introdução do período de latência. A ligação entre a dissolução do complexo de Édipo e a castração fica explícita nas palavras de Freud: “a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração” (FREUD, 1924/1977, p. 222).

Nesse sentido, a dimensão da angústia mais elaborada diz respeito a “algo intimamente ligado ao Édipo, à linguagem e aos limites da nossa capacidade de auto-historicização”. (PEREIRA, 2008, p. 185). É a partir do Édipo que se consolida a entrada

na dimensão simbólica. Diante desse quadro, Pereira (2008) afirma que o desamparo humano não está relacionado somente à condição biológica, mas ao fato de que este outro do qual somos dependentes interpreta as demandas do bebê inserindo-as em uma dimensão simbólica. Esta é a terceira dimensão do desamparo encontrada no texto de 1926 e está relacionada aos últimos textos de Freud sobre a cultura. Ou seja, se trata da dimensão do desamparo que surge como resto do processo de elaboração psíquica, um desamparo que é intrínseco à linguagem.

Nesta perspectiva, a reformulação da questão da angústia e do sintoma em 1926 viria a serviço da afirmação de um caráter estruturante primordial do complexo de Édipo. Não é a toa que Freud dá mais atenção à questão da castração e do complexo de Édipo do que a outras situações de perigo frente as quais a angústia é produzida. A situação traumática ganha um caráter secundário e qualquer perigo será estruturado em função da castração. Uma das dimensões do desamparo destacadas por Pereira (2008), caracterizada pela exposição a uma situação traumática, é mais uma vez deixada em segundo plano. No entanto, conforme vimos, Freud (1926/1976) afirma que jamais se está assegurado contra uma invasão traumática das excitações, estas podem retornar a qualquer momento.

Por fim, instaura-se uma visão radical sobre o desamparo e, em última instância sobre a angústia, que será tematizada principalmente na última conferência em que este afeto é discutido de maneira mais aprofundada – “A ansiedade e a vida instintual” (FREUD, 1933/1976). Nesta conferência, Freud ratifica a questão da angústia e do desamparo formulada em 1926 e a retoma a partir das considerações sobre o mal estar na cultura. Afirma-se, com isso, uma dimensão trágica do pensamento freudiano: o desamparo é inerente e não há formas de escapar dele. É nesse sentido que podemos entender que, para a psicanálise, a angústia, em suas múltiplas facetas, é algo intrínseco à condição humana.

Capítulo 2) A angústia e o *a posteriori*.

“A alma da viagem não mora na fuga apressada do vazio nem na ambição da conquista (a primeira é jornada natimorta e a segunda, quando se agarra, já não está mais lá). Ela é coisa miúda, uma fagulha, uma faísca, não mais. Plantada na boca do estômago ou no peito perplexo, contém revelações triviais e subestimadas: (...) do tempo nos conta que a viagem não é opcional, que já estamos indo antes mesmo de nos dar conta, e que é melhor buscar logo um lugar na janela. Sua razão última e beleza é a morte, a não existência, o ponto cego de deus - o abismo. E assim, caminhando de mãos dadas com a morte, somos mais vivos.” (Naves & Klein, 2012)

Para iniciar a discussão faz-se necessário uma breve digressão sobre a questão da temporalidade em Freud. Embora Freud no texto de 1915 (“O inconsciente”) tenha afirmado que o inconsciente é atemporal, pode-se argumentar que esta asserção não consiste em uma negação da temporalidade. Através dela, pretende-se indicar que o inconsciente não comporta uma dimensão temporal tal como entendida no senso comum, ou seja, de uma ordem cronológica que vai do passado ao futuro de maneira irreversível. . Isto porque, assim como as camadas arqueológicas que compõem Roma, no inconsciente, nada se perde com a passagem do tempo, todas as impressões se conservam, se associando de maneira que independe do registro temporal. Nesse sentido, o inconsciente é atemporal apenas na medida em que estamos referidos a uma ideia abstrata de tempo (GONDAR, 1995). O inconsciente, ao contrário, implica o tempo em sua própria produção, ele mesmo é constituído pelo tempo. No entanto, a temporalidade inconsciente não é a única ideia de tempo que a obra freudiana coloca em cena.

A trama conceitual freudiana implica a coexistência de diversas concepções de tempo correspondendo a diferentes modos de funcionamento psíquico. Na mesma direção, Laplanche (2006), afirma que não há uma psicanálise do tempo, mas uma filosofia do tempo que pode ser apreendida a partir da psicanálise. Isto porque, segundo o autor, algumas proposições psicanalíticas reorganizam e atualizam diversas maneiras de se pensar o tempo. Na mesma direção, Andre (2013) afirma que o tempo em sua generalidade filosófica não é objeto da psicanálise, não obstante, as formas de inscrição psíquica do sujeito humano no tempo nos instigam a discutir esta questão principalmente a partir da prática clínica. As dimensões da angústia com que trabalhamos ao longo do capítulo anterior, a nosso ver, são noções desse tipo, isto é, noções que nos obrigam a repensar a questão do tempo. Versar sobre a temporalidade, portanto, é um exercício importante para

um melhor refinamento das proposições freudianas. As organizações e o funcionamento dos sistemas psíquicos, por exemplo, podem ser discutidos através da questão do tempo. O psiquismo é constituído por uma variedade de noções de tempo. Nesse sentido, talvez possamos dizer que a ausência de sistematização por parte de Freud de uma teoria sobre o tempo pode ser entendida como um sintoma dessa multiplicidade. De qualquer forma, embora Freud nunca tenha se dedicado explicitamente a esta problemática, a dimensão temporal não foi recusada por ele. Como nos indica Gondar (1996), o que Freud considera ilusório é a eternidade e não o tempo.

Gondar (1995) se propõe a preencher esta lacuna a respeito da sistematização da temporalidade em Freud através de cinco acepções diferentes do tempo. Duas destas serão úteis para a discussão da temporalidade ligada as dimensões da angústia que apresentamos no capítulo anterior. São elas: a lógica temporal retrospectiva (o tempo próprio ao modo inconsciente de operação) e o tempo da pulsão (a temporalidade da força que insiste entre o somático e o psíquico como pressão constante). Poderíamos dizer que enquanto a dimensão mais elaborada da angústia se relaciona com a lógica temporal retrospectiva, apreendida pelo conceito de *a posteriori*, a face traumática deste afeto exige pensar em um tempo distinto, mais próximo do tempo da pulsão. No entanto, conforme observaremos ao longo deste capítulo, assim como as duas dimensões da angústia passam a ser indissociáveis a partir de 1926, no que concerne à angústia de castração, é necessário pensar na articulação destes dois tempos.

- *Nachträglichkeit*: ação retardada ou *a posteriori*?

A palavra *nachträglich* que caracterizará a noção temporal relacionada à dimensão mais elaborada da angústia foi retirada por Freud da língua alemã corrente, assim como muitas outras expressões da teoria psicanalítica. Usada como adjetivo e advérbio, a expressão “*nachträglich*” é composta por duas outras palavras: *nach* e *träglich* que deriva do verbo *tragen*. Este significa trazer, enquanto “*nach*” significa “depois”. Logo, em seu sentido literal esta palavra corresponde à expressão “trazer depois”. Freud a transformou no substantivo *Nachträglichkeit* conferindo-lhe um lugar importante na obra freudiana. No entanto, nota-se uma diferença significativa entre a tradução inglesa e francesa deste conceito. Enquanto os franceses o traduziram por “*après-coup*”, os ingleses optaram pela expressão “*deferred action*”. Cabe ressaltar que a diferença de tradução não significa uma

questão puramente semântica, opera-se uma releitura do conceito privilegiando, em cada um dos lugares, certos aspectos.

A tradução inglesa (em português: “ação diferida”), de acordo com Laplanche (2006), privilegia uma noção temporal que se localiza na mesma direção da linha do tempo cronológica. Ou seja, esta tradução enfatiza que o *Nachträglichkeit* corresponde a um tempo que vai do passado para o presente, tendo suas consequências sentidas no futuro. Trata-se, na tradução inglesa, da ideia de algo que precisa de um intervalo de tempo para que seus efeitos sejam sentidos em um momento posterior. A escola inglesa, portanto, se alia à hipótese de um tempo progressivo, uma lógica da duração do indivíduo ao longo de determinadas fases. Tal desenvolvimento pode comportar fixações que serão entendidas como um desvio do curso esperado para uma vida dentro dos padrões de normalidade. Não à toa a escola inglesa, principalmente com Melanie Klein e Winnicott, privilegiou a questão da angústia na relação mãe- bebê, A noção de “agonias impensáveis” em Winnicott, por exemplo, nos instiga a pensar em um tempo que interrompe esta continuidade. Já a escola francesa, se dedicou ao corte estabelecido pela angústia de castração.

A tradução francesa do termo *Nachträglichkeit*, *après-coup*, privilegia outra lógica temporal. Através deste termo, descarta-se a ideia de uma linearidade. A ênfase distancia-se de etapas do desenvolvimento dando lugar para a maneira como são reorganizados, no presente, os funcionamentos do passado. Logo, se os ingleses defendem uma temporalidade processual, os franceses privilegiam os momentos críticos, as cristalizações capazes de reordenar as contingências anteriores (GONDAR, 2006). Também não é sem razão que a escola francesa concedeu bastante importância ao recalque na estruturação do aparato psíquico e a sua relação com a angústia de castração. Nesse sentido, a leitura francesa da noção de *Nachträglichkeit* consiste em um instrumento mais interessante para discutirmos a temporalidade correlata à dimensão da angústia mais elaborada.

Desta perspectiva, não é possível reduzir a concepção freudiana do *Nachträglichkeit* à noção de “ação diferida”. Ou seja, na tradição francesa não se trata somente de uma descarga retardada, este conceito diz respeito a um trabalho psíquico, “trabalho de memória” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p.58). De acordo com Laplanche (2006), diferente do que pretende indicar a tradução inglesa, não há a ideia de um depois linear. Trata-se de um tempo descontínuo, um tempo com “*coup*” (golpe) que será medido a partir

do surgimento de outro “*coup*”. O tempo é de instantes consecutivos, ou seja, cristalizações que surgem e modificam o sentido do que já passou, conferindo-lhes um passado a partir do presente. Ao menos três momentos se comunicam de maneira não cronológica: o primeiro corresponderia à inscrição no inconsciente de uma representação; o segundo seria o período de latência – quando esta representação se transforma e se associa a outras no inconsciente; e, por último, um momento no qual esta representação ressurge no inconsciente, como o retorno do recalcado. Não podemos dizer que este três momentos são lineares, pois somente no terceiro momento o primeiro deles ganha um novo estatuto. É aí que o recalque se consolida: não haveria diferença entre o tempo do recalcado e seu retorno, pois o recalque não pode ser pensado como preexistente ao sintoma (GONDAR, 1995).

Partindo destas indicações, a noção de *a posteriori* não estaria ligada somente ao trauma em dois tempos, contexto no qual foi primeiramente formulada. Todas as produções inconscientes, os sonhos, os chistes, os sintomas e, como veremos, uma dimensão da angústia devem ser pensadas em sua articulação com a noção de *a posteriori*. Nota-se que esta temporalidade está intimamente vinculada à inscrição de traços de memória, um processo extremamente dinâmico, pois o que é retido pela memória não é algo estanque. Um traço é constantemente rearranjado pelos acontecimentos presentes e transformado por eles: a memória jamais é a mesma, ela está sempre se reconfigurando. Esse processo é bem ilustrado pela metáfora de Roma presente no pensamento freudiano desde 1895 no texto *A psicoterapia da histeria* (1895/1974). Os vestígios da antiga civilização de Roma continuam existindo encobertos, ressaltando o aspecto de conservação das impressões psíquicas que puderam encontrar uma marca e/ou uma representação. Correlativamente, no aparelho psíquico, as marcas não desaparecem, esses acontecimentos encontram-se inscritos no universo representacional e foram submetidos ao recalque sendo conseqüentemente esquecidos, mas continuam presentes em uma espécie de “multiplicidade e integralidade” (DUBOIS, 1995, p. 72). Logo, os traços mnêmicos estão sempre à espera de serem reinscritos (BORGES, 2012), ou seja, estão sempre sofrendo reconfigurações que são apreendidas somente depois, *a posteriori*.

Todavia, a noção de um aparato psíquico que comporta o aspecto de constante resignificação não foi desde o início concebida. Como assinala Gondar (1995), nas

primeiras formulações de Freud e Breuer, a causa do sintoma é localizada no evento, traumático em si, sendo a relação entre a causa e efeito permanece linear. Nesse sentido, a linha do tempo permanece contínua, sendo que a questão da distância temporal entre a manifestação do sintoma e o acontecimento entendida através de uma ideia de atraso. Freud, no entanto, vai aos poucos dando outro sentido para esta noção através principalmente da ideia de um trauma em dois tempos. Laplanche (2006) nota que o termo *Nachträglich* – não se trata ainda de *Nachträglichkeit*, substantivo que só aparece bem mais tarde – é escrito no Projeto (FREUD, 1985 [1950]/1977) ao menos quatro vezes. No entanto, somente uma das vezes este se diferencia de uma temporalidade linear: no caso Emma. A consolidação do *Nachträglichkeit* como um tempo que vai na direção contrária da linha do tempo, só foi melhor formulada no caso do Homem dos lobos em 1918. André (2008) apresenta uma proposição diferente ao afirmar que este conceito só ganha originalidade através da redescoberta do *après-coup* pela escola francesa, mais especificamente por Lacan. De acordo com o autor, o tempo da construção desta teoria corresponde ao tempo da própria noção: trata-se de uma construção em dois episódios. Nesta perspectiva, as formulações freudianas só terão um sentido original através das proposições de Lacan sobre o assunto. Gondar (1995) por outro lado afirma que em Freud embora a noção de *Nachträglichkeit* tenha sido primeiramente discutida a partir da questão em torno do trauma em dois tempos, seu alcance se expande ao libertar-se desse modelo. Um exemplo consiste na descrição do caso do Homem dos Lobos, escrito após o abandono da teoria da sedução, e que nem por isso descarta a temporalidade do *a posteriori*. O eixo de interpretação do sonho dos lobos em sua relação com a cena primária indica essa temporalidade não linear. Nosso objetivo, no entanto, não é realizar uma genealogia deste conceito, mas pensar as suas diferentes concepções em relação à angústia. Examinemos, então, esta articulação no caso Emma de 1895.

- A angústia e o tempo em dois tempos: o caso Emma.

Conforme vimos no capítulo anterior, no texto “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1985[1950]/1977), Freud vai discorrer sobre o caso Emma. Este consiste em um ponto de partida interessante para pensarmos a relação da angústia com uma lógica temporal retrospectiva. A noção de *a posteriori*, neste caso, é discutida através

da ideia de um trauma em dois tempos.

Uma dimensão temporal calcada na lógica do *a posteriori* pode ser entrevista no modo como Freud narra o caso. A cena denominada por Freud de “cena I” é cronologicamente posterior à “cena II”. A “cena I” é contada por Emma como desencadeadora do sintoma de fobia de entrar em lojas. A “cena I”, que ocorreu aos 12 anos de idade, consiste na lembrança de ter entrado em uma loja e ser alvo do riso dos vendedores. No entanto, para Freud (1895 [1950]/1977), este episódio não era suficiente para explicar o surgimento da fobia. Através do trabalho de análise, outra cena é trazida à memória, a “cena II”, uma cena de sedução. Esta aconteceu quando Emma tinha apenas oito anos de idade e, como vimos no capítulo anterior, é marcada pelo fato de o confeitiro ter tocado os seus genitais por cima da roupa. Para Freud, esta cena por si só também não seria a causa do sintoma de Emma. O traumático se daria na combinação da “cena I” com a recordação da “cena II”.

O aspecto traumático, e também a angústia, surge quando esta primeira cena é reinvestida em um segundo momento. A releitura da primeira cena e, logo, o aparecimento da angústia só é permitido por conta de algo que ocorreu entre elas- a saber: a puberdade. Esta possibilitou que a primeira cena fosse ressignificada à luz da sexualidade tornando-se traumatizante. Nesta perspectiva, somente a segunda cena confere à primeira o seu valor patogênico. Não há, portanto, uma ordem cronológica entre as cenas, mas uma articulação lógica que produz uma relação de causa e efeito. Embora haja um antes e um depois, aquilo que ocorre depois o é do ponto de vista cronológico, mas não do ponto de vista lógico (GONDAR, 1996). Nesse sentido, através da noção de *Nachträglichkeit* no Projeto, ressalta-se que aquilo que no momento não pôde ser experienciado, mas é passível de deixar um registro, será vivido como uma cena em um tempo depois. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a evolução da sexualidade favorece eminentemente, através das defasagens temporais, o fenômeno do *a posteriori*. Ou seja, trata-se de duas cenas ligadas por cadeias associativas, mas nitidamente separadas uma da outra por uma barreira temporal que faz com que elas apareçam em duas esferas diferentes de significação. A barreira, no caso, é a prematuridade biológica. Freud (1895[1950]/1977), portanto, justifica este atraso por “um retardamento biológico da puberdade em relação ao resto do desenvolvimento da pessoa” (p.468). Nas suas palavras:

Aqui deparamos com um caso em que a lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu na qualidade de experiência, porque nesse entretempo as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma interpretação diferente do que era lembrado. Ora, esse caso é típico da repressão que se manifesta na histeria no qual sempre se comprova que a lembrança fica reprimida apenas quando se torna um trauma por *ação retardada*. (FREUD, 1895, p. 468).

A primeira cena deixa um traço mnésico que foi posteriormente remodelado em função de uma cena posterior. Esta teoria é dominada trauma em dois tempos, remetendo-se ao fato de que uma lembrança se torna traumática somente em um segundo momento. Mas e a questão da angústia diante desta noção temporal? A angústia tal como descrita por Freud (1985[1950]/1977) também é decorrente desse segundo tempo. Uma vez que neste momento ela é considerada um produto do recalque, podemos dizer que este afeto só surge a partir do momento em que a primeira cena torna-se traumática. Somente após ser resgatado o traço mnênico em um segundo momento no qual a puberdade já se estabeleceu, a sexualidade pode ser sentida como tal e recalçada. Ou seja, a angústia não esta ligada à cena em si, mas à ressignificação da primeira cena à luz da sexualidade permitida pela chegada da puberdade.

Este afeto está, portanto, diretamente relacionado à temporalidade do *a posteriori*, pois surge “somente depois” que a primeira marca foi inscrita. Ele mesmo consiste em um prazer sexual, transformado em um segundo tempo em angústia. Já a fobia, será formada em um terceiro momento, quando a angústia decorrente do recalque da primeira cena liga-se a outra representação. No caso de Emma, a angústia solda-se ao fato de entrar sozinha em lojas.

Seguindo as indicações de Laplanche (1987), o processo de formação da angústia é um processo de deslocamento análogo ao da produção do sonho e do sintoma. No entanto, o autor alerta que a noção de *a posteriori* no Projeto (Freud, 1985 [1950]/1977) ainda não alçou o estatuto de um conceito original tal como aparecerá mais tarde no caso do Homem dos Lobos (LAPLANCHE, 2006). No Projeto (FREUD, 1985 [1950]/1977), a palavra *Nachträglich* ainda pode ser pensada como aliada à flecha do tempo, ou seja, à direção do tempo do passado para o futuro. De acordo com Laplanche (2006), a segunda cena não ressignifica ou transforma a marca deixada pela primeira, temporalmente anterior. A ênfase recai somente na transformação do afeto. Este, impossibilitado de ser vivido naquele

momento devido a uma imaturação biológica, será revivido em um segundo momento, mas transformado em angústia. Laplanche (2006) afirma que se trata do jogo de um cedo demais e um tarde demais. Um cedo demais na cena sexual e um tarde demais da puberdade que não permitiu dar conta da primeira cena.

Um marco importante para uma reelaboração do conceito de *a posteriori* se dá na famosa Carta 52 (1896 [1950]/2977) de Freud a Fliess. Esta já apresenta mudanças na noção de temporalidade em relação ao Projeto. O momento de elaboração desta carta coincide com o questionamento de Freud quanto o estatuto da realidade. Estes traumas, como o de Emma, teriam realmente acontecido? Freud passa a não mais acreditar na sua histórica, isto é, passa a levar em conta a produção da realidade psíquica que se articula à questão da memória. A memória nesta carta é discutida como passível de ser reconfigurada. Embora, como veremos, alguns acontecimentos podem produzir marcas que são impossibilitadas de integrar a cadeia de representação tornando-se isoladas e imóveis, outros traços no psiquismo estão longe de serem estáticos. Os traços mnêmicos são, portanto, reconfigurados a partir de outras representações. Logo, o acontecimento deixa de ser entendido como traumático por si só, pois ele é reconfigurado através da combinação de sua inscrição com uma série de outras, isto é, está sempre se refazendo. O traumático deixa de ser considerado o acontecimento em si, mas as associações que o registro deste acontecimento fez no psiquismo. É assim que podemos dizer que as históricas sofrem de reminiscências.

Vislumbra-se aí a proposição de que a memória é constituída através de estratificações, isto é, de sucessivas retranscrições. Seguindo as indicações de Caropreso e Simanke (2006), aquilo que se torna consciente é apenas a última etapa de um processo mais longo de reorganização das impressões vindas do mundo externo. É justo a relação entre percepção e memória que, de acordo com Freud (1985 [1950]/1977) marca a ideia de uma passagem temporal na consciência. O sistema ω , a consciência recebe notícias do fluxo de energia que entra no sistema percepção e passa pelo sistema ψ . Este ritmo de circulação da energia é o que vai gerar a qualidade de prazer e desprazer na consciência. De acordo com Garcia-Roza (2008), é a partir deste funcionamento estroboscópico, deste ritmo constante entre a percepção e a não percepção, característico da consciência, que os homens seriam capazes de postular a existência de um esquema ordenado de intermitências, de

momentos que se sucedem ritmicamente; e como resultado desse processo resta uma representação do tempo. Esta representação de tempo, no entanto, diz respeito à passagem de tempo: o tempo aqui deveria ser concebido, evidentemente, como um somatório de instantes sucessivos e descontínuos, trata-se de um “tempo puro, intervalar”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 110). Freud denomina de período esses intervalos, de “diferença pura”. Logo, o conceito de período não é um conceito puramente qualitativo, trata-se de uma diferença entre quantidades, modificações de ritmo temporal das alterações quantitativas. “O período não diz respeito a uma grandeza absoluta, mas a mudanças dessas grandezas num período de tempo” (GARCIA-ROZA, 2008, p.111).

Cabe ressaltar, como veremos no próximo capítulo, que é também na carta 52 se inicia a discussão em torno da possibilidade de outro tipo de inscrição psíquica, correlata à dimensão de angústia menos elaborada e à temporalidade estanque. Estas duas facetas da memória correspondem ao que Freud denomina de duas possibilidades de inscrição no aparato: o traço e a marca. O traço, que nos interessa neste capítulo, é a inscrição psíquica sujeita a rearranjos que de acordo com Antonello e Herzog (2012) constituem uma sucessão de inscrições e retranscrições. Nesse sentido, como nos aponta Borges (2012), a realidade passa a referir-se não a um acontecimento em si, mas a toda uma apropriação deste vivido por parte do sujeito, ou seja, a seu mundo fantasmático. Seguindo as indicações de Herzog (1998), Freud passa a entender de outra maneira o acontecimento traumático a partir da questão da fantasia. A cena não precisa ser questionada quanto a sua realidade ou não: estamos no âmbito da realidade psíquica. A cena é constituída através de uma série de traços que se rearranjam em comunhão com os desejos e fantasias inconscientes. Os traços mnêmicos, ou acontecimentos, produziram a cena, quando articulados. O acontecimento nada tem de estático, trata-se de um “puro devir” (HERZOG, 1998, p.70) que se atualiza *a posteriori* em uma cena. Ou seja, nesta concepção, a memória e o sujeito estão sempre se produzindo incessantemente, se rearranjando no presente.

A angústia em sua dimensão mais elaborada na primeira teoria sobre este afeto pode ser entendida como um afeto que surge em um segundo momento como consequência desses rearranjos. A angústia só emerge devido ao segundo momento que obrigou uma ressignificação do primeiro. Este afeto, portanto, passa a ser entendido como fruto de um trabalho psíquico e também, como veremos, desencadeador de uma elaboração. Somente

em 1918, no caso do Homem dos lobos estas novas proposições ficarão mais claras em relação à angústia, principalmente através da noção de fantasias primárias. No entanto, já no caso do Pequeno Hans de 1909, vislumbramos algumas mudanças em relação ao caso Emma. Estas, além da questão da realidade psíquica, também são possibilitadas pela descoberta de Freud realizada em 1905: a sexualidade infantil.

- A angústia e tempo no caso do pequeno Hans:

Neste caso, conforme vimos, a angústia não surge de maneira repentina, trata-se da consequência de um processo. Ou seja, a angústia aqui não é a expressão de um conflito atual, mas de um segundo momento. É curioso notar que a articulação da angústia com o tempo pode ser apreendida mais uma vez através da maneira como Freud (1909/1977) apresenta um resumo do caso. Não é feita uma história linear, a narrativa é organizada através dos laços associativos entre as cenas e algo que se deu no passado. Freud procura retrair o percurso do trabalho analítico que visa, através da interpretação, tornar consciente as fantasias e as lembranças inconscientes. O recurso de construção, empregado no caso do Homem dos lobos, ainda não havia sido discutido em 1909. Sendo assim, embora já possamos vislumbrar a inversão da flecha do tempo, base do conceito de *a posteriori*, o passado se apresenta como algo que se deve descobrir, ou seja, ele ainda não será entendido como algo construído em análise, mas também não tem o estatuto de realidade concreta, está vinculado à fantasia. No do caso do Homem dos lobos (FREUD, 1918/1976), o passado ganha o estatuto de algo que pode ser reconstruído no presente, deixando claro o conceito de *a posteriori* como uma inversão da flecha do tempo. Embora em relação ao pequeno Hans, ainda não se vislumbre este artifício de reconstrução do passado a partir do presente, é evidente que a angústia não se relaciona somente com uma temporalidade linear que vai do passado ao futuro. Isto é, somente em um momento posterior, a libido direcionada a mãe torna-se angústia, marcando a sua temporalidade não linear. Isto porque ela é consequência de uma resignificação no presente de algo que ocorreu no passado relacionado ao desejo de Hans.

Hans, que desejava a mãe, passou a sentir angústia quando se deparou com a impossibilidade de direcionar a energia sexual para este objeto. A libido, portanto, desligada de seu objeto por conta do recalque, torna-se angústia. De acordo com Laplanche (1987), este afeto é fruto de uma espécie de trabalho de perlaboração que se efetua no nível

das representações. Nesses termos, trata-se de uma produção inconsciente. Fica evidente, aí, a sua ligação com a ideia de *a posteriori*, uma vez que, de acordo com Gondar (1996), este tempo é intrínseco às produções inconscientes. Para melhor exemplificar a ligação da angústia com o *a posteriori* no caso do pequeno Hans, recorreremos à divisão feita por Freud em 1915 (FREUD, 1915a/1974) em três momentos distintos da formação deste afeto. O primeiro diz respeito à irrupção de uma angústia sem objeto que se apresenta tanto no sonho de angústia quanto no ataque de angústia no passeio. Momento este em que Hans se vê obrigado a retirar o investimento libidinal de sua mãe, o que faz com que ele, sem objeto, se transforme em angústia. Um segundo tempo que se caracteriza pela fixação em um objeto. E o terceiro tempo, correspondente a formação da fobia, consiste na transformação do desejo pela mãe em angústia pelo cavalo.

O primeiro momento é marcado pelo desprendimento da libido de um objeto, o que faz com que esta seja transformada em angústia. De acordo com Laplanche (1987), este tempo consiste em “um primeiro tempo de *angústia livre*” (p. 117). Freud afirma que “(...) o desenvolvimento do afeto procede diretamente do sistema Ics; nesse caso, o afeto sempre tem a natureza de ansiedade, pela qual são trocados todos os afetos ‘reprimidos’” (FREUD, 1915a/1974, p. 205). Ou seja, a angústia, nesse sentido, é consequência de um trabalho psíquico do recalque. O surgimento desta se deu no presente devido a uma reconfiguração dos traços mnêmicos provocando uma ressignificação do passado. O primeiro tempo apresentado por Freud, portanto, já está inserido na lógica do *a posteriori*.

Os dois tempos que se seguem são a repetição do mesmo processo. Freud (1915a/1974) afirma que uma repetição eventual do processo permitiu que se desse o primeiro passo em direção ao domínio da angústia. Observa-se, então que a angústia engendra uma repetição, mas uma repetição propiciadora de um trabalho psíquico. Nas palavras de Freud: “Por ocasião de uma repetição (caso haja repetição) desse processo, dá-se o primeiro passo no sentido de dominar o desenvolvimento importuno da ansiedade” (FREUD, 1915a/1974, p. 209). A dominação da angústia acontece a partir da formação de um “substituto por deslocamento” (FREUD, 1915a/1974, p.179). Este permite que o desenvolvimento até então desinibido da angústia seja racionalizado, fazendo surgir o sintoma fóbico a serviço do recalque. Todavia, embora a angústia seja aplacada pelo objeto fóbico, não pode ser eliminada; a economia do recalque nunca está totalmente

assegurada: este afeto pode ressurgir a partir de uma revivescência interna e/ou externa. A primeira está relacionada ao aspecto de força constante da pulsão. Ou seja, a força pulsional, ao ressurgir busca mais uma vez o caminho que leva ao sintoma provocando angústia. Já a revivescência externa ocorre quando o objeto é reencontrado e a angústia é deflagrada através do medo.

O terceiro momento se localiza justamente aí. De acordo com Freud (1915a/1974), trata-se da repetição do trabalho do segundo momento em uma escala mais ampla. Este momento diz respeito a uma luta secundária e também consiste em uma defesa frente ao retorno do recalado. Passa-se a produzir inibições que terão como objetivo impedir qualquer contato com o perigo de encontrar, de perceber o objeto fóbico. Dessa forma, “todo o ambiente associado da ideia substitutiva é catexizado com intensidade especial, exibindo, assim um elevado grau de sensibilidade à excitação.” (FREUD, 1905/1976, p. 210). Freud prossegue afirmando que a excitação deve dar lugar a um ligeiro desenvolvimento de angústia com o intuito de indicar a proximidade com a ideia substituta. O que seria esta pequena quantidade de angústia senão uma possibilidade de se instaurar um trabalho psíquico, logo, um intervalo de tempo? Já em 1915, portanto, o sinal de angústia (que será reelaborado em 1926) é entendido como um trabalho psíquico, consistindo em um mecanismo de defesa. Este mecanismo se dá a favor do recalque e exige uma reconfiguração dos investimentos libidinais para mantê-lo. Nas palavras de Freud: “nesse processo, a repressão é sucedida num ponto particular: a liberação da ansiedade pode, até certo ponto, ser represada, mas somente à custa de um pesado sacrifício da liberdade pessoal.” (FREUD, 1915a/1974, p. 211). A angústia, portanto, no texto de 1915, é tratada tanto com resultante do recalque quanto, em um segundo momento, um afeto usado a favor deste um mecanismo de defesa.

Nesse sentido, de maneira semelhante ao que vimos no Projeto, a angústia no caso Hans, longe de ser paralizante, dá início a uma espécie de tempo produtivo, ligando esta energia a outros objetos. Este afeto, sendo o uma transformação da libido devido ao recalque, é produto de um tempo passado remodelado à luz do recalque, mas também engendra uma produção de sentido. Ora, não estaria aí as duas faces que Andre (2008) traçou como característica do *a posteriori*? Este tempo evoca uma atribuição de sentido, uma significação, uma simbolização que intervém depois, no entanto, este se dá somente a

partir de uma abertura do sentido em um momento de corte (*coup*), tal como o recalque. Nessa perspectiva, o *a posteriori* é a reunião paradoxal de corte e de um sentido que advém ou se transforma. Desdobra-se a outra face do tempo do *a posteriori* apontada por Gondar (1996) de um tempo de produção, um tempo que morde e deixa a sua marca, no caso, o deslocamento de sentido (GONDAR, 1996).

- Angústia e temporalidade no caso do Homem dos lobos: o *a posteriori* e a construção da cena originária.

Somente no caso do Homem dos Lobos de 1918, contudo, que se pode entrever a ideia de que a produção de sentido é construída em análise e implica numa reconfiguração do passado. A particularidade do caso do Homem dos Lobos pode ser observada já pelo título, “História de uma neurose infantil.” Como nos aponta Laplanche (2006), com este título, Freud acaba por indicar que a partir da análise de uma afecção adulta, pretende-se reconstruir não só lembranças infantis, mas também uma neurose infantil. Ademais, a questão do *a posteriori* pode ser observada mais uma vez na maneira como Freud organiza a narrativa do caso. A história do homem dos lobos não é trazida de maneira linear. Apesar de haver referências a algumas datas precisas, volta-se constantemente para o passado e depois para o presente. Laplanche (2006) indica que nos deparamos com um recurso parecido com o *flashback* do cinema. Trata-se, portanto, de um modelo distinto da narrativa linear, assinalando que a noção de tempo utilizada não é o tempo cronológico. É neste texto que o conceito de *a posteriori* vai ganhar outro estatuto principalmente no que concerne à questão da fantasia ligada a uma cena primária. A noção temporal ligada ao *a posteriori* aparece, assim como no caso do pequeno Hans, através da discussão em torno de uma fobia. A fobia, nesse caso, é constituinte da neurose infantil que surgiu por volta dos quatro anos de idade. O surgimento da fobia mais uma vez está diretamente relacionado com a questão da angústia. Nesse caso, tratava-se de uma fobia de animais de uma maneira geral, mas mais especificamente, de lobos.

Durante o processo de análise, Sergei Pankejeff (o homem dos lobos) lembra-se de um sonho de angústia que teve quando criança, mais precisamente aos quatro anos de idade durante uma noite de natal (data reconstruída em análise). O conteúdo manifesto do sonho pode ser resumido através da seguinte sequência: era noite fria e ele estava deitado na cama, de repente a janela se abriu sozinha. No lado de fora, seis ou sete lobos sentados

imóveis na árvore olhavam para ele atentamente. Os lobos eram muito brancos e tinham cauda de raposa. De acordo com Freud (1918/1976), o desejo que atua como força motivadora desse sonho é, além daqueles superficiais do dia (era uma noite de natal), o desejo de obter satisfação sexual do pai. Mas, o sonho de angústia não consiste meramente na satisfação desejo. Como vimos no capítulo anterior, neste momento, Freud considera que o sonho de angústia se produz devido ao recalque, a angústia nesse sonho é um produto do recalque. De acordo com Freud, no sonho, a “sua ansiedade era um repúdio do desejo de obter do pai satisfação sexual” (FREUD, 1918/1976, p.64). Assim, o que gera a fobia do lobo é a atitude passiva em relação ao pai que, por meio do recalque, se transformou em angústia frente ao perigo de ser punido pelo pai e que se desloca para o lobo. O medo de ser devorado pelo lobo era apenas a transposição de ser devorado pelo pai. Digo ‘neste momento’, pois como é sabido, Freud revisitará este caso em 1926 fazendo algumas modificações

Através da interpretação deste sonho, uma cena primária é construída em análise e concebida como o que deu origem, *a posteriori*, ao sonho de angústia. Trata-se da observação do coito dos pais. Cabe lembrar, conforme vimos no caso do Pequeno Hans, que Freud se propõe a considerar a realidade psíquica. Logo, embora julgue bastante provável a existência de um número suficiente de crianças que tenham realmente presenciado um ato sexual dos pais quando ainda não lhes era possível obter a exata compreensão da cena observada, também considera, em vários casos, que esta seja fruto da produção fantasmática da criança, construída a partir de impressões deixadas pela visão de uma cópula entre animais. O que importa para nós, contudo, é o fato de que esta cena, construída em análise a partir do sonho de angústia, diz respeito a fantasias sexuais que em um segundo tempo estão relacionadas à produção de angústia. Este afeto surge como fruto do encontro de duas impressões.

Esta temporalidade é bastante bem explicada na seguinte passagem:

com um ano e meio [data do sonho], o menino recebe uma impressão à qual é incapaz de reagir adequadamente; só consegue compreendê-la e ser afetado por ela quando a impressão é revivida por ele aos quatro anos; e somente vinte anos mais tarde, durante a análise, está apto a compreender, com processos mentais conscientes, o que então acontecia com ele.(FREUD, 1918/1976, p.63).

A partir desse trecho podemos notar um duplo uso da noção de *a posteriori*: na construção em análise da cena que teria sido revivida no sonho aos quatro anos e na compreensão vinte anos mais tarde. Não há, portanto, somente uma ideia de *Nachträglichkeit* neste caso. Podemos vislumbrar dois efeitos deste mecanismo: o primeiro deles aos quatro anos de idade quando as impressões dos primórdios da vida são reconfiguradas através de um sonho e o segundo duas décadas mais tarde quando o paciente apreende por um trabalho de pensamento consciente o que se passou então com ele. De acordo com Lalpanche (2006), enquanto o mecanismo que acontece anteriormente consiste em uma espécie de elaboração inconsciente, aquele que ocorre depois, em uma perspectiva cronológica, diz respeito a uma elaboração que permite colocar o que aconteceu em palavras. Destaca-se, assim, o aspecto sublinhado por Andre (2008) de abertura de sentido do *après-coup*. Ou seja, a partir de um acontecimento traumático tardio inicia-se uma busca de sentido, há uma “abertura intersubjetiva” (ANDRE, 2008, p. 10). Esta, permitida pela cena do sonho, é um eco no tempo da cena primitiva quando se inscreve algo “sem sentido” que levará um tempo para reencontrar uma retranscrição.

Através desta segunda vertente do *a posteriori*, entreve-se um recurso que será melhor trabalhado somente em “Construções em análise” (1937/1975). Neste texto, Freud (1937/1975) retoma o caso do Homem dos Lobos para discutir a questão da construção da cena primária afirmando que há um tipo de experiência vivida na infância mais remota que não pode ser compreendida na ocasião. Somente depois, estas foram compreendidas e interpretadas, no entanto, não se poderia afirmar que alguma lembrança tenha sido recuperada: trata-se de uma construção. Através do conteúdo manifesto do sonho, reconstrói-se uma cena primária que teria sido desencadeadora do sonho em um segundo momento e logo, da angústia posteriormente. Cabe ressaltar, que não foi apenas o sonho e as associações verbais feitas através dele os fiadores do material para a construção da cena primária: uma série de sintomas transitórios, que surgiram durante a análise, foram elementos que ao serem interpretados deram origem à cena primária, como por exemplo, os sintomas intestinais, articulados ao aspecto anal desta cena. Como observa Laplanche (2006), não se trata de uma simples associação entre duas cenas, a associação se dá entre uma cena e a lembrança da outra que teve lugar no sonho. Seguindo as indicações de Gondar (1995), o que ocorre não é produto de um acontecimento do passado distante, mas

do enlace entre duas representações que do ponto de vista cronológico não se relacionam mutuamente.

Esta característica de composição reordenável da memória devido à articulação de impressões mnêmicas, discutida desde a carta 52, é novamente retomada em 1925, em “Uma nota sobre o “Bloco Mágico” (1925/1976). Neste texto, o aparato psíquico é descrito através de um mecanismo relacionado ao bloco mágico. Trata-se de um bloco de cera com uma folha de superfície passível de ser marcada, mas também que pode voltar a ser lisa, uma vez que as marcas são retidas na camada de cera e não na superfície receptiva. Ao se levantar a folha, as marcas somem, permanecendo inscritas na parte interna do bloco. Logo, sua estrutura fornece uma superfície receptiva e outra que possui traços permanentes. De acordo com Freud (1925/1976), esse mecanismo é análogo à forma que o aparelho mental desempenha sua função perceptual. O sistema Pcpt-Cs embora receba os estímulos, não permite marcas, sendo completamente permeável. Já no inconsciente, metaforizado pela superfície de cera do bloco, a impressão é preservada. Seguindo as indicações de Freud (1925/1976), a percepção operaria através de inervações de catexia enviadas de dentro e retiradas em rápidos impulsos periódicos para o sistema Pcpt-Cs, tal como no bloco mágico. Tudo funciona como se o inconsciente estendesse sensores, via sistema Pcpt-Cs, voltados para o mundo externo, e os retirasse assim que tivesse classificado as excitações provenientes do mundo. Este mecanismo, portanto, é caracterizado pela ideia de descontinuidade a que Freud indica “(...) esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt.-Cs. jaz no fundo da origem do conceito de tempo” (Freud, 1925/1976, p. 259). O tempo que Freud se refere é o tempo da consciência, da passagem do tempo. Embora, conforme demonstra Caropreso (2006), Freud oscile entre duas formas de conceber a relação entre o sistema perceptivo e o inconsciente, o que nos interessa aqui é que a descontinuidade do sistema Pcpt-Cs desempenha papel fundamental no funcionamento da atividade de representação, de inscrição de traços na memória que, por sua vez, dependem de um ritmo. O tempo do *a posteriori* embora não seja o tempo da consciência, também está articulado a ela, pois é necessário que haja um ritmo de impressões perceptuais para que a memória se reorganize. Este ritmo, por sua vez, é correlato aos arranjos e rearranjos das impressões inconscientes. A memória representacional nunca é estática: está sempre em movimento.

Este mecanismo, de reorganização das impressões mnêmicas, também ocorre na relação da cena primária e sua reconfiguração no sonho, o que nos traz de volta ao caso do Homem dos Lobos. Uma cena pode ser considerada uma lembrança encobridora, que de acordo com Borges (2012) é o paradigma da temporalidade do *Nachträglichkeit*, pois consiste na rearticulação das impressões mnêmicas em um tempo depois. A cena primária, de acordo com Freud (1918/1976), funcionou *a posteriori* como uma espécie de segunda sedução. O sonho é uma sedução traumática e, ao mesmo tempo, a transformação do primeiro trauma, que teve lugar na cena e que, por sua vez, compõe a imagem dos lobos sobre a árvore no sonho (ANDRE, 2008). Ou seja, o sonho, tanto comporta um aspecto de repetição de uma angústia que não pôde ser sentida como tal, quanto engendra uma elaboração desta. Nesse sentido, o *après-coup* pode ser entendido como uma repetição diferencial da angústia, pois contém elementos de significação que levam a uma transformação do passado desde que encontrem uma escuta e uma interpretação. A cena construída através do sonho possui uma função de lembrança encobridora. Seguindo as indicações de Borges (2012), a marca da lembrança encobridora consiste no fato de que esta diz respeito a uma fantasia que protege o sujeito da ruptura traumática. Ou seja, trata-se de uma atribuição de sentido para a literalidade da experiência de angústia.

Observa-se mais uma vez que a angústia que surge no sonho é ao mesmo tempo produto de uma reconfiguração das impressões mnêmicas e produtora de sentido. É depois do sonho de angústia que a fobia tem lugar: passa-se, assim como no caso do pequeno Hans a temer um animal. De acordo com Andre (2008), através do *après-coup* permite-se que uma impressão se historicize. No entanto, como vimos no capítulo anterior, estes dois casos serão revisitados em 1926 quando é reformulada a teoria sobre a angústia. Além de deixar de ser considerada uma consequência do recalque, a questão da angústia de castração entra em cena e será importante no que concerne a estes dois casos.

- Da angústia traumática à angústia de castração: restituição e repetição.

Não será necessário recapitularmos neste capítulo as modificações trazidas por Freud no texto de 1926, uma vez que já o fizemos no capítulo anterior. No entanto, cabe ressaltar que neste texto, a ênfase dada nos dois casos, o pequeno Hans e o Homem dos lobos, está na angústia gerada pelo medo de castração o que levaria ao recalque propriamente dito. A angústia de castração passa a ser entendida como uma repetição atenuada de uma vivência

traumática deste afeto. Ou seja, ela é uma versão atenuada de um afeto que foi experienciado em um primeiro momento como traumático, quando, devido ao desamparo primordial, não se podia dar um destino às excitações que invadiam o psiquismo. É nesse sentido que Laplanche (1987) afirma que a castração longe de ser o fato real determinante da angústia, funciona como um elemento estruturante que permite simbolizá-la. A angústia de castração é, portanto, apenas a herdeira mais ou menos dominada de angústias “mais arcaicas, mais obscuras e mais pulsionais” (LAPLANCHE, 1987, p.235).

A versão mais elaborada da angústia se constitui, portanto, através da repetição da invasão intensiva ligada ao aspecto traumático do retorno da angústia em relação ao desamparo. Diferente da noção temporal calcada em golpes (*coups*) do *a posteriori* (*après-coup*), observa-se na passagem de uma angústia traumática para a angústia sinal uma ideia de duração que se faz através de sucessivas repetições. Não à toa a escola inglesa se dedicou bastante a relação mãe-bebê, palco no qual ocorre a passagem de uma vivência passiva para uma experiência ativa deste afeto. A repetição característica desta vivência pode ser melhor entendida através da distinção feita por Garcia-Roza (1987) entre dois tipos de repetição: a “repetição do mesmo” e a “repetição diferencial”. A repetição de que nos fala Freud em 1920, a compulsão a repetição, presente nos sonhos traumáticos é uma repetição do mesmo, do idêntico, possuindo uma estreita ligação com a pulsão de morte, discussão que voltaremos a abordar em relação ao aspecto traumático da angústia. No entanto, em relação à passagem de uma vivência de angústia traumática para a sua versão mais atenuada, a questão se complexifica. Como nos indica Freud, “essa repetição, em se tratando de crianças, não contradiz o princípio de prazer.” (GARCIA-ROZA, 1987, p. 26). Nas brincadeiras infantis discutidas por Freud em 1920, o aspecto repetitivo desta experiência não contradiz o princípio do prazer, isto porque a repetição ocorre a favor da dominação de uma impressão poderosa, tornando-a ativa. Nesse sentido, embora haja uma estreita ligação com o que está para além do prazer, não se configura uma vivência traumática, mas a dominação desta. Embora possua um aspecto de insistência que se aproxima da repetição do mesmo, tanto através do exemplo das brincadeiras infantis, quanto do circuito repetitivo da passagem de uma angústia traumática para a sua versão mais elaborada, nota-se uma elaboração produzida pela repetição: estamos no plano da repetição diferencial.

Como nos aponta Garcia-Roza (1987), o aspecto de insistência pulsional do que está para além do princípio do prazer apresenta uma ambiguidade na medida em que implica dois registros: o repetitivo e o restitutivo. Este último é remetido a uma tendência restituidora da organização psíquica, ou seja, trata-se de um retorno ao equilíbrio aliado ao princípio de prazer. Já a função repetitiva, diz respeito a uma insistência que se impõe de forma enigmática. O tempo da força que insiste como pressão constante, esta repetição do mesmo, corresponde ao que Gondar (1995) denominou de “o tempo da pulsão” (p. 25). A passagem de uma vivência traumática da angústia para uma vivência atenuada, a nosso ver, comporta estes dois registros. A angústia sinal que se constitui nesta operação, diz respeito a uma repetição atenuada de uma vivência traumática. Contudo, embora esteja vinculada a uma repetição do mesmo, esta operação produz uma diferença, um antes e um depois comportando tanto uma vertente repetitiva quanto restitutiva. É justamente por conta do aspecto repetitivo, que este circuito de repetição e restituição da passagem de uma angústia traumática para uma vivência atenuada deste afeto, nunca está pronto, é necessário sempre refazê-lo. Há constantemente uma insistência enigmática assolando o aparato psíquico e exigindo que se dê algum destino a ela, o trabalho de elaboração de uma invasão intensiva nunca cessa. Estamos, enquanto vivos, a todo tempo elaborando uma experiência que poderia ser vivenciada como um retorno idêntico de um trauma inicial de modo a torná-la uma vivência ativa, um sinal de angústia. Nesse sentido, somente *a posteriori*, isto é, somente depois que o excesso pulsional assola o aparato psíquico podemos saber se esta experiência se configurará como um retorno do mesmo, ou se a sua repetição permitirá que a função restituidora se manifeste produzindo uma elaboração psíquica. Esta dinâmica ficará mais clara através do aprofundamento da temporalidade vinculada a uma das manifestações da angústia mais elaborada, a angústia de castração.

- O tempo e a angústia de castração.

A angústia de castração será mais bem trabalhada quando Freud (1926/1976) revisita os casos do Homem dos Lobos e do pequeno Hans. É a partir deles que podemos entrever a relação desta com o tempo. A angústia de castração, devido a seu caráter mais elaborado, remete a uma construção intersubjetiva, para usar a expressão discutida por Andre (2008), de um resultado do *a posteriori*. Ademais, além de ser produto de uma

repetição atenuada de uma vivência traumática, a angústia de castração tem um destino claro desencadeador de um processo de subjetivação. É evidente que este afeto traz em si uma repetição, todavia, não se trata de uma reprodução psíquica, pois esta repetição insere um novo elemento, o que torna as produções inconscientes imprevisíveis. É nesse sentido que Freud não se filia a um determinismo clássico defensor de uma linearidade entre um antes e um depois: as produções inconscientes possuem um caráter inantecipável (GONDAR, 1995).

Diante desse quadro, observa-se que a angústia de castração instaura um processo que resultará no recalque secundário, marcando uma cisão entre um antes e um depois. Tal mecanismo é essencial no que diz respeito às neuroses de transferência, nas quais o conflito se dá entre desejo e interdição. Entre mortos e feridos, algo se reorganiza frente a ela. O recalque, desencadeado pela angústia de castração, não diz respeito a uma etapa de desenvolvimento, mas ao modo “como são subitamente reorganizadas, de maneira retrospectiva, as posições subjetivas” (GONDAR, 2006). Como sugere Laplanche (1987), trata-se de um esquema organizador, de uma estrutura organizadora da vida fantasmática. Ou seja, de um corte “que deixa sua marca num certo número de fenômenos clinicamente reconhecíveis, e que, portanto, não podemos evitar”. (LACAN, 2005, p. 136). Nesse sentido, o recalque torna-se um mecanismo capaz de reordenar todas as contingências anteriores e está intimamente relacionado com a dinâmica das neuroses de transferência que se caracteriza por um conflito entre desejo e interdição instaurado por ele. A formação de sintomas, nesta perspectiva, também ocorre em uma temporalidade não linear, encontrando-se diretamente relacionada ao retorno do recalcado. Instaura-se assim uma diferença entre um antes e um depois caracterizada por de instantes de subjetivação.

Esta cisão implantada pelo recalque foi privilegiada pela escola francesa, elevando-a ao estatuto de um verdadeiro divisor de águas. A angústia de castração seria um motor deste processo. Como vimos, em 1926, não se pode falar de maneira tão distinta de uma angústia de cunho traumático para uma angústia mais elaborada: elas são as duas faces da mesma moeda. Logo, nesse sentido, a angústia de castração comporta algo daquilo que está para além da representação.

A ruptura desencadeada pela angústia de castração, de acordo com Gondar (1993), diz respeito ao momento do encontro com o finito, com o vazio do tempo. Este nos remete

ao conceito de “tempo vazio” de Hölderin (1994), uma noção temporal articulada ao aspecto trágico no qual o homem se depara com o abandono de qualquer garantia e encontra-se com o próprio desamparo. Este tempo é desligado de qualquer ordenação lógica e cronológica, é o disperso, o infinito (GONDAR, 1993). O termo “vazio” é a uma noção temporal que não comporta qualquer determinação, qualquer conteúdo, é um tempo puro. Trata-se de um tempo correlativo ao puro excesso pulsional, que deixa de ser um modo de operação para mostrar-se em estado bruto. É justamente aí que encontramos a intercessão entre uma vivência traumática da angústia e seu aspecto mais elaborado psiquicamente: ambas se articulam ao vazio do tempo. Contudo, enquanto na vivência traumática, como veremos, estabelece-se um presente absoluto, em uma experiência em que se pode elaborar este afeto, tornando-o angústia sinal, o aspecto restitutivo da repetição se mostra. Como nos indica Gondar (1995), este vazio temporal com que o sujeito se depara na castração é um vazio que faz com que se entre em contato com a própria passagem do tempo, ou seja, que comporta uma vertente restitutiva além da pura repetição.

Uma imagem interessante usada por Pelbart (1996) está no filme “Morangos Silvestres” de Ingmar Bergman (1957). Este filme retrata a vida de Dr. Isak, um velho médico que já no fim de sua carreira, recebe um prêmio pela sua trajetória profissional. Durante a viagem para a cerimônia de recebimento do prêmio, o médico tem um sonho no qual se depara com um relógio de rua sem ponteiros e, em seguida, observa que o seu próprio relógio de bolso também está sem ponteiros. O sonho prossegue com o médico caminhando bastante perplexo por ruas vazias, até se deparar com uma carruagem. Dentro desta, para a sua surpresa, encontra-se um caixão que vai lentamente despencando até que tomba entreaberto no chão. O médico se aproxima e, ao olhar para o caixão aberto, encontra a si mesmo dentro dele. Esta experiência, no entanto, desencadeia uma nova perspectiva no filme. Ao invés de uma espécie de paralização em um presente, em um eterno relógio sem ponteiros, o filme retrata uma elaboração deste encontro com a morte. Inicia-se um processo de rememoração, através do recurso de *flashback*, no qual a personagem engendra um movimento de estranhamento de si mesmo. Este recurso não é uma novidade da linguagem cinematográfica, muito embora o fato de contar uma narrativa por imagens tenha banalizado o *flashback*. Na literatura, por exemplo, Proust (1983) se utiliza de uma ferramenta parecida, sua narrativa é feita através de uma associação entre signos do

presente e de um passado esquecido, reconstruído através da experiência do encontro com estes signos. De acordo com Pelbart (1996), o relógio sem ponteiro não é o tempo vazio da morte, “mas a abertura para o tempo multilinear do morrer, o morrer como potência de estranhamento e intensificação.” (p.51). Defronta-se assim com a própria morte e acaba-se por constatar que o tempo passa, que envelhecemos e “somos sombras pálidas vagando na noite espessa” (PELBART, 1996, p.53). Ou seja, trata-se de um tempo que embora seja vazio, produz algo, produz a percepção da transitoriedade.

Desta ruptura, portanto, não se sai ileso, depois dela, não se pode retornar ao que se foi. Constata-se assim uma noção de tempo que comporta uma irreversibilidade, isto é, a impossibilidade de se retornar ao passado (GONDAR, 1993). É nesse sentido que podemos dizer que através do encontro com o vazio do tempo, com a finitude, o tempo perde seu caráter circular não podendo mais haver a coincidência entre início e fim. Este tempo difere de uma noção reversível que corresponde a uma ideia abstrata do tempo no qual o que importa é a linha progressiva do passado para o futuro. A noção de um tempo reversível, utilizado principalmente pela ciência clássica, estabelece uma série contínua, homogênea e infinita (FORTES, 2006). Logo, se no tempo reversível a diferença entre um antes e um depois não é relevante, no encontro com o tempo vazio da castração, produz-se necessariamente, *a posteriori*, um antes e um depois. Com relação ao inconsciente, este marco entre um antes e um depois é a produção de sentido, assim como podemos observar através da personagem do filme “Morangos Silvestres” que passou então a ressignificar uma série de lembranças do passado, mas principalmente a sua própria posição diante da vida. A irreversibilidade dada pela marca de um antes e de um depois acontece principalmente pela produção de sentido através de novas associações dos traços mnêmicos. De acordo com Fortes (2006), a noção de irreversibilidade nos conduz a pensar na ideia de estrutura e sua ligação com a história. É diante da angústia de castração que se entrevê algo irreversível tal como uma estrutura.

Diante desse quadro, o tempo ligado à angústia de castração se aproxima do tempo daquilo que Gondar (1995) designou como o tempo da pulsão, o tempo do vazio, ou como Garcia-Roza (1987) nos indica, da repetição do mesmo, no qual vamos nos deter no próximo capítulo. No entanto, este vazio engendra uma produção de sentido somente depois, nos remetendo assim a noção de *a posteriori*. Há, portanto, uma diferença

importante entre o tempo vazio que trabalharemos em relação à vivência traumática da angústia e o tempo relacionado à angústia de castração. Como alerta Gondar (1993), este vazio não é correspondente ao nada, “este vazio seria da ordem de um abismo, definido menos pelos penhascos que o limitam do que pela violência de um encontro, para o sujeito de uma dissimetria sexual e temporal.” (p.123) Trata-se de um vazio que desencadeia uma elaboração, bem como no filme “Morangos Silvestres”, provocando um estranhamento que acaba por produzir novos significados. Ou seja, não há a eterna repetição do mesmo, o encontro com o vazio do tempo, com o relógio sem ponteiros, produz um rearranjo dos traços mnêmicos, uma nova perspectiva. Esta é uma diferença importante entre a temporalidade ligada à castração e aquela ligada a um aspecto traumático da angústia que trabalharemos no próximo capítulo.

Capítulo3) A angústia e o tempo sem tempo.

*“Suffering is permanent, obscure, and dark
And has the nature of Infinity”*
(Wordsworth, 1994, p. 392)

- Entre o tempo e o espaço.

A irreversibilidade, conforme discutida no capítulo anterior, não é a única maneira pela qual se concebeu a noção de tempo. A dimensão temporal é uma categoria sócio-cultural, sendo reconfigurada ao longo da história. No campo científico, por exemplo, somente com o abandono da ciência clássica, pôde-se pensar a ideia da irreversibilidade do tempo (GONDAR, 1995). Para que esta seja discutida, é necessário entender o universo como um fenômeno complexo que comporta em si a possibilidade de um caos produtor de uma ordem, o que foi permitido pela ciência contemporânea (PRIGOGINE, 1990). Na ciência clássica, o tempo era considerado uma linha estacionária sobre a qual poderíamos avançar ou retroagir, se aproximando da noção de espaço. A segunda Lei de Newton, por exemplo, tem em uma de suas equações ($a=d^2x/d t^2$) a variável do tempo multiplicada por ele mesmo. É sabido que um número em sua versão positiva ou negativa quando multiplicado por ele mesmo, resultará em um número positivo. Na fórmula de Newton, portanto, devido à possibilidade da variável tempo ser um número ao quadrado, afirma-se que sua qualidade positiva ou negativa não faz diferença. Sendo assim, o tempo é concebido como reversível, uma vez que não interessa se estamos referidos a uma progressão ou a uma regressão, o que é importa é o tempo naquele momento (GONDAR, 1995). A relação de causa e efeito para Newton é reversível: a causa produz diretamente o efeito, nada se interpõe entre os dois. Gondar (1995) indica que esta temporalidade só pode ser levada em conta quando consideramos apenas as relações atuais entre os elementos. Um exemplo interessante utilizado pela autora é o do xadrez, jogo que funciona segundo uma lógica relacional que rege a disposição das peças no tabuleiro. Todas as possibilidades de posicionamento das peças encontram-se virtualmente mapeadas e a cada jogada uma delas se concretiza no tabuleiro. Se considerarmos as jogadas como movimentos de atualização, ou seja, uma passagem das possibilidades virtuais de jogadas para uma concretização no tabuleiro, não seria possível um retorno ao momento anterior. Isto porque uma vez que uma versão se atualiza, tanto o tabuleiro, quanto a virtualidade de possibilidades se reconfiguram, impedindo que se volte ao momento anterior. No entanto, se considerarmos apenas as

relações atuais entre os elementos, destacando uma espécie de fotografia do tabuleiro, poderíamos afirmar a possibilidade de reverter as posições. Não faz diferença se movemos o cavalo antes ou depois do bispo, o que importa é a configuração que este se apresenta no momento. Teríamos assim, uma série de fotografias do tabuleiro.

Outra maneira de abordar uma dimensão do tempo relacionada a uma sucessão de instantes petrificados é afirmar a sua proximidade com o espaço. Gondar (1995) indica que no senso comum quando, por exemplo, nos referimos às horas, não é exatamente do tempo que estamos falando, mas do espaço. A cronologia pela qual a nossa vida é regulada acaba por transformar o que chamamos de tempo no espaço percorrido pela terra em determinado período. Mais uma vez, não importa as mudanças trazidas por este período, ou seja, não importa a sua passagem em termos de qualidade, mas apenas o salto de um instante para o outro. O relógio, por exemplo, não nos fornece uma diferença qualitativa entre um antes e um depois. Seguindo as indicações de Oliveira (2003), a figura do relógio é característica de uma concepção de tempo que se reduz a uma série de “instantes”, cada qual retratando uma dada configuração dos corpos no espaço. O tempo perde sua característica de irreversibilidade e acaba por corresponder à distância percorrida entre um ponto e outro. Esta noção temporal, que remete a uma série de fotografias, está mais próxima de um presente que se repete a cada instante. Dubois (1993) chamou desta dimensão temporal de tempo do ato fotográfico. O tempo da fotografia, embora desencadeie um corte, instaura uma petrificação do instante, uma perpetuação do movimento atual. De acordo com o autor, passa-se da mobilidade do mundo dos vivos ao reino dos mortos. Trata-se de uma espécie de encontro com o olhar da Medusa (DUBOIS, 1993).

Birman (2012), ao versar sobre a marca traumática dos sintomas contemporâneos, afirma que a categoria de espaço assume uma prevalência cada vez maior na constituição da experiência subjetiva a expensas da dimensão de tempo. Para o autor, a espacialidade seria correlata à marca traumática de certos sintomas: enquanto a angústia sinal pressupõe a presença no psiquismo não apenas da riqueza simbólica, mas também de uma dimensão temporal, a angústia automática aparta-se desta dimensão se aproximando da categoria espaço. Consideramos que a espacialidade de que o autor nos fala articula-se a uma noção temporal que prescinde da passagem do tempo, isto é, que não comporta a ideia de um passado e de um futuro e se localiza estanque em um eterno presente. Todavia, é preciso

fazer uma distinção entre o tempo espacializado do senso comum e temporalidade ligada ao trauma. A diferença entre um relógio analógico e outro digital, apontada por Sibilia (2008), nos parece uma imagem interessante para distinguir um tempo espacializado do senso comum para a sua vertente ligada ao trauma, logo, à dimensão traumática da angústia. Enquanto no primeiro podemos acompanhar a sucessão de instantes, fornecendo a ideia de uma duração, no relógio digital, “o tempo perdeu seus interstícios” (SIBILIA, 2008, p. 124). Não mais visualizamos a passagem dos segundos e sua articulação com o passado e o futuro. Os instantes aparecem desarticulados, apontando para um congelamento que interrompe a lógica da duração. Assim como certas impressões mnêmicas que permanecem imóveis no aparato psíquico, estabelece-se um instantâneo eternizado, um bloco de espaço-tempo petrificado.

Para caracterizar esta noção temporal, Dubois (1995) recupera uma metáfora utilizada por Freud no texto “Delírio e sonho na ‘Gradiva’ de Jensen” (FREUD, 1907/1976). Nos referimos à cidade de Pompéia que soterrada pelas lavas do Vesúvio permaneceu petrificada, eternizada em um instante, caracterizando-se como uma “cidade fotográfica” (DUBOIS, 1995, p. 72). A figura de Pompéia, quando contraposta a outro sítio arqueológico comentado por Freud, Roma, se destaca pela estase de seus elementos. Roma é retratada como um “farrapo rebentado da história” (SIBILIA, 2008, P. 52), ou seja, revela um aspecto intacto, mas não imóvel. Trata-se de um apanhado de fotografias acumuladas, mas que se relacionam entre si, como “um holograma ou uma imagem de síntese.” (DUBOIS, 1995, p. 72). Correlativamente, no aparelho psíquico, os traços mnêmicos inscritos no universo representacional, mesmo quando submetidos ao recalque sendo consequentemente esquecidos, não desaparecem, mas continuam presentes em uma espécie de “multiplicidade e integralidade” (DUBOIS, 1995, p. 72). Já Pompéia apresenta a preservação intacta de uma imagem: um instantâneo eternizado, genuína lembrança fotográfica de um momento único e irreversível. Embora no texto de 1907, Freud vincule este soterramento ao recalque, consideramos que ao longo da obra este mecanismo de defesa ganha um caráter mais dinâmico: as representações se relacionam entre si, assim como em Roma. A cisão que Pompéia metaforiza se aproxima mais, a nosso ver, da ideia de *Ichspaltung*, desenvolvida por Freud principalmente no âmbito da reflexão sobre as psicoses, mas que ganha um alcance maior após 1920. Trata-se da clivagem, um mecanismo de defesa do eu

que isola uma marca psíquica sem que esta possa se articular a outras representações. Não nos parece coincidência o fato de que a metáfora de Pompéia, diferentemente da metáfora de Roma não tenha voltado a aparecer na obra freudiana: Freud, ao longo da obra, privilegiou o paradigma relacionado às neuroses de transferência em sua relação com o recalque.

Diante desse quadro, consideramos que a dimensão traumática da angústia que viemos discutindo ao longo do capítulo anterior, analisada através da questão da vivência de dor, das neuroses atuais, das neuroses traumáticas e, por fim, da angústia automática, articula-se a uma noção temporal que se aproxima do espaço, caracterizando-se por um instante petrificado. Estabelece-se, assim, um eterno presente. Procuraremos ao longo deste capítulo explorar as particularidades das diferentes acepções da angústia traumática, mais especificamente no âmbito das neuroses atuais, das neuroses traumáticas e da angústia automática, em sua relação com a temporalidade.

- Angústia e tempo nas neuroses atuais: os sentidos do “atual”.

A palavra “atual”, de acordo com Laplanche (1987), nos remete ao tempo presente através de duas perspectivas indissociáveis: de uma problemática que se atualiza no presente e de um sintoma que se expressa em ato. Expressar-se em ato significa que estamos mais próximo da ideia de tensão psíquica do que de conflito, isto é, de um excesso pulsional que se revela em um agir direcionado ao exterior ou ao próprio corpo (PONTALIS, 1991; FORTES, 2010). Conforme vimos, a angústia nas neuroses atuais, mais especificamente na neurose de angústia, não é caracterizada por uma expressão afetiva de um conflito psíquico instaurado pelo recalque de impressões infantis, mas uma atualização de algo que não pôde ser elaborado.

Esta proposição se articula estreitamente com o outro sentido da palavra atual, a saber: a sua vinculação com uma problemática que se dá totalmente no tempo do presente. Muito embora a palavra “atual” aponte para algo estritamente calcado no presente, Cardoso (2011) indica que principalmente a partir de 1920, podemos pensar a dimensão da atualidade nas neuroses atuais como a insistência de uma impressão do passado que não pôde ser simbolizada, que não pôde se tornar passado e, por isso, se atualiza. Nesta perspectiva, estaríamos diante de uma impressão impossibilitada de ser acoplada à cadeia

de representantes psíquicos. Remetemo-nos mais uma vez às proposições da Carta 52 (FREUD, 1896 [1950]/1977) que indicam a possibilidade de inscrição no aparato psíquico distinta, mas não oposta, daquela relacionada à representação. Trata-se da noção de *Darstellung*, impressões psíquicas que, ao não serem inscritas, deixam de ser inseridas na cadeira de representação tornando-se impossibilitadas de simbolização e articulação a outras impressões mnêmicas. São impressões que ficam ‘emplastadas’ no aparato psíquico. Seu único movimento é aquele de insistir igual a si, de se atualizar. É nesse sentido que Knobloch (1998) afirma que a neurose atual é aquela que desafia a teoria da memória, pois não se trata de uma lembrança, mas de uma insistência.

Como nos apontam Antonello e Gondar (2012), as marcas, impedidas de serem representadas, não são passíveis de recalçamento e persistem no psiquismo como um instante congelado. Tal temporalidade é correlativa à atualidade da problemática descrita na experiência de angústia nas neuroses atuais. Enquanto a angústia nas neuroses de transferência, como vimos, está relacionada à lógica da representação, caracterizada pelo mecanismo de recalque e pela temporalidade do *a posteriori*, a experiência de angústia vinculada ao paradigma das neuroses atuais se aproxima da atualização de algo que não pode se historicizar no psiquismo. A angústia nas neuroses atuais é a contrapartida afetiva desta atualização que insiste em retornar no psiquismo, aspecto que será melhor elaborado em 1920 através do conceito de compulsão à repetição.

Embora, como indica Cardoso (2011), uma revisão da noção “atual” na direção de uma atualização de uma marca psíquica só tenha realmente se estabelecido a partir de 1920, esta mudança já pode ser vislumbrada na questão da hipocondria que voltou a ter destaque em 1914. A temporalidade articulada à angústia hipocondríaca é, portanto, um caminho interessante para acompanharmos o sentido que a questão “atual” ganhará a partir de 1920 principalmente através das neuroses traumáticas. Para um maior aprofundamento nesta problemática, exploraremos a articulação da angústia hipocondríaca com a temporalidade através de questões levantadas por um filme.

- Angústia e tempo na hipocondria a partir do filme “Sinédoque, New York”.

O filme “Sinédoque, New York” de 2008 com roteiro e direção de Charlie Kaufmann nos coloca uma série de questões em relação à temporalidade da angústia nas neuroses

atuais, mais especificamente em relação à hipocondria. Cabe ressaltar que o filme é de uma enorme riqueza, logo, não se pretende esgotar seus detalhes e muito menos traçar explicações psicanalíticas para os destinos de Caden Cotard, personagem principal. Nosso objetivo é tão simplesmente extrair considerações no que concerne à temporalidade da angústia hipocondríaca. Diante deste quadro, realizaremos um breve resumo do filme para então discutir as proposições metapsicológicas que este nos instiga a pensar.

Uma voz de criança cantando surge ainda nos créditos. A canção que versa sobre a vida de um homem termina com estas estrofes: “e quando eu morrer/ e for enterrado/ vermes comerão minha cabeça/ (...)/ Há sempre a última vez / que você vê todo mundo / Há sempre um nunca mais”

Nas últimas duas estrofes, aparece a primeira imagem do filme: um relógio digital que marca a seguinte hora: 7:44. Em seguida, o personagem principal (Caden Cotard, interpretado por Phillip Seymour-Hofmann) aparece deitado na cama. Caden é um renomado diretor de teatro casado com Adele, uma artista que faz pinturas em miniatura, sendo Olive a filha de quatro anos do casal. O filme pode ser dividido em três partes: uma primeira fase na qual a família vive na mesma casa, outra na qual Adele se separa de Caden, partindo com Olive para Berlin e a terceira na qual Caden constrói uma peça através da qual ocorre a verdadeira sinédoque do filme.

Já na primeira parte, a rotina do casal é um tanto quanto conturbada. Cada um aparece centrado em sua vida. Adele em suas pinturas em miniatura e Caden nas suas peças. Ademais, o personagem principal é retratado desde o início com questões em torno de doenças que a princípio não sabemos se são reais ou fantasiosas, preocupações que curiosamente também são expressas por sua filha. Uma das primeiras cenas mostra Adele no banheiro com Olive afirmando que suas fezes estavam verdes e estranhas, o que gera uma comoção por parte da menina. Em seguida, Caden emite sua primeira frase no filme: “eu não me sinto bem”. Já aí, nota-se uma grande preocupação de Caden em torno de sua própria saúde e uma espécie de centramento sobre si mesmo. Durante o café da manhã familiar (cena que se repete), Caden lê o obituário, vociferando as causas das mortes. Cabe ressaltar, que desde o início do filme, o diretor nos confronta timidamente com uma temporalidade que ficará evidente a partir da segunda parte, a saber: um tempo não linear, próximo de um eterno presente. Na primeira cena, o rádio anuncia que estamos em

setembro, mas logo em seguida, quando Caden sai para conferir a caixa de correio (de onde retira uma revista sobre doenças e medicamentos) vemos que já é outubro. Quando retorna a casa, a personagem abre a geladeira e, ao verificar que a validade do leite está vencida, para nossa surpresa, percebemos que mais alguns dias se passaram. Caden volta sua atenção para o jornal, abre na página dos obituários mais uma vez, e aí nos damos conta de que a data remete a novembro. Passa-se para a próxima cena, Caden repete o gesto e vemos que o jornal já é do mês de maio do ano seguinte. Os fatos, portanto, se atropelam e mostram a passagem do tempo apenas nos detalhes. A sensação que temos é que estamos no mesmo dia, apenas poucas horas mais tarde.

Embora a segunda parte do filme só se consolide quando Adele resolve definitivamente partir com Olive para Berlin, um episódio nos dá um presságio do que está por vir. Caden se machuca ao fazer a barba, o que desencadeia uma série de visitas a especialistas devido à queixa de que suas pupilas não estariam mais funcionando. É curioso notar que o diretor nos deixa confusos quanto à veracidade de sua queixa, uma vez que o parecer dos médicos é sempre vago e aberto a interpretações. A última e primeira cena que temos Caden e Olive sozinhos é curiosa, pois uma espécie de questão hipocondríaca parece ser compartilhada pelos dois. Olive pergunta a seu pai o que ele tem no rosto e ele afirma ser um problema dermatológico chamado “sicose”, que em inglês se pronuncia praticamente da mesma forma que “psicose”, explicando para a menina a diferença das duas expressões. Olive fala para o pai: “você pode ter os dois então”. O segundo momento do filme é consolidado. Adele vai para Berlin com Olive e desaparece de cena. A partir de então, somos deixados somente com Caden Cotard e, de certa forma, convidados a compartilhar de seu olhar. Ao longo da segunda parte, não se sabe quanto tempo se passou desde a ida de Adele (que supostamente ficaria somente um mês). O filme se concentra em Caden, no seu corpo, nas suas sensações de doença, nas visitas a diferentes médicos e a uma psicóloga completamente centrada em si. A única pessoa que nos informa sobre a passagem do tempo é Hazel, personagem que trabalha na bilheteria do teatro, e tenta conquistar Caden. Enquanto Caden afirma que tinham se passado 12 dias da partida de Adele e Olive, Hazel indica que já se passou mais de um ano. A partir de então, Caden começa a ver a si mesmo em propagandas e desenhos animados, adquire mania por limpeza e aparentemente (nota-se que estamos compartilhando a visão da

personagem e, por isso, digo aparentemente) desenvolve erupções cutâneas nas pernas, perde a capacidade fisiológica de salivar e de chorar, sofre de espasmos e, sobretudo, experimenta cada vez menos a passagem do tempo.

O terceiro momento do filme se inicia quando Caden recebe um prêmio, uma grande quantidade de dinheiro para realizar uma obra própria. Logo na primeira reunião com o elenco, o diretor explica que sua atual reflexão sobre a morte o impulsiona a fazer uma peça que comporta uma “honestidade brutal” acerca da fatalidade da existência. Aluga-se um enorme galpão, palco em que vai se operar uma verdadeira sinédoque das personagens. Esta peça ganha uma dimensão megalomaniaca e passa a ter a pretensão de representar toda a sua vida e a das pessoas que o cercam; daí o nome do filme que nos remete à figura de linguagem sinédoque. Aos poucos fica claro que a peça não é uma representação, uma vez que há uma simultaneidade entre o vivido e aquilo que é encenado: estamos mais próximos de uma apresentação no tempo real sempre remetida a um passado que não se tornou passado (o sumiço de Adele e Olive).

A partir de então, a vida de Caden se confunde totalmente com as personagens escolhidas para encenar a peça. Logo na primeira cena, Caden casa-se com a atriz principal que representa Adele e com ela tem uma filha chamada Ariel. Tudo se passa, como se este casamento fosse a repetição daquele casamento perdido, uma repetição encenada na grande peça. Caden chama frequentemente Ariel de Olive e Claire (atriz com que se casou) pouco a pouco vai interpretando a si mesma na peça. O próprio Caden é representado por um ator, trata-se de Sammy, selecionado por afirmar que sabia mais sobre Caden do que ele próprio. A partir destes espelhamentos entre atores e seus personagens mediados por pequenos bilhetes distribuídos por Caden, os acontecimentos se embaralham e se confundem tanto quanto a noção do tempo. Como telespectadores, sentimos um enorme desconforto, estamos presos em uma confusão temporal: quando algo parece acontecer, volta-se ao mesmo instante. Os personagens confinam-se a um presente absoluto onde representam sua própria vida. O presente é, por vezes, entrecortado por alguns acontecimentos que marcam sua passagem, como um encontro com a sua filha (Olive) extremamente mais velha. A partir de então, Caden encena a faxineira de Adele marcando uma espécie de dissolução da sua identidade que passa a ser atravessada por diversos atores desta sinédoque em forma de peça. Após a morte da atriz que representava

Hazel e da própria Hazel, Caden afirma: “estou morto” e deixa de ser o diretor da peça, posto tomado pela personagem que representava o próprio diretor. Já com certa idade, Caden vive seus últimos anos fazendo o papel da faxineira no apartamento cenográfico de Adele, cumprindo passivamente as instruções da nova diretora da peça que lhe dá ordens o tempo todo através de um fone de ouvido.

Caden vai envelhecendo até que em certo momento sai da casa onde representava/era a faxineira de Adele e percebe que tudo está destruído, o galpão, o livro de sua antiga psicóloga, tudo está em ruínas. É quando escuta, aparentemente da voz que vem de seu fone de ouvido, a seguinte passagem:

(...) Quando o mundo esquece você, quando reconhece a sua transitoriedade, quando você começa a perder suas características uma por uma. Quando você aprende que não há ninguém observando você e nunca houve. Você pensa em dirigir, não vindo de algum lugar, e não buscando chegar em algum lugar, mas apenas dirige para passar o tempo. Agora você está aqui, são 7: 43, agora você está aqui são 7:44

Nesse momento, mesma hora em que o filme começa, o tempo pára novamente. Caden encontra a mãe de Ellen – personagem que já havia visto em um sonho e que se destacava por ter uma ideia de futuro, uma aspiração em relação à sua neta. Sentados em um sofá, em meio à destruição, uma imagem se destaca na parede: trata-se do desenho de um relógio que marca justamente 7:44. Estamos de volta para o mesmo horário do começo do filme e o tempo não passou. Uma vida inteira é percorrida durante a narrativa, no entanto, é como se no começo e no final continuássemos às 7:44.

No filme, “Sinédoque, New York”, nota-se uma espécie de presentificação do tempo desencadeado pela angústia hipocondríaca. O recurso do *flashback* tão frequente no cinema, não é utilizado. Através do *flashback*, a narrativa embora não seja descrita de maneira linear é marcada por uma ideia de passagem do tempo através da associação de fatos passados à acontecimentos presentes. Conforme ressaltado no capítulo anterior, o próprio Freud usou este recurso na descrição do caso do Homem dos Lobos (1918/1976), quando não se propõe a narrá-lo de maneira linear, mas sempre revisitando, ou melhor, reconstruindo o passado a partir de associações com o discurso no presente (LAPLANCHE, 2006). O filme “Sinédoque, New York” nos causa um estranhamento justamente neste ponto: ele não se utiliza em momento algum do recurso do *flashback*. O tempo do filme é sempre no presente, um presente que não se soma, mas que se repete nos causando um

enorme desconforto, diferente do filme “Morangos selvagens” (1957), citado anteriormente, no qual a angústia gerada pela visão de um relógio vazio desencadeia uma ressignificação, uma reorganização da memória. Seguindo as indicações de Paraboni (2014), é justamente esta dimensão temporal que comparece na hipocondria. O presente é estabelecido devido à angústia traumática que surge do encontro com o desamparo correlato do despedaçamento da imagem corporal.

Seguindo as indicações de Figueiredo (2008), a temporalidade do atual carrega o traço de um tempo primitivo, anterior à constituição de uma passagem do tempo, uma temporalidade que talvez se remeta ao próprio funcionamento autoerótico característico dos sintomas hipocondríacos. Como pode ser vislumbrado em “Sinédoque, New York”, este eterno presente é vivido de maneira crua, sem a possibilidade de desejo ou de fantasia. Caden não mais deseja, sua própria criação é uma repetição do mesmo. Ao final do filme, após constatar que está em parte morto, nem mesmo tomar atitudes cotidianas é possível para a personagem: todos os seus atos são ditados pelo diretor através de um fone de ouvido. A partir de sua peça megalomaniaca que se distancia de uma representação e se aproxima da atualização do passado em um eterno presente, de uma sinédoque da vida, Caden Cotard reproduz literalmente o todo pela parte ou vice-versa. A criação de Caden não consiste em um mundo retocado, idealmente distorcido, mas em uma reprodução literal do mundo vivido. De acordo com Borges (2012), a literalidade é um aspecto do traumático que retorna como algo super-real, sem mediação e, como tal, sem possibilidade de ser esquecido. Há, portanto, uma impossibilidade de se estabelecer uma lembrança encobridora, quando a impressão não pôde se tornar uma marca mnêmica a questão retorna viva e crua. Aponta-se assim para a ideia de que a problemática atual das neuroses atuais não diz respeito somente a uma questão do tempo presente, mas um passado que não pôde se tornar passado e que por isso é vivido como um eterno presente.

A hipótese de Paraboni (2014) para o estabelecimento desta temporalidade calca-se na ideia de uma espécie de superinvestimento da percepção através da atenção voltada permanentemente para o corpo. Em outras palavras, a insistência da angústia traumática ocasiona um deslocamento para o campo da percepção decorrendo daí a temporalidade congelada. Esta atesta que na dinâmica hipocondríaca a noção de período e a ritmicidade, que fornece a ideia de tempo conforme vimos no capítulo anterior através das formulações

do Projeto (FREUD, 1985 [1950]/1977) e do texto sobre o bloco mágico (FREUD, 1925/1976), está prejudicada. Isto ocorre como decorrência de uma vivência traumática da angústia, trata-se de uma espécie de defesa contra ela. Sem a possibilidade de emitir o sinal de angústia e invadido pela dimensão traumática deste afeto, o hipocondríaco forja uma defesa calcada em um superinvestimento no sistema Pcpt-Cs, isto é, uma hipervigilância do corpo, o que leva ao congelamento do fluxo temporal.

Em relação às manifestações corporais do traumático, Knobloch (1998) aponta que estes sintomas podem ser pensados como uma tentativa de congelamento do tempo, “como uma espécie de mumificação do tempo, o que impediria a circulação desse tempo, impedindo que o presente possa passar para que um novo tempo possa estar sempre surgindo” (p.57). Nesse sentido, a hipervigilância exercida pelo hipocondríaco, observada em seus sintomas, corresponde a uma defesa extrema contra a ação do traumático. Trata-se de uma defesa caduca, pois através dela experimenta-se uma espécie de morte psíquica. Tomando emprestada a expressão utilizada por Figueiredo (2008), haveria uma interrupção dos processos de trabalho psíquico no sentido da elaboração de outras impressões. Logo, “as alterações corporais das quais se queixam os hipocondríacos se referem a uma pseudopercepção erigida a partir da desautorização do processo perceptivo no sentido processual.” (PARABONI, 2014, p. 119). Interrompe-se, assim, o fluxo temporal instaurando-se um eterno retorno do presente.

No entanto, segundo Cardoso (2011), somente a partir de 1920 que temporalidade foi mais bem desenvolvida, ganhando outro estatuto na obra freudiana. Apenas quando teorizada em relação às neuroses traumáticas que a atualização pôde enfim se concretizar como impossibilidade de historicizar uma marca psíquica. Diferente de o retorno de uma representação, de um traço mnêmico que estaria mais próximo ao retorno do recalcado, a compulsão à repetição nos remete a impressões impossibilitadas de se inscreverem no psiquismo. Ou seja, a palavra atual se distancia do sentido de presente e passa a privilegiar o aspecto de atualização de algo que se deu no passado, mas não pôde ser vivido como tal.

- A angústia e as neuroses traumáticas: o eterno retorno do mesmo.

Conforme discutimos no capítulo anterior, Freud no texto de 1920, “Além do princípio do prazer”, reestrutura o seu dualismo pulsional a partir de uma série de questões clínicas.

Tais mudanças, no entanto, têm o seu cerne nas proposições de 1914, o que pode ser observado, por exemplo, no do resgate da questão das neuroses atuais na discussão em torno da hipocondria à luz das asserções sobre o narcisismo. Cardoso (2011) afirma que as neuroses atuais e as neuroses traumáticas possuem uma série de pontos de articulação, embora também haja claras diferenças. A nosso ver, uma linha de continuidade entre as duas diz respeito à dimensão da angústia traumática que comparece em ambos os tipos de neurose, o que pode ser observado pela temporalidade articulada a ela.

Conforme expusemos no primeiro capítulo, os fenômenos clínicos que levaram Freud a postular um mais além do princípio do prazer estão relacionados aos sonhos traumáticos e as chamadas neuroses de destino. O aspecto repetitivo de sua sintomatologia consiste em uma interseção entre estes. No entanto, diferente da repetição que discutimos em relação à passagem de uma angústia traumática para uma angústia sinal, ou mesmo das brincadeiras infantis, a repetição nas neuroses e sonhos traumáticos dizem respeito a um eterno retorno do mesmo. Como nos aponta Barrois (1998), depreende-se, assim, a complexidade da noção de repetição: ao mesmo tempo em que comporta um aspecto criador, possui uma vertente vinculada a uma espécie de automatismo maquínico. Estas considerações vão na mesma direção de Garcia-Roza (1987) que destaca a “repetição diferencial” da “repetição do mesmo” (p. 24). Enquanto a primeira concatena novidades, a segunda está mais próxima da noção de reprodução, na medida em que se caracteriza pela estereotipia. É justamente este último aspecto que se articula à angústia na dinâmica das neuroses traumáticas.

Conforme discutido no primeiro capítulo, a angústia na neurose traumática possui um aspecto importante de surpresa que justamente se contrapõe a um sinal frente ao perigo. Destaca-se a palavra usada por Freud para designar esta experiência, a saber: “*Schreck*”; que pode ser traduzida tanto por susto quanto por terror. Seguindo as proposições de Barrois (1998), este elemento surpresa faz com que as impressões atravessem o sistema pára-excitação de maneira que não se associam a qualquer representação. Conforme vimos a partir das hipóteses desenvolvidas na carta 52 (FREUD, 1896 [1950]/1977), forma-se uma espécie de enclave no aparato psíquico, corolário do fracasso do processo de representação. Esta experiência, que não se inscreve no registro da representação, não pode se associar a outras e acaba por se reproduzir literalmente. Este fenômeno foi observado por Freud através dos sonhos traumáticos, que são evidenciados pelo seu caráter de repetição

idêntica. A angústia nas neuroses traumáticas se caracteriza justamente por sua insistência. O que se repete não são representações, mas isto que não pode se inscrever e se apresenta como uma energia indiferenciada que desafia o psiquismo no sentido de dominá-la. Trata-se de uma insistência sem descanso e finalidade, uma repetição que a todo tempo assola o aparato psíquico (GONDAR, 1995). É justamente esta insistência que se apresenta nos sintomas na neurose traumática.

Diferente do retorno do recalçado que produz uma série de sintomas, isto é, uma elaboração psíquica, a repetição engendrada pela angústia em sua dimensão traumática está mais próxima daquilo que Roussillon (1999) denominou de retorno do clivado. Este diz respeito a um retorno idêntico a si mesmo, vinculado a uma impressão que insiste sem articulação a outras, porque não pôde encontrar um lugar na cadeia psíquica, não pôde ser elaborada. Esta experiência, diferente de desencadear uma lembrança encobridora construída a partir de um rearranjo de impressões, como no caso do Homem dos Lobos, ou uma série de retranscrições do passado como no exemplo do filme “Morangos selvagens”, acaba por desencadear o que Borges (2012) designa como uma “antimemória traumática” (p. 57) caracterizada por sua literalidade. A angústia que se repete engendra uma recordação traumática que se apresenta como literal. Estas lembranças, assim como a peça reproduzida por Caden Cotard no filme “Sinédoque, New York”, não são cenas, isto é, uma articulação de acontecimentos (HERZOG, 1998), mas a repetição idêntica de impressões. Sua literalidade e clareza apontam para uma fantasia estática que caracterizam uma espécie de “hiperlembrança”, ao contrário das lembranças encobridoras que são recheadas de conteúdos fantasmáticos.

Mas qual seria a temporalidade vinculada a esta experiência? Nas palavras de Borges (2012, p.71):

a recordação traumática, além de literal pela ausência de representação que a constitui, também pela fixidez de seus elementos pode ser considerada atemporal, porque revela um passado que, pelas artimanhas da fixação do trauma, se cristaliza como presente absoluto.

Logo, a temporalidade da angústia nas neuroses traumáticas pode ser pensada através da ideia de uma insistência do mesmo que resulta em um presente cristalizado. Trata-se de um passado que foi impossibilitado de se tornar passado e que através de sua insistência, tanto devido ao caráter de força constante da pulsão quanto a sua impossibilidade de

elaboração psíquica, transforma-se em uma sucessão de instantes idênticos a si. O passado volta como presente e o presente se repete, idêntico a si. Esta temporalidade ficará mais clara na sua articulação com o conceito de angústia automática.

- A angústia automática: do tempo vazio ao presente absoluto.

Conforme discutido no primeiro capítulo, a angústia automática, formulada no texto de 1926, consiste no afeto gerado diante da repetição da situação de desamparo inicial, distinguindo-se de sua versão mais elaborada, a angústia sinal. Repetição idêntica a si, como podemos vislumbrar na seguinte afirmação de Freud:“(...) o ser adulto não oferece qualquer proteção absoluta contra um *retorno* da situação de ansiedade traumática original.” (FREUD, 1926/1976, p.172). Nota-se que Freud utiliza a palavra “retorno”, ou seja, há a indicação de que a situação traumática original é repetida idêntica a si, ou melhor, retorna. De acordo com Pereira (2008), desta primeira situação traumática, o aparato psíquico pode conservar poucas impressões, uma vez que se trata de uma vivência “corporal assustadora e incompreensível, vazia de conteúdos representacionais minimamente organizados” (p. 183). Seguindo as indicações de Knobloch (1998) trata-se de uma impressão deixada pela expressão de uma pura intensidade. A angústia automática é uma insistência desta marca que se repete justo porque não foi possível estabelecer um sinal de perigo.

O traumático, desta situação, irrompe neste instante, interrompendo a continuidade do tempo, pois paralisa o trabalho psíquico. Sendo algo que interrompe a continuidade, pode-se dizer que a partir desta experiência marca-se uma diferença em relação à linearidade anterior. Ora, mas do que se trata esta diferença, uma vez que o que observamos é um retorno do mesmo? Segundo Knobloch (1998), este tempo “introduz na cadeira do representável o irrepresentável e, tal como um clarão, deixa aparecer o morrer.” (p.133). Foi justamente em relação à morte que Freud (1915/197) nos indicou uma impossibilidade de inscrição no inconsciente. Seguindo as indicações de Gondar (1995), se Freud atribui ao inconsciente a ausência de morte e de tempo, há uma articulação entre estas duas proposições: quando a morte chega, o tempo passa. No entanto, o que observamos em relação ao aspecto traumático da angústia é exatamente o contrário, ou seja, justamente o fato de que o tempo parece não passar. Qual seria então a especificidade do tempo na angústia automática?

Conforme esclarecemos ao longo dos capítulos, não se pode distinguir totalmente a angústia automática da angústia sinal. Esta última é uma elaboração da primeira. Em relação à temporalidade nos deparamos com a mesma questão. A cada vez que o aparato psíquico é assolado por excitações, o circuito de elaboração desta energia se refaz. A elaboração psíquica pressupõe uma sobreposição de dois tipos de repetição: enquanto a insistência pulsional se repete idêntica a si, a partir dela instaura-se uma repetição diferencial que acaba por atenuar a invasão pulsional, inscrevendo-a na cadeia psíquica: a própria angústia sinal é um efeito que só se configura *a posteriori*. A diferença de uma vivência traumática da angústia para aquela que desencadeia uma reconfiguração das impressões mnêmicas, uma produção de sentido, só pode ser observada depois, isto é, só sabemos depois se foi possível realizar uma elaboração ou se a invasão de excitações permaneceu do retorno da experiência inicial traumática de desamparo. Quanto à temporalidade, a questão é a mesma: poderá ser articulado um tempo de elaboração, como no caso do Dr. Isak de “Morangos Selvagens”, ou desencadear um eterno presente tal como na experiência de Caden Cotard de “Sinédoque, New York”. Logo, uma invasão intensiva, ou mesmo o encontro com o desamparo, não é necessariamente traumática, ela permite engendrar uma reconfiguração, um trabalho do aparato psíquico, mas também pode se configurar como um retorno idêntico e instaurar um presente sem articulação com o passado ou com o futuro.

De acordo com aquilo que foi discutido no capítulo anterior, a temporalidade vinculada à experiência de uma pulsionalidade que está para além do princípio do prazer, também presente na angústia de castração, por exemplo, é marcada pelo tempo do trágico, o tempo de quando se é abandonado pelos deuses, no qual o homem só pode ser remetido a si mesmo através de seu desamparo, deparando-se cara a cara com a morte. Diante deste tempo, não há a possibilidade de articulação, suspende-se qualquer noção de duração temporal, é o tempo do não-ligado. Estamos diante de um tempo que se localiza entre a eternidade e o tempo instituído por *Chronos* (o tempo que passa). No entanto, conforme observamos no capítulo anterior, é justamente este vazio temporal que pode desencadear a possibilidade de admitir a própria passagem do tempo. Podemos dizer que esta provém de uma subjetivação da situação de desamparo e, em última instância, da ideia de finitude. É também neste sentido que Gondar (1995) afirma que o desejo é tributário do encontro com

a morte: o desejo pode advir justamente daí, do encontro com este vazio que enseja um movimento psíquico. Na experiência da angústia automática, no entanto, o que observamos é uma paralisação e não o movimento característico do desejo. Como nos aponta Barrois (1998), a realidade do terror de uma situação traumática pode ser bem exemplificada pela relação entre a cobra e seus encantadores no Oriente. Há uma petrificação diante de um olhar absoluto. O olhar absoluto, seguindo as indicações de Pereira (2008) é o olhar de sua própria morte, que oniponte, te olha. Este aspecto de petrificação, de congelamento, decorrente deste olhar, nos aponta para uma outra noção temporal vinculada ao aspecto traumático da angústia. O tempo vazio se afirma como tal, sem que haja a possibilidade de ser motor de outro tempo, transformando-se em um presente absoluto. O tempo retorna idêntico a si: a cobra morde seu próprio rabo. O Não à toa Kierkegaard (2014) se refere à angústia como o momento do encontro do presente com a eternidade, isto é, quando o presente se faz eterno.

Uma passagem lembrada por Knobloch (1998), extraída do diário clínico de Ferenczi (1990), nos ajuda a destrinchar a questão da temporalidade relacionada à angústia automática. Ferenczi (1932/1990) se pergunta: “o que acontece quando o sofrimento aumenta e ultrapassa a força de compreensão do ser?” (p. 65). O autor responde que os sujeitos que vivenciam esta experiência:

partem para longe no universo, voam com uma rapidez enorme entre os astros, sentem-se tão delgados que passam, sem encontrar obstáculos, através de substâncias mais densas; lá onde estão não existe tempo; passado, presente e futuro estão presentes para eles ao mesmo tempo, numa palavra, têm a impressão de ter superado o espaço e o tempo (p. 65).

Logo, de acordo com Ferenczi (1932/1990), aquele que vive uma experiência de desamparo radical acaba por sair do tempo e da história, ou seja, depara-se com um tempo fora do tempo. O encontro com uma dor insuportável, neste caso, não engendra a passagem do tempo, mas a sua paralisação. Knobloch (1998) denomina esta temporalidade, relacionada ao traumático, como o “presente absoluto” (p.119). O “presente absoluto” não é apreendido por uma representação, trata-se de um presente sem presença, é “o tempo da ausência de tempo” (KNOBLOCH, 1998, p. 123). A autora recupera Blanchot (1969) em uma bela passagem na qual ele afirma que o tempo no presente absoluto se confunde com o seu próprio intervalo, consistindo em um infinito inesgotável e vazio. Diferente da

experiência em que este “tempo vazio” engendra outras possibilidades de vida, o que observamos aqui é uma experiência na qual se vive a própria morte. Através do retorno da mesma situação de desamparo inicial e da impossibilidade de elaborá-la, instaura-se um presente sem presença no qual a própria morte psíquica passa a ser experimentada. Retorna-se sempre ao mesmo instante, o tempo não pode passar, torna-se pedra, assim como todos em Pompéia. Logo, o tempo articulado à angústia automática, embora possua um ponto de interseção com o tempo de uma experiência de angústia que engendra o novo, desencadeia um presente absoluto abatendo-se sobre o sujeito que acaba por viver sua própria morte. Para finalizar, uma poesia, que como Freud tantas vezes frisou, é muito mais eficiente para falar das questões humanas:

Em tardes sem nome às vezes ocorre
 Se o sol, de viés, se debruça no mar
 E a noite suspensa os braços escorre
 E os dedos se pendem, estanques no ar

Num tempo sem tempo a alma se atira
 À recôndita altura, ao profundo abissal,
 E algo num canto de nós se revira
 Qual bicho que sonha seu urro final

E então o vazio, este vulto andrajoso
 Este dente sem boca que nos rói
 Recai sobre nós – e assim é custoso

Lembrar de outro tempo em que se diria
 Que o mesmo vazio que nada constrói
 É a tela em branco onde tudo se cria. (NAVES, no prelo)

- Considerações finais:

“(...) esse monstro de duas cabeças, danação e salvação – o tempo.” (Beckett, 2003, p.6)

O caminho percorrido desencadeou uma série de considerações que, em última instância, remetem à clínica psicanalítica. Destacamos que na obra freudiana duas dimensões da angústia podem ser delineadas desde os primeiros escritos. Em 1926, contudo, estas duas dimensões se mesclam, tornando difícil uma separação tão clara quanto a estabelecida na primeira teoria sobre este afeto. Este dois aspectos, um traumático e outro mais elaborado, são mais bem esclarecidos quando articulados à questão do tempo. Observa-se, portanto, que embora Freud não tenha se dedicado a esta problemática, o conceito de angústia nos instiga a pensar o tempo de diferentes formas, evidenciando a sua importância na teoria psicanalítica.

Falar de teoria psicanalítica é também se remeter à prática clínica: o que impulsionou o nosso estudo sobre as dimensões da angústia e da temporalidade articulada a elas foi sem dúvida a experiência clínica. Como aponta Pereira (2008), a clínica com pacientes diagnosticados pela psiquiatria com transtorno de pânico, por exemplo, evidencia que grande parte dos sujeitos com este diagnóstico se aproximam de uma vivência traumática da angústia que desencadeia um congelamento temporal. Em contrapartida, conforme observamos, os casos discutidos por Freud, como o do Pequeno Hans e o Homem dos lobos, apontam para a uma vivência mais elaborada deste afeto, que pode ser associada à angústia de castração. É a partir da experiência clínica com esta dimensão da angústia que boa parte do aparato teórico-clínico psicanalítico foi erigido. Não por acaso, a metáfora de Roma foi estendida não só para o aparato psíquico, mas para a técnica de interpretação: o trabalho psicanalítico foi caracterizado por Freud, em diferentes momentos da teoria, como um processo análogo ao do arqueólogo que busca diversas camadas de sedimentos superpostos para reconstruir as civilizações antigas. Principalmente através da influência de Lacan (2005), a interpretação deixou ter como objetivo a (re) construção de uma história individual, o que correria o risco de uma imantação pelo plano do imaginário, e passou a consistir, *grosso modo*, em viabilizar através da interpretação o encontro com a falta e, logo, a angústia. Somente assim que o desejo poderia emergir. O trabalho analítico

comporta uma aposta de que através do encontro com o rochedo da castração, isto é, com a impossibilidade, provoque-se o desejo, a produção de novos sentidos. Acredita-se, assim, que o tempo vazio, articulado a uma dimensão para além do princípio do prazer viabilize um tempo de elaboração e criação.

Embora não pretendamos um maior aprofundamento nesta problemática, uma questão é evidente: a direção do tratamento jamais será calcada na tentativa de aplacar completamente a sensação de angústia, uma vez que tal tarefa seria tão árdua como a de Sísifo, afinal, trata-se de “exigências da vida” (*Not des Lebens*) (FREUD, 1895 [1950]/1977, p. 397). A proposição psicanalítica está longe de prometer uma anulação total da angústia, o que nos leva a crer que este afeto pode ser considerado para a psicanálise inerente à condição humana. Esta posição é ressaltada pela perspectiva trágica de Freud vislumbrada principalmente no texto de 1930 “Mal estar na civilização”: não há nenhum progresso frente ao desamparo. Bem como exposto em “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1937/1975), embora o trabalho de análise se confronte sempre com esta barreira intransponível, a saber: a angústia e o desamparo, este não é um impeditivo para o processo analítico, muito pelo contrário, talvez seja até mesmo o seu ponto de partida. O psicanalista lida justamente com a angústia e a possibilidade de dar destinos para este afeto, sendo o trajeto analítico comparável a uma espécie de travessia da dor (FORTES, 2012). Estaríamos diante de uma perspectiva trágica, pois não se trata de negar a dor, nem de exaltá-la, mas de poder aceitá-la e fazer dela um desencadeador de novos modos de sofrer e de satisfação. Nesse sentido, a angústia, mais especificamente a angústia de castração, é tratada como o afeto passível de deslocar os fortes alicerces protetores que, de certa forma, organizam a realidade através da lente da fantasia (FORTES, 2012). É através deste processo que o dispositivo analítico pretende ajudar na criação de uma “estilística da existência” para usar o termo de Birman (1996). Ora, fica evidente que estamos nos referindo aqui a uma experiência de angústia que embora comporte um aspecto que está para além do princípio do prazer, possibilita uma produção de sentido, ou seja, trata-se de uma dimensão desse afeto que não desencadeia uma progressão traumática, mas como vimos, produz em um *a posteriori* uma reordenação, ou produção de sentidos.

Articulando estas considerações à nossa proposição de que há duas faces da angústia, uma série de questões se apresenta ao psicanalista: o manejo clínico será o mesmo

diante de problemáticas em que a angústia é traumática? Qual seria então a direção do tratamento quando nos afastamos deste modelo, mais especificamente, quando nos aproximamos de uma experiência de angústia que ressalta uma marca traumática – como observado em relação à vivência de dor, às neuroses atuais e às neuroses traumáticas? Não se trata, nestes casos, de permitir que haja o encontro com o desamparo: a paralisação gerada pela angústia diante deste já está posta de saída. O tempo vazio não desencadeou uma elaboração, estamos lidando com um congelamento psíquico, com um tempo calcado no signo de um presente absoluto. Fomentar uma discussão sobre a direção do tratamento nestes casos é de suma importância, uma vez que, como apontam alguns autores, mas também, a nossa experiência clínica, observa-se uma prevalência deste tipo de sofrimento na contemporaneidade.

De acordo com Birman (2012) os sofrimentos atuais são caracterizados principalmente pela sua marca traumática que está correlacionada a uma mudança no contexto social em relação à época em que Freud iniciou seus escritos (fim do século XIX). Uma das formas de abordar essas mudanças consiste em estabelecer um debate marcado pela constatação de uma transformação, ou decadência para os mais pessimistas, dos grandes projetos sociopolíticos modernos e do sentido histórico, o que culminaria em um suposto fim da história relacionado a uma reconfiguração da experiência temporal. O passado perdeu sua capacidade de conceder inteligibilidade ao caótico fluir do tempo, bem como seu poder de dar um estofado narrativo para uma mítica que possibilita a construção da singularidade das histórias individuais (SIBILIA, 2008) A este propósito, muito se fala da sensação de viver em um perpétuo presente como uma característica da contemporaneidade. Se considerarmos a dimensão temporal uma categoria sócio-cultural, podemos pensá-la como reflexo de uma determinada organização simbólica. Nessa direção Guy Debord (1997) indica o tempo congelado como uma das características da sociedade do espetáculo.

Sibilia (2008), por sua vez, discorre sobre as formas de narrativa e, em última instância, de subjetivação, que surgem diante desta configuração social. Para a autora, mais do que viver na alastrada temporalidade de Roma, hoje, estaríamos próximos de uma sucessão de instantes que caracteriza a metáfora de Pompéia. Estranha Pompéia, pois além de comportar um caráter de instantes desconectados com o passado, também se articula a

uma exigência de constante mudança. O que é almejado nos dias de hoje é uma subjetividade eficaz e visível e, sobretudo flexível. Ehrenberg (2010) esboça considerações semelhantes ao apontar que na contemporaneidade destaca-se a figura sociológica do indivíduo trajetória. Este não tem seu destino traçado por uma herança simbólica, ele necessita “constituir uma genealogia ao inverso, uma história feita de percursos”: trata-se de uma espécie de herói moderno individualizado (EHRENBERG, 2010, p. 73). Entende-se, assim, o sujeito como uma criatura completamente individual, como um “*self-made man*” (CASTEL, 2010). A radicalização desta perspectiva é muito bem ilustrada por uma anedota citada no livro “As surpreendentes aventuras do Barão de Munchausen” (RASPE, 2014) na qual o personagem principal escapa do pântano puxando a si mesmo pelos próprios cabelos. Uma lógica do empreendedor de si mesmo, bem como um ideal de autonomia, se apresentam como uma espécie de injunção ao indivíduo contemporâneo. Diante destas considerações, depreende-se uma dupla questão em relação à temporalidade nos dias de hoje: observa-se uma noção temporal que se aproxima de uma lógica do instante no presente, mas também há uma imposição de que este seja um tempo produtivo, um tempo de mudança.

No entanto, a concepção, de um sujeito autônomo e autossuficiente, de acordo com Castel (2010), representa tanto a realidade quanto um mito. Realidade porque de fato a sociedade atual, promove e celebra indivíduos que constroem a si mesmos e uma entidade mítica, uma vez que não faltam exemplos de que esta soberania é algo que beira o inalcançável. É nesse sentido que certas patologias podem ser entendidas como marcadores sociais frente a este ideal de autonomia individual. Conforme ressalta Birman (2012), as modalidades de mal-estar contemporâneas são atravessadas pela espacialidade do tempo correlata ao aspecto traumático. Ora, se pensarmos o *pathos* como uma resistência a uma lógica que se impõe a ele, nada mais óbvio que os sintomas nos dias de hoje expressem justamente como um tempo que se recusa a ser um tempo de produção. A insistência traumática dos sintomas atuais e sua temporalidade calcada em um presente absoluto podem ser entendidas justamente nesta confluência entre uma expressão e uma resistência aos tempos contemporâneos.

Voltando a nossa questão, é justamente a angústia traumática e seu aspecto de paralisção que se destaca nos dias hoje. Diante desse quadro, como possibilitar que

angústia traumática e seu tempo presente absoluto possa se desvincular de uma experiência de morte para uma saída mais criativa? Conforme indicamos, no dispositivo analítico clássico tratava-se de apontar na direção do desamparo para que, através da angústia, fosse produzido o desejo. Mas e nesses casos em que a angústia já está à mostra e insistindo de maneira traumática? Um caminho possível pode estar justamente na vertente intensiva que estes sintomas apresentam.

Trata-se de viabilizar a possibilidade de transformar a intensidade da dimensão traumática em uma “angústia de desejo” para usar os termos de Herzog (1994). Esta não está relacionada a uma repetição atenuada, mas aponta para a vertente pulsional que este afeto comporta. Na mesma direção, a autora (HERZOG, 2001) indica que o desejo possui duas faces não contraditórias, mas complementares: uma relacionada à busca e outra ao impulso. Nesses termos, o desejo, de um lado, estabelece uma busca incessante de sentido e, do outro, comporta uma dimensão disruptiva, consistindo em uma espécie de motor da própria realidade psíquica. O desejo teria, portanto um aspecto de potência transformadora que não se reduz à sua inscrição em uma lógica fálica, isto é, que não remete a uma busca da unidade perdida (HERZOG, 2001). Se a angústia em sua vertente traumática é caracterizada, sobretudo, pela sua dimensão de excesso pulsional impossibilitado de ser elaborado psiquicamente, ela não comportaria em si uma potência? Objetiva-se justamente positivar este aspecto intensivo nas múltiplas formas do devir sujeito. Seguindo as indicações de Herzog (2001), no âmbito da clínica, não se trata mais de assumir a castração ou a falta, mas de pensar em um processo de permanente diferenciação. Zaltzman (1993) traça considerações na mesma direção ao afirmar que “numa relação de forças sem saída, só uma resistência nascida das próprias fontes pulsionais de morte pode afrontar a ameaça de perigo mortal.” (p. 64). A esta vertente da pulsão de morte, que possibilita um aspecto de resistência ativa, a autora denomina “pulsão anarquista”. Esta surge quando todas as formas de vida se desmoronam e justamente a partir daí pode-se extrair uma força de sobrevivência. O momento em que a proximidade com a morte se faz presente é também quando a vontade individual de viver pode comparecer. Isto só é possível, segundo Zaltzman (1993), quando o sujeito submetido a situações limites pode captar que a destruição obedece a leis próprias que pertencem somente a ela. Ao analista, cabe respeitar esta ruptura e tornar-se testemunha dela. Trata-se de olhar para a dimensão traumática da

angústia e seu tempo congelado não como uma resistência à criação ou sob o viés de um déficit que remete a uma patologia. Faz-se importante reconhecer nesta força destrutiva o cerne de uma potência, uma dimensão de “protesto vital” (ZALTZMAN, 1993, p. 92). O analista, portanto, pode vislumbrar que a angústia em sua dimensão traumática articulada ao presente absoluto comporta a virtualidade de outros tempos, deixando de entendê-la como um negativo. Fazemos assim como Perseu, que não se mesmeriza pelo olhar paralisador da Medusa, mas ao cortar a sua cabeça, observa nascer do sangue escorrido o alado Pégasus.

Referências bibliográficas:

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1984.
- ANDRE, J. (2001) Entre angústia e desamparo. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, Dec.
- ANDRE, J. (2001) O acontecimento e a temporalidade: o après-coup no tratamento. *Ide (São Paulo)* [o]. 2008, vol.31, n.47, pp. 139-167.
- ANDRE, J. (2013) O a posteriori transferencial dos traumas do início da vida. *Ágora*. Rio de Janeiro. V. 15, n. 2 p. 127-140.
- ANTONELLO, D.; GONDAR, J. (2012) As diferenças na memória no âmbito da obra freudiana: contribuições à teoria do trauma. *Psicanálise & Barroco em revista* v.10, n.2, p.127-140, dez.
- ANTONELLO, D; HERZOG, R. (2012) A memória na obra freudiana, para além da representação. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 64, n. 1, abr.
- BAUDELAIRE, C. (1985) *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARROIS, C. (1998) *Les névroses traumatiques. Le psychothérapeute face aux détresses des chocs psychiques*. 2^a édition. Paris: Dunod.
- BECKETT, S. (2003) Proust. São Paulo: Cosac & Naify.
- BIRMAN, J. (1996) *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34.
- BIRMAN, J. (2012) *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- BIRMAN, J. (2012a) “A dor na constituição do discurso freudiano”. In: Fortes, I. A dor psíquica (prefácio), Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- BORGES, G. (2012) *Neurose traumática. Fundamentos e destinos*. Curitiba: Juruá.
- CANGUILHEM, G. (1995) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- CANGUILHEM, G. (1999). Que é a psicologia? *Revista Impulso*, v.11, n.26, p. 11-26. (Trabalho original publicado em 1958).
- CAMPOS, E.B. (2004) A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Jan.

CARDOSO, M. (2011) Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 14, n. 1, Mar.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. (2006) Compulsão à Repetição: Um Retorno às origens da Metapsicologia Freudiana. *Ágora*. Rio de Janeiro, vol. IX n. 2 Jul/Dez.

CASTEL, R. (2010) L'autonomie, aspiration ou condition ? IN: www.laviedesidees.fr
Acesso: fevereiro de 2015.

D'AMARAL, M. (2003) Sobre o tempo: considerações intempestivas. In: Marcio Doctors (org.) *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DAVID-MÉNARD, M. (2000) *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachett e Littératures,.

DEJOURS, C. (1998) *O corpo entre a biologia e a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

DICKSON, E. (1998). The mystery of pain. In: *The Poems of Emily Dickinson*. R.W. Franklin (ed.). Belknap Press of Harvard Univ. Press. (originalmente publicado em 1896)

DUBOIS, P. (1993) *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus.

DUBOIS, P. (1995) A foto-autobiografia: a fotografia como imagem-memória no cinema documental moderno. *Imagens*. n. 4.

EHRENBERG, A. (2010) *O culto da performance. Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias & Letras.

FERENCZI, S. (1932/1990) *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes.

FERENCZI, S. (1928/1992) A elasticidade da técnica psicanalítica. In: *Sándor Ferenczi. Obras completas*, v. IV. São Paulo: Martins Fontes.

FIGUEIREDO, L.C. (1999) As províncias da angústia (Roteiro de viagem). *Revista de Psicopatologia Fundamental*, 2 (1), 50-63.

FIGUEIREDO, L.C. (2008) “*Verleugnung*. A desautorização do processo perceptivo”. In: Figueiredo, L. C.. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, p. 57-75.

FREUD, S. A psicoterapia da histeria. In: BREUR, J. ; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 309-364. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2). (Trabalho original publicado em 1895).

_____. (1893) Rascunho B: a etiologia das neuroses. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (originalmente publicado em 1950)

_____.(1894) Rascunho E: como se origina a angústia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (originalmente publicado em 1950)

_____. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (originalmente publicado em 1950).

_____. (1895a) Rascunho G. Melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (originalmente publicado em 1950).

_____. (1895b) Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1896) Carta 52. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (originalmente publicado em 1950).

_____. (1898) A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____.(1900) A interpretação dos sonhos (Segunda parte). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1907) Delírios e sonhos na ‘Gradiva’ de Jensen. . In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1912) Contribuições a um debate sobre a masturbação. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12.* Rio de Janeiro: Imago, 1977. .

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) Repressão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915a) O inconsciente. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915b) Os instintos e suas vicissitudes. . In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1917). Conferência 25: a ansiedade. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1919) O estranho. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do eu. In J Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1922) A cabeça de medusa. In: J Strachey (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (originalmente publicado em 1940)

_____. (1923) O ego e o id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1925) A negativa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1925a) Um estudo autobiográfico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1926) Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1927) O futuro de uma ilusão. Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1925) Um estudo autobiográfico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1930) O mal-estar na civilização. Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1933) Ansiedade e vida instintual. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FORTES, I. (2006) Estrutura e temporalidade na psicologia e na psicanálise. *Ágora (Rio J.)*, vol.9, n.2, pp. 193-206

FORTES, I. (2010) L'actualité de la 'névrose actuelle' freudienne. *Figures de la psychanalyse*. n 19, v 1, p. 235-249.

FORTES, I. (2012) *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

FORTES, I. (2013) A dor como sinal da presença do corpo. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, dez. 2013.

GARCIA-ROZA, L.F. (1987) *Acaso e repetição em psicanálise. Um introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GARCIA-ROZA, L.F. (2008) *Introdução a metapsicologia freudiana volume 1: Sobre as afasias (1891). O projeto de 1895*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

GREEN, A. (1982) *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

GONDAR, J. (1993) “Tempo e castração”. In: Figueira, S. (org.) *A palavra e o silêncio: construções do saber psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 113-124.

GONDAR, J. (1995) *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter.

GONDAR, J. (1996) “A multiplicidade de tempos na metapsicologia”. In: Katz, C. (org) *Temporalidade e psicanálise*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 67-88.

GONDAR, J. (2001) Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2.

GONDAR, J. (2006) Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*. Rio de Janeiro. V.9, n 1, p. 103-117.

HANS, L.A. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

HERZOG, R. (1994) Uma contribuição à concepção de angústia. *Temp. Psic.* Rio de Janeiro, n 27, p. 76-92.

HERZOG, R. (1994a) Da angústia de Desejo à angústia de Castração. *Revista de psicologia e psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 49-59, jun./set. .

HERZOG, R. (1998) A psicanálise e os novos paradigmas. *Percurso*. Ano X, no. 20 –, São Paulo, p.65-70.

HERZOG, R.(2001) “As duas faces do desejo.” In: *O estranho na clínica psicanalítica*, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

HERZOG, R. (2003) O estatuto da Bindung na contemporaneidade. *Interações* v.8 n.16 São Paulo, dez.

HÖLDERIN, Friedrich. (1994) *Observações sobre o Édipo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

JORDÃO, A. (2009) *Narcisismo: do ressentimento à certeza de si*. Curitiba: Juruá.

JUNQUEIRA, C.; COELHO JR., N.E. (2006) Freud e as neuroses atuais: as primeiras observações psicanalíticas dos quadros borderline? *Psi. Clin. Rio de Janeiro*, vol. 18, n 2, p. 25-35.

KIERKEGAARD, S. (2014) *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes.

KLEIN, T. (2011) “Algumas considerações sobre a melancolia, sua clínica e vicissitudes.” Monografia de final de curso. Graduação em Psicologia- UFRJ, 2011.

KNOBLOCK, F. (1998) *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ.

LACAN, J. (1963/2005) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

LAPLANCHE, J. (1985) *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J. (1987) *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes.

LAPLANCHE, J. (2006) *Problématiques IV: l'après-coup*. Paris: PUF.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (2001) Vocabulário da psicanálise. 4ª Ed. São Paulo: Martins fontes.

LOURENCO, L. (2009) A pulsão de morte e a gênese da angústia. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 101-117.

MELLO, R. (2012) “A problemática da clivagem: aspectos teóricos e clínicos”. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NAVES, E. A vida das nuvens. No prelo.

NAVES, E.; KLEIN, T. (2012) Coralina e o abismo dos vagalumes. Disponível em: <http://coralinaeoabismo.blogspot.com.br/> Acesso: Junho de 2015.

NIETZSCHE, F. (2001) *Além do Bem e do Mal*. Curitiba: Hemus. (publicado originalmente em 1886)

NIETZSCHE, F. (2008). *Assim falou Zaratustra* (17a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (publicado originalmente em 1883).

OBAID, F. (2012) Intervenciones freudianas sobre el problema de la nerviosidad: la neurosis de angustia como crítica al paradigma neurasténico de la modernidad de George M. Beard. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 15, n. 2, June.

OLIVEIRA, L.A. (2003) “Imagens do tempo.” In: Doctors, M. (org) *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PARABONI, P. (2014) “Angústia e perseguição na hipocondria: a eterna atualização do mesmo”. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PELBART, P. (1996) “O tempo não–reconciliado.” In: Katz, C. (org) *Temporalidade e psicanálise*. Petrópolis, Rj: Vozes.

PEREIRA, M. (2008) *Pânico e desamparo: Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

PRIGOGINE, I. (1990) *O nascimento do tempo*. Lisboa: Ed. 70.

PROUST, M. (1983) *Em busca do tempo perdido*. Porto Alegre: Ed.Globo,.

PONTALIS, J. (1991) “Atualidade do mal-estar.” In: *Perder de vista: da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Zahar.

RASPE, R.E. (1785/2014) *As surpreendentes aventuras do Barão de Munchausen*. São Paulo: Cosacnaify.

RITTER, P. (2013) Confluências entre as neuroses atuais e as patologias da atualidade. Dissertação de mestrado (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROCHA, Z.(2000) *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Editora Escuta.

ROCHA, Zeferino. A dor física e psíquica na metapsicologia freudiana. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 11, n. 2, 2011 .

SACEANU, P. (2001) “O estranho e seus destinos.” Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica- UFRJ, 2001.

SAFOUAN, M. (1986) *Seminário: Angústia-sintoma-inibição*. Campinas: Papirus.

SCHNEIDER, M. (1993) *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta.

SIBILA, P. (2008) *O show do eu. A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

VERNANT, J.P. (2000) *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras.

VIEIRA, M. A., (1999) A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura. *Latusa*. Rio de Janeiro, v 1, n4/5, p.123-138.

ZALTZMAN, N. (1993) *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta.

WINNICOTT, D. W. (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1963). O medo do colapso (*Breakdown*). In: Winnicott, C.; Shepherd, R.; Madeleine, D. (org). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WORDSWORTH, W. *The Collected Poems of William Wordsworth*. Wordsworth Editions, 1994.